

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Emily Hozokawa Dias

A igreja transante: política, religião e comunicação digital
no Dunamis Movement

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, da Escola de Comunicações e Artes, Área de Concentração: “Ciências da Comunicação”, Linha de Pesquisa: “Comunicação: Interfaces e Institucionalidades”, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Richard Romancini

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Dias, Emily Hozokawa

A igreja transante: política, religião e comunicação digital no Dunamis Movement / Emily Hozokawa Dias; orientador, Richard Romancini. - São Paulo, 2023.
143 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia
Versão original

1. Comunicação Digital. 2. Dunamis Movement. 3. Conservadorismo Político e Religioso. 4. Juventude e Religião. 5. Racionalidade Neoliberal. I. Romancini, Richard . II. Título.

302.2

CDD 21.ed. -

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Richard Romancini
(orientador)

Profa. Dra. Priscila Chéquer
(examinadora)

Prof. Dr. Jorge Miklos
(examinador)

Em memória de Luiz Carlos Cancellier.

AGRADECIMENTOS

A Midori e ao Joel, meus pais, e a Ludmila, minha irmã, que foram a minha principal base de apoio nesse momento dividido entre pesquisa e trabalho.

Ao Tiago, que esteve comigo no cotidiano desse desafio.

A Amanda e a Daniella pelo amor e “alívio cômico” proporcionados.

A Débora, Marina, Ana Carolina pelos momentos de respiro, amor e generosidade em compreenderem a minha ausência nesse período.

Ao Jean-Claude e ao Rubens pelas palavras de sabedoria, pela troca e por terem compreendido minha ausência. Estou voltando.

A Cristiano, Renato, Rodrigo pela insistência em serem meus amigos.

A todas as mulheres que limpam as bibliotecas.

A Rita von Hunty, Cristiano Botafogo, Pedro Daltro, Jones Manoel, Sabrina Fernandes, Galo, Chavoso da USP, sem vocês essa pesquisa não seria possível. Por favor, continuem. Continuemos.

A Maria pelas prontas respostas e sabedoria em lidar com estudantes afobados.

A Jéssica, Viviane, Andressa, Ana Julia, Fernanda, Helen, pela amizade, por “não soltarem a mão de ninguém” e por compartilharem os momentos bons e ruins da caminhada acadêmica.

Ao Ricardo, Eduardo, Patrícia, Zezé, pelas aulas, pela generosidade e carinho.

A Priscila, Heloísa, Joanildo, Magali, Juliano, pelas trocas, pelas conversas, por tornarem o ambiente acadêmico mais acolhedor.

Ao Richard pelo risco assumido, pela paciência, pelo incentivo e pela generosidade com essa aprendiz de pesquisa.

RESUMO

Este estudo investiga as estratégias de comunicação digital adotadas pelo Dunamis Movement, um caso significativo de grupo evangélico que faz uso intensivo de plataformas digitais, que se dirige à juventude e elabora discursos morais e políticos de teor conservador. Para compreender o objeto, a pesquisa explora teorias como as da secularização, de Berger (1985), a da identidade subcultural religiosa, proposta por Smith (1998), e a da racionalidade neoliberal, de autores como Dardot e Laval (2016). Apresenta-se um contexto histórico das mídias evangélicas e da presença dos evangélicos na política brasileira, bem como uma análise da juventude brasileira e sua relação com o universo religioso, na contemporaneidade. Com base nesse arcabouço teórico e contextual, a pesquisa teve como objetivos principais investigar a dinâmica do grupo Dunamis nas redes sociais em relação às eleições de 2022 e as estratégias comunicacionais empregadas por este, compreendidas como mais eficazes, dado o número expressivo de seguidores. O trabalho utiliza o método do estudo de caso, o que compreende a utilização de dados documentais, que permitiram descrever a trajetória do grupo em estudo e são feitas análises de conteúdo de dados digitais produzidos pelo Dunamis ou relacionados a ele. Os resultados da pesquisa revelam a expansão global do movimento, a adoção de discursos “coaching”, alinhados com a filosofia do “make yourself” do neoliberalismo, bem como o impacto positivo na campanha pró-Bolsonaro e o consequente aumento de seguidores. Essas descobertas ilustram as interconexões entre comunicação, política e religião no caso do Dunamis Movement, no que chamamos de uma forma estratégica de “igreja transante”, ou seja, que utiliza formas comunicações atrativas, em linguagem mais leve, com humor e referências ao mundo pop, voltadas à juventude, mas possuindo teor substantivo conservador.

ABSTRACT

This study investigates the digital communication strategies adopted by the Dunamis Movement, a significant case of an evangelical group that makes intensive use of digital platforms, addresses young people, and produces conservative moral and political discourses. To understand the subject, the research explores theories such as secularization, by Berger (1985), religious subcultural identity, proposed by Smith (1998), and neoliberal rationality, by authors such as Dardot and Laval (2016). A historical context of evangelical media and the presence of evangelicals in Brazilian politics is presented, as well as an analysis of Brazilian youth and their relationship with the religious universe in contemporary times. Based on this theoretical and contextual framework, the main objectives of the research were to investigate the dynamics of the Dunamis group on social networks in relation to the 2022 elections and the communication strategies it employs, which are understood to be the most effective, given the significant number of followers. The work uses the case study method, which includes the use of documentary data to describe the trajectory of the group under study and content analysis of digital data produced by Dunamis or related to it. The results of the research reveal the global expansion of the movement, the adoption of "coaching" discourses in line with the "make yourself" philosophy of neoliberalism, as well as the positive impact on the pro-Bolsonaro campaign and the consequent increase in followers. These findings illustrate the interconnections between communication, politics, and religion in the case of the Dunamis Movement, in what we call a strategic form of "cool church", that is, one that uses attractive forms of communication, in lighter language, with humor and references to the pop world, aimed at youth, but with a substantive conservative content.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Publicação sobre o carnaval.....	59
Figura 2 – Levantamento socioeconômico de jovens de 15 a 29 anos no Brasil	61
Figura 3 – Projeção sobre transição religiosa no Brasil em 2032	63
Figura 4 – Usuários de internet no Brasil por faixa etária	64
Figura 5 – Equipamento utilizado para o acesso de internet (%).....	66
Figura 6 – Participação de jovens em grupos, coletivos e associações.....	68
Figura 7 – Opinião dos jovens sobre formas de atuação que podem melhorar o Brasil	69
Figura 8 – Participação em associações e entidades	71
Figura 9 – Publicação no TikTok com pregação de cura de depressão e de pensamentos de suicídio, de 21 abr. 2021	86
Figura 10 – Presença digital do Dunamis Movement (principais perfis).....	87
Figura 11– The Send Brasil 2020	91
Figura 12 – Chaveiro Jesus Pixel produto vendido no site Dunamis Store	92
Figura 13 – Constante mudança de nome do perfil thedunamismovement.....	104
Figura 14 – Número de publicações nos perfis do Dunamis Movement nas redes sociais YouTube, Twitter e Instagram entre 2021 e 2022.....	107
Figura 15 – Seguidores do dunamismovement no Twitter por sexo	108
Figura 16 – Distribuição de seguidores do perfil dunamismovement no Twitter.....	109
Figura 17 – Crescimento de seguidores do perfil dunamismovement no Instagram, de 2021 a 2022	111
Figura 18 – Hashtags utilizadas no perfil Dunamis Music, no YouTube, em 2021...	112
Figura 19 – Hashtags utilizadas no perfil Dunamis Music, no YouTube, em 2022...	113
Figura 20 – Hashtags utilizadas em 2021 com ênfase em conteúdos não autorreferenciados	114
Figura 21 – Hashtags utilizadas em 2022 com ênfase em conteúdos não autorreferenciados	114
Figura 22 – Trechos com Bolsonaro durante campanha eleitoral de 2022	116
Figura 23 – Evangélicos no Brasil por votos válidos no primeiro turno das eleições presidenciais de 2022	118
Figura 24 – Publicações de campanha de Henrique Krigner para vereança	121
Figura 25 – Publicação de Henrique Krigner sobre demissão do jogador de vôlei Maurício Souza, em 28 out. 2021	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Crescimento representativo de evangélicos na Câmara de Deputados .	49
Tabela 2 – Normas de comportamento (resposta estimulada)	58
Tabela 3 – Crença religiosa e influência na vida cotidiana dos jovens	72
Tabela 4 – Cursos oferecidos pelo Dunamis Movement.....	79
Tabela 5 – Levantamento de perfis do Dunamis Movement nas redes sociais	105
Tabela 6 – Exemplos de descrições de perfil de seguidores do dunamismovement com posicionamento político	110
Tabela 7 – Vídeos publicados em 2021 e 2022 categorizados por programas	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

API	Application Programming Interface
CD	Câmara dos Deputados
CDH	Comissão de Direitos Humanos
CF	Câmara Federal
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
Conjuve	Conselho Nacional de Juventude (Conjuve)
CGIIRC	Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato
Elsa	Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto
Funai	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISSP	International Social Survey Program
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais
MBL	Movimento Brasil Livre
MPF	Ministério Público Federal
NTICs	Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PL	Partido Liberal
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua
PODE	Podemos
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático
STF	Supremo Tribunal Federal
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UnB	Universidade de Brasília
UniRio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

YWAM

Youth With A Mission

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	13
<i>1. TEORIA DA SECULARIZAÇÃO E O NEOLIBERALISMO NA RELIGIÃO EM DEBATE</i>	22
1.1. Teoria da secularização sobrevive?	22
1.1.2. Pluralismo e identidade subcultural evangélica	27
1.2. Para além da economia: racionalidade neoliberal.....	32
1.2.2. Programa neoliberal, redes sociais e o conservadorismo moral e religioso	34
<i>2. MÍDIA, POLÍTICA E JUVENTUDE EVANGÉLICA EM PERSPECTIVA</i>	38
2.1. Um retrato sobre a mídia evangélica no Brasil	38
2.1.2. “Deixa seu like” - Religião nas plataformas digitais.....	43
2.2. Um panorama sobre os evangélicos na política brasileira.....	48
2.2.1. Aspectos teológicos do engajamento político evangélico no Brasil	56
2.3. Juventude evangélica, redes sociais e engajamento político	61
<i>3. DUNAMIS MOVEMENT</i>	76
3.1. Mas afinal, o que é Dunamis Movement?	76
3.2. Origem, parcerias e inspirações.....	88
3.3. Visão teológica	93
3.3.1. Teologia da Prosperidade	93
3.3.2. Teologia do Domínio	96
3.3.3. Sete esferas da sociedade	98
<i>4. COMUNICAÇÃO DIGITAL DO DUNAMIS MOVEMENT</i>	103
<i>NOTAS CONCLUSIVAS</i>	127
<i>REFERÊNCIAS</i>	132
<i>ANEXO 1 - Deputados Evangélicos Eleitos - 57ª Legislatura</i>	141

INTRODUÇÃO

O fascismo avança a plenos pulmões.
Rita von Hunty

Para Bourdieu, tanto o objeto, quanto o sujeito da investigação são figuras coletivas, sociais, de forma que, a(o) cientista deve estar contida(o) na pesquisa, mas de maneira não narcísica, ou seja, de modo a não usurpar o protagonismo do objeto de estudo por destaque excessivo à autoria (LOPES; ROMANCINI, 2014, p. 130). E esse conhecimento social gerado deve ser submetido às atrizes e aos atores do campo para ser reconhecido como conhecimento científico. Tendo isso em vista, coloco aqui meu interesse pelo fenômeno estudado também a partir da minha trajetória de vida, marcando minha não neutralidade como pesquisadora, mas evidenciando assim a constante vigilância epistemológica sobre os procedimentos científicos escolhidos.

Fui criada na periferia do ABC Paulista, especificamente em um bairro conhecido pela frequência de enchentes e pelo abandono do Estado, o que conferiu uma grande importância às organizações comunitárias e às instituições religiosas, no meu caso, à igreja católica. De modo que esses espaços desempenharam um papel fundamental em minha formação e me são caros. Cabe ressaltar que não busco com a pesquisa fazer um retrato romantizado sobre a Igreja ou sobre a ausência de políticas públicas na periferia, mas sim de me colocar como pesquisadora que vem de uma realidade na qual a união comunitária, seja ela promovida por instituições religiosas, ou não, é uma forma de sobrevivência.

Meus pais (e eu a tiracolo) participavam de um clube de futebol de várzea, o América do Sul Futebol Clube, que promovia, e ainda promove, diversos eventos para melhorias do bairro. A Igreja, por sua vez, era onde eu encontrava um senso de pertencimento. Eu fazia parte do grupo de jovens e ali conhecia pessoas com experiências sociais e interesses semelhantes aos meus. Conforme destacado por Spyer (2020), em etnografia sobre cristãos evangélicos¹, a Igreja não oferece apenas

¹ Nesta pesquisa, o termo “evangélico” é utilizado de modo a abranger cristãos que têm raízes no movimento protestante. Entre as quais, emergem distintas categorias de instituições que se inserem no protestantismo histórico, tais como as denominações luteranas, presbiterianas, batistas e metodistas. Além disso, identificam-se denominações ligadas ao pentecostalismo, exemplificadas pelas igrejas Congregação Cristã, Assembleia de Deus, Quadrangular, Deus é amor, entre outras. Por fim,

apoio emocional, mas também instrumentos de formação para além do âmbito religioso, como aulas de música e estímulo aos estudos, atuando de certa forma como um Estado informal.

As igrejas evangélicas funcionam como estado de bem-estar social informal ocupando espaços abandonados pelo Poder Público. Desde o início da migração massiva de nordestinos pobres para as cidades, em meados do século XX, as igrejas provêm a essas "quebradas" desde conforto emocional, dinheiro em momentos de dificuldade, acesso a empregos, consultas com profissionais da saúde, encontros com advogados ou com representantes do Poder Público, até vagas em clínicas de desintoxicação (SPYER, 2020).

Sem desejar ser demagoga, é importante mencionar que finalmente as políticas públicas “deram a graça” e, durante os dois primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), houve uma notável ascensão da classe C na sociedade brasileira. Nesse contexto, minha família conseguiu deixar a zona de enchentes, alcançando uma nova condição socioeconômica. Além disso, tive a oportunidade de ingressar na universidade por meio do programa de expansão das universidades federais.

Contudo, junto com o acesso a novos espaços, vieram também os sentimentos de opressão e de marginalização ao frequentar círculos sociais mais privilegiados. Nesses ambientes, dos quais a universidade também faz parte, é flagrante a manifestação de preconceitos em relação a periferia e religião, em especial, a evangélica. É lamentável constatar que a estigmatização dos evangélicos, muitas vezes tratados como “gado”, tem se tornado lugar-comum, especialmente no âmbito da esquerda política.

Cabe destacar que esses discursos preconceituosos, agravados durante a pandemia de Covid-19, não ocorrem gratuitamente, uma vez que a base evangélica foi crucial para a vitória de Bolsonaro nas eleições de 2018. Diversos líderes de influentes congregações pentecostais do país ofereceram seu apoio ao então candidato e promoveram a demonização de seu principal rival, Fernando Haddad. Essa estratégia pode ter contribuído para que Bolsonaro conquistasse, no segundo turno, 70% dos votos válidos dos evangélicos, contra apenas 30% para o petista (MARIANO; GERARDI, 2019, p. 69).

observam-se manifestações vinculadas ao neopentecostalismo, como as igrejas Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Cristo Vive, Renascer em Cristo, Bíblia da Paz, entre outras.

A partir desses líderes religiosos cria-se uma imagem estereotipada e injusta do que é chamado “evangélico”. Longe de ser uma comunidade uniforme, os evangélicos representam atualmente um terço da população brasileira e abrangem uma imensa diversidade de igrejas e crenças. Assim, esta pesquisa busca contribuir para a desconstrução desses estereótipos e se propõe a analisar parte da complexidade do fenômeno evangélico, em especial no âmbito comunicacional e político.

Para isso, o trabalho se detém à análise do movimento evangélico conservador Dunamis Movement, grupo voltado para o público jovem, de repercussão significativa nas redes sociais. O interesse foi despertado ao encontrar alguns dos alunos do curso de cinema em que dei aula, nas redes sociais do movimento. Eram jovens periféricos oriundos de projetos sociais. Muitos deles eram evangélicos não vinculados a nenhuma igreja específica e encontravam afinidades com o Dunamis.

Iniciei algumas conversas informais com os estudantes, nas quais indicavam que o movimento despertava interesse por meio da música, uma vez que contava com músicos conhecidos do cenário do rock nacional, como Rodolfo, ex-integrante da banda Raimundos. Além disso, destacaram a abordagem comunicacional do Dunamis, utilizando redes sociais e uma linguagem mais atrativa e visual, retomando a ideia de “direita transante”, termo utilizado por um dos líderes do MBL, o vocalista da banda Bonde do Rolê, Pedro Ferreira, em entrevista para *Folha de S.Paulo*, para descrever que o movimento buscava transformar a estética antiquada da direita liberal no Brasil (REVERBEL, 2016).

A partir de então, me aproximei do objeto de pesquisa e me deparei com diversos discursos reacionários nas redes. Alguns deles eram favoráveis a um modelo normativo de família, contrários ao feminismo e ao aborto, outros estavam relacionados à ideia de ocupação do poder institucional e à lógica neoliberal, de individualismo e meritocracia. No entanto, essas posições não necessariamente correspondiam ao que os estudantes que conversei pensavam ou acreditavam.

Essas características me despertaram o interesse em iniciar uma análise científica voltada para o campo da comunicação, com o objetivo de compreender as possíveis estratégias midiáticas de propagação de discursos políticos conservadores, bem como identificar as lacunas nas abordagens progressistas no que diz respeito à comunicação com os jovens periféricos.

Como a pesquisa foi realizada em grande parte durante a pandemia, me restringi ao monitoramento das redes sociais do grupo, o que já me proporcionou extenso

material, uma vez que este tem atividades permanentes em diversas plataformas digitais, e também teve suas atividades presenciais suspensas em parte deste período. A partir deste monitoramento e com o objetivo geral de compreender as relações contemporâneas entre movimentos religiosos, a juventude e a política, surgiram objetivos específicos:

1. Investigar a dinâmica do grupo Dunamis nas redes sociais em relação às eleições de 2022;
2. Analisar as estratégias comunicacionais empregadas pelo Dunamis Movement, observando a linguagem utilizada, o uso de imagens e vídeos, a construção de identidade e as interações com o público, a fim de compreender as táticas midiáticas mais recorrentes e, portanto, entendidas como mais eficazes.

Por meio desses objetivos, pretendeu-se contribuir para uma melhor compreensão das práticas comunicacionais dos movimentos conservadores religiosos voltados para jovens. Além disso, busca-se promover reflexões sobre a influência dessas estratégias na disseminação de discursos políticos desse tipo e destacar a importância de desenvolver abordagens mais efetivas de engajamento e diálogo com esse público, visando a construção de uma sociedade com maior representação social e cada vez mais democrática.

Quanto às hipóteses, destacamos a perspectiva de Solano e Rocha (2022), em pesquisa sobre juventude na América Latina e democracia. Ao entrevistarem jovens sobre a temática política, estes responderam que não se sentiam representados e fizeram diversos apontamentos de âmbito comunicacional, entre eles que sentiam falta de conteúdos relevantes e verídicos sobre educação política dentro e fora dos bancos escolares.

Além disso, estes não ocupariam os espaços de produção da informação, de modo que se faz necessário

investir em meios de comunicação alternativos, locais, periféricos, que façam parte da realidade dos jovens e nos quais eles possam assumir o papel de produtores de conteúdo e se engajar na produção de notícias que lhes interessam (SOLANO; ROCHA, 2022, p. 51).

Entende-se nesse trabalho que a ocupação dos meios é de grande importância para a formação de uma comunicação popular que faça oposição aos movimentos pautados pelo conservadorismo político-religioso.

Observa-se que o Dunamis Movement ocupa uma presença significativa nas principais plataformas digitais, mantendo diversos perfis em cada uma delas. No Instagram, por exemplo, são estabelecidas contas específicas para cada ação, ampliando assim as possibilidades de alcançar e engajar seu público. Por meio de perfis como “*dunamis.music*”, são compartilhados exclusivamente conteúdos musicais do movimento, enquanto a conta “*dunamisstore*” é dedicada à comercialização de produtos relacionados ao movimento. Nessa plataforma, o grupo utiliza imagens mais chamativas, acompanhadas de textos breves redigidos em uma linguagem simples e descontraída, o que teria mais chances de despertar o interesse dos usuários e estimular o maior consumo de conteúdos.

No YouTube, por sua vez, são disponibilizados vídeos que possuem mensagens mais elaboradas, porém ainda apresentando uma linguagem acessível e direcionada ao público jovem. Com uso de gírias e do emprego de elementos humorísticos, o Dunamis Movement busca estabelecer uma conexão mais próxima com sua audiência, adequando-se a essa plataforma específica.

No contexto do Twitter², identificam-se citações de passagens bíblicas, direcionamento para outras atividades do movimento e orientações sobre o “estilo de vida Dunamis”, o chamado “*Dunamis Lifestyle*”. As publicações nesta plataforma também incorporam uma linguagem humorística, em consonância com o público jovem.

As três plataformas mencionadas foram selecionadas para este estudo devido ao diagnóstico de conteúdos variados que nelas são veiculados, visando uma compreensão abrangente das dinâmicas comunicacionais entre as redes sociais. Para tal fim, foram coletadas informações de tais plataformas durante os anos de 2021 e 2022, com o intuito de identificar possíveis conexões com a campanha eleitoral de 2022. A coleta de dados foi realizada por meio dos perfis de maior relevância em termos de audiência dentro desse grupo religioso, utilizando ferramentas de monitoramento de redes sociais, tais como *YouTube Data Tools* para o YouTube, *Not Just Analytics* para o Instagram e *Twitonomy* para o Twitter.

Em relação à metodologia, a abordagem geral é a do estudo de caso, combinando as técnicas de análise de conteúdo voltada a materiais como os dados

² No final de julho de 2023, essa rede social digital alterou seu nome para “X”. Ao longo do trabalho preferimos, entretanto, utilizar o nome pelo qual ela é ainda mais conhecida.

das redes sociais, como os mencionados, bem descrição de informações históricas e contextuais sobre o problema e o objeto de estudo. A escolha pelo estudo de caso se deve pela flexibilidade investigativa e por agregar uma abordagem de pesquisa qualitativa em relação a fenômenos contemporâneos, os quais se tem pouco controle por parte do pesquisador. De acordo com Yin (1994, p. 21):

o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores.

No caso do movimento analisado, o estudo de caso auxiliou na verificação de aspectos de formação de identidade evangélica (SMITH, 1998), no qual a pesquisa pôde explorar, por meio das redes sociais, características de formação de comunidades. Isso inclui entender como essas plataformas conectam seguidores de diferentes locais geográficos e proporcionam um espaço comum para compartilhar experiências religiosas.

Esta metodologia também auxilia a análise de discursos na variedade de formatos de mídia, como vídeos, imagens e textos. O estudo de caso pôde observar como esses diferentes formatos são empregados para transmitir a mensagem e atrair seguidores. Nos conteúdos analisados, é possível evidenciar relações com o neoliberalismo e questões teológicas que se voltam para o indivíduo como “empresário de si” (FOUCAULT, 2006, p. 311).

O método de estudo de caso permite também explorar o perfil demográfico e as características dos seguidores do Dunamis Movement nas redes sociais e na relação com outras pesquisas, tais como sobre a juventude brasileira e sobre participação de evangélicos na conjuntura política contemporânea.

Quanto à análise de conteúdo, de acordo com Sampaio e Lycarião (2021), ela oferece procedimentos sistemáticos para extrair inferências significativas de conteúdos verbais, visuais ou escritos. Ao buscar descrever, quantificar ou interpretar fenômenos, essa metodologia revela contextos, intenções e significados subjacentes nas mensagens compartilhadas. No âmbito das redes sociais, a análise de conteúdo ganha mais relevância, permitindo a compreensão das dinâmicas comunicacionais e de narrativas subjacentes. Para Bardin (2016), a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Ibid., p. 48).

Segundo Sampaio e Lycarião (2021, p. 45), uma das etapas mais importantes da análise de conteúdo é a categorização temática, que visa inferir informações a partir do conteúdo examinado. Nessa abordagem, os dados são codificados pelos pesquisadores, que atribuem códigos para a formação de categorias. No caso desta pesquisa, o *corpus* investigado foi o de *hashtags* extraídas das redes sociais, que foram categorizadas a fim de identificar padrões e de realizar uma organização sistemática dos elementos encontrados.

A codificação é um processo que transforma os dados brutos em unidades categorizadas que descrevem as características relevantes do conteúdo. A aplicação dos códigos possibilita o reagrupamento e a conexão dos dados, permitindo a criação de sentido e explanação. É nesse processo que a organização e a agregação dos dados em categorias ou famílias ocorre, conectando os códigos às ideias subjacentes.

Categorias, por sua vez, são construtos analíticos (Krippendorff, 2004, p. 173 apud Sampaio e Lycarião, 2021, p. 46)³ que derivam de teorias, práticas ou conhecimentos prévios. Elas permitem a descrição aprofundada do fenômeno sob investigação, gerando *insights* e conhecimentos adicionais. As categorias são formadas pela relação entre códigos relacionados em termos de conteúdo ou contexto, e são fundamentais para a interpretação dos dados.

No contexto do estudo de caso do Dunamis Movement, a análise de conteúdo foi aplicada para compreender os conteúdos compartilhados pelo grupo religioso em plataformas de redes sociais. Utilizando a categorização temática, investigou-se os assuntos predominantes nas mensagens divulgadas pelo movimento, revelando uma inclinação política conservadora. Além disso, nota-se um evidente investimento em *marketing* digital, uma vez que existem padrões de linguagem e estratégias empregadas que visam o maior engajamento do grupo nas redes.

Vale notar, ainda, a preocupação ética que norteou o trabalho, particularmente em relação ao tratamento dos dados das mídias digitais. Conforme discutem Williams, Burnap e Sloan (2017), embora os dados das plataformas possam ser vistos como “públicos” e, assim, passíveis de uso na pesquisa científica, esse entendimento deve ser visto com cautela. Ou seja, na verdade, muitos indivíduos podem não desejar sua

³ Krippendorff, K. **Content analysis**: an introduction to its methodology. Londres: Sage, 2004.

exposição em contextos diferentes dos da plataforma em que possuem perfil. Nesse sentido, os autores mencionados sugerem que o uso de dados, sem a solicitação de autorização de quem os publicou, seja feito, quando tais pessoas são identificadas, somente nos casos de figuras públicas. Essa foi a diretriz assumida nesta dissertação, com o entendimento que tanto o Dunamis quanto suas lideranças, ao se exporem na esfera pública religiosa e política, assumem essa característica. Por outro lado, não há identificação de pessoas não públicas, pois são utilizados somente dados agregados desses indivíduos, o que não é problemático na pesquisa social.

A estrutura do trabalho apresenta-se em cinco capítulos. O **capítulo 1 – Teoria da secularização e o neoliberalismo na religião em debate** trata-se de um capítulo teórico, que situa a pesquisa na discussão a respeito da teoria da secularização, abordando a resiliência da religião na contemporaneidade. Tal aspecto é discutido, especialmente, no contexto do crescimento do pentecostalismo no Brasil, que contraria as teses da secularização que previam o enfraquecimento da religião na modernidade. O debate sobre a teoria da secularização é revivido, com autores defendendo a revisão da teoria diante do crescimento das religiões, inclusive com a construção de novas teorias, tais como a de “identidade subcultural religiosa” (SMITH, 1998), que teria fortalecido a religião evangélica diante do enfraquecimento de outras religiões.

Outra teoria na qual o trabalho se debruça é a do pensamento neoliberal que ultrapassaria o âmbito da política econômica de desregulamentação estatal, alcançando uma lógica de conduta que abrange todas as esferas da vida. Os autores Christian Laval e Pierre Dardot (2016) exploram o neoliberalismo como uma racionalidade que generaliza a concorrência como norma e promove o indivíduo como seu próprio capital. Essa lógica tem afinidades com teologias (neo)pentecostais, incluindo as seguidas pelo Dunamis, que também enfatizam o desenvolvimento pessoal como potencialidade individual.

O **capítulo 2 - Mídia, política e juventude evangélica em perspectiva** apresenta o contexto no qual a dissertação se insere, explicitando a ancoragem comunicacional do estudo. De modo a apresentar a importância histórica dos meios de comunicação no crescimento da religião evangélica, é descrito o papel da mídia impressa e do rádio em sua divulgação. Além disso, destaca-se a migração das estratégias midiáticas para o ambiente digital e sua utilização como ferramenta de fazer política, incluindo o ativismo digital evangélico. O capítulo apresenta ainda a

presença evangélica na política brasileira, com um recorte histórico desde meados do século XX até o momento atual, que uniu grandes denominações evangélicas em torno de uma agenda conservadora. Dado o recorte temático privilegiado pela investigação, o capítulo apresenta ainda uma perspectiva sobre a juventude brasileira evangélica, público-alvo do movimento investigado.

O **capítulo 3 – Dunamis Movement** apresenta o que é este movimento religioso com tanta reverberação nas mídias sociais. Mostra seus principais objetivos, entre os quais o chamado “avivamento sustentável”, e sua postura quanto a algumas pautas morais. Além disso, a seção apresenta as origens da formação do grupo e no que acreditam como teologia religiosa.

No **capítulo 4 – Comunicação digital do Dunamis Movement** é apresentada a análise das redes sociais do grupo no *YouTube*, *Instagram* e *Twitter* durante os anos de 2021 e 2022. A partir dela verificou-se como o ministério demonstrou capacidade de adequação e constante interação com eventos políticos, além de adotar estratégias de adaptação, diversificação de programas e debates sobre temas religiosos, políticos e sociais, principalmente a partir de um ponto de vista conservador.

Por fim, o **capítulo 5 – Considerações finais** recapitula questões de análises e diagnósticos sobre comunicação em redes sociais e movimentos conservadores voltados para a juventude. Aponta também as dificuldades enfrentadas na pesquisa e os resultados das estratégias metodológicas escolhidas.

1. TEORIA DA SECULARIZAÇÃO E O NEOLIBERALISMO NA RELIGIÃO EM DEBATE

O primeiro capítulo discute a teoria da secularização, que inicialmente previa o declínio das religiões nas sociedades secularizadas (BERGER, 1985), mas que incorpora elementos que promovem exatamente o contrário, tais como o fenômeno do pluralismo religioso. A partir desses elementos, Smith (1998) desenvolveu o conceito de “identidade subcultural religiosa”, no qual insere teorias da psicologia social à pesquisa de campo feita com a direita cristã norte-americana, identificando características que definem o grupo investigado como uma entidade identitária.

Na segunda parte, o estudo explora a racionalidade neoliberal a partir de autores e autoras como Pierre Dardot e Christian Laval (2016), Melinda Cooper (2017) e Wendy Brown (2019). Estes que apresentam o neoliberalismo não apenas como uma teoria econômica, mas sim como uma lógica subjacente que permeia todas as esferas da vida. Especialmente as contribuições de Brown e Cooper destacam as dimensões morais do neoliberalismo e a instrumentalização política dos discursos conservadores. Estes, por vezes, podem conduzir a extremismos e à erosão dos princípios democráticos.

Tais teorias proporcionam um arcabouço analítico para examinar o Dunamis Movement, visando compreender se ele pode ser considerado um grupo identitário e se seus discursos podem estar relacionados à racionalidade do neoliberalismo. Cabe destacar que o ambiente virtual tem como uma de suas características o enfraquecimento de laços sociais, impulsionando o individualismo e a “cultura à domicílio” (MARTÍN-BARBERO, 2009), portanto, torna-se pertinente indagar quais as estratégias empregadas pelo movimento religioso para conseguir reunir um número tão expressivo de seguidores, não apenas na internet, mas também em eventos presenciais, com show que lotam estádios de futebol? É possível que este capítulo ofereça algumas pistas.

1.1. Teoria da secularização sobrevive?

Ao contrário do que sugeriram os teóricos da secularização, a religião prosperou e continua prosperando na contemporaneidade. No Brasil, essa guinada se dá na religião evangélica, em especial, no pentecostalismo. Desse modo, faz-se interessante renovar as perspectivas sobre a teoria, a fim de buscar alternativas que

compreendam a emergência das religiões e da legitimidade da ocupação dos religiosos em esferas políticas democráticas.

Antes de explorarmos o debate sobre a teoria da secularização, é preciso questionar sobre o que se entende pelo termo. Em *Secularization theory: the course of a concept*, os sociólogos William Swatos e Kevin J. Christiano (1999, p. 211) investigam a trajetória do conceito e compreendem que este teria origem no latim *sæculum*, que teria significado relacionado ao tempo, uma “idade” ou uma “era”. Evidenciam também que nos séculos IV e V, a palavra ganha sentido ambíguo, podendo significar “tempo sem fim”, “para todo o sempre” ou ainda “mundo lá fora”. Por exemplo, o clero secular é aquele que serve às pessoas “do mundo”, diferente dos padres monásticos que ficam dentro dos monastérios.

Mais tarde, o termo também passou a ser usado para diferenciar a lei civil da lei eclesiástica. O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2021) mostra que a palavra secularização é o ato de tornar secular, de submissão às leis civis e a dispensa de votos religiosos, enquanto o termo secular continua com os significados vinculados ao tempo e ao mundano: “(1) Relativo a século. (2) Que se repete de cem em cem anos. (3) Que dura há muitos séculos, que é muito antigo. (4) Que não é religioso ou não é relativo à igreja”.

Com o conceito em vista, a teoria preditiva da secularização pode ser compreendida de modo geral como o enfraquecimento da religião impulsionado pelo avanço da modernidade, da ciência e da razão. Esta, por sua vez, perderia adeptos, influência social e política, assim como a ingerência moral e psíquica sobre os indivíduos (SEMÁN, 2018). Essa perspectiva já podia ser observada entre pensadores do Iluminismo que promoviam que a religião deveria estar contida na esfera privada, sendo as práticas sagradas relegadas ao passado e avessas à modernidade almejada. Para Peter Berger (1985), um dos principais defensores da teoria nos anos de 1960, a secularização seria:

[...] o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob o seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo (BERGER, 1985, p. 119).

Com o crescimento vertiginoso de movimentos religiosos nas últimas décadas, assim como a participação dos mesmos em esferas públicas, pesquisadores das

ciências sociais retomaram o debate sobre a teoria, e a religião tornou-se um dos principais fenômenos empíricos a despertar interesse de pesquisa, especialmente na sociologia. Aqui cabe destacar a “visibilidade midiática da religião massivamente professada, casada com o *marketing* religioso propriamente dito, [que] tende a tornar o fenômeno ainda mais impactante” (PIERUCCI, 1998, p. 4).

Desde então, é possível observar que a postura quanto à teoria da secularização é de revisão e embate. Alguns autores a desqualificaram e, de forma mais radical, sepultam a teoria, como os sociólogos Rodney Stark e Roger Finke: “Depois de quase três séculos de profecias totalmente fracassadas e deturpações do presente e do passado, parece que é hora de levar a doutrina da secularização para o cemitério das teorias fracassadas”⁴ (STARK; FINKE, 2000, p. 79 apud NORRIS; INGLEHART, 2007, p. 37, tradução nossa)⁵. Com uma postura semelhante, Berger localiza seus trabalhos sobre a teoria nos anos 1950 e 1960 e faz a autocrítica:

O mundo de hoje, com algumas exceções que logo mencionarei, é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada (BERGER, 2001, p. 10).

Já os cientistas políticos Pippa Norris e Ronald Inglehart (2007) fazem a crítica sobre a estruturação a-histórica e homogeneizante. Assim como o sociólogo espanhol José Casanova (2009), avaliam que esta teria sido construída com a análise de países da Europa Ocidental (católica e protestante) e dos Estados Unidos, e que, no entanto, a teoria não deveria ser descartada. Estes apresentam uma versão própria e, entre suas características, destacam a questão econômica, fator importante na compreensão da vitalidade religiosa, contemplando evidências sistemáticas de países ricos e pobres. Danièle Hervieu-Léger (2001) também não descarta a teoria por completo e avalia que ainda que pode ocorrer perda de prestígio das instituições religiosas, dependendo dos contextos geográficos, e que o interesse individual pelo espiritual e pelo religioso não teria sofrido declínio nas sociedades de maneira geral. “Paradoxalmente, as sociedades modernas, confrontadas com as incertezas

⁴ No original: After nearly three centuries of utterly failed prophesies and misrepresentations of both present and past, it seems time to carry the secularization doctrine to the graveyard of failed theories.

⁵ STARK, Rodney; FINKE, Roger. Acts of Faith: Explaining the Human Side of Religion. Berkeley: University of California Press, 2000, p. 79.

derivadas da rapidez das mudanças tecnológicas, sociais e culturais, são sociedades onde a crença prolifera”⁶ (HERVIEU-LÉGER, 2001, p. 161, tradução nossa).

Apesar do avanço do debate, a sociologia contemporânea carrega consigo princípios ideológicos secularistas, tais como a concordância de que o pluralismo, secularismo e democracia andam juntos (MARIANO, 2011, p. 242), o que exclui a religião da esfera pública e corrobora com a intolerância religiosa, especialmente de grupos considerados fundamentalistas, como o islâmico, e, no Brasil, o pentecostal. Cabe ressaltar que não se defende a instrumentalização da religião para uso político, mas, sim, o direito fundamental de liberdade e tolerância religiosa na democracia, por vezes comprometido em análises sobre religião e política na contemporaneidade.

Outro ponto marcante do debate é a necessidade do conceito de secularização ser explorado para além da visão eurocêntrica, uma vez que, principalmente na sociologia, desenvolveu-se uma teoria globalizante da secularização que teve como historiografia as transformações históricas da Europa Ocidental (CASANOVA, 2009, p. 1050), na qual haveria o “declínio” das religiões e deslocamento destas para a esfera privada. Assim, de acordo com o avanço da modernização capitalista, ou seja, quanto mais desenvolvida a sociedade, mais secular e institucionalizada, de forma a relegar a religião às esferas religiosas, tais como instituições eclesiásticas e igrejas e a esfera privada.

Casanova (2009) apresenta um exemplo sobre o preconceito social em relação à religião em uma pesquisa realizada em 1998, pelo *International Social Survey Program* (ISSP), que indica que dois terços de toda a população dos países da Europa Ocidental acreditam que a religião é intolerante e cria conflito. Como é improvável que as pessoas se reconheçam expressamente como intolerantes, portanto, os entrevistados estariam se referindo à religião do outro, no caso, aos muçulmanos, ou ainda, à própria religião que tinham no passado e que foi “felizmente” superada (Ibid., p. 1058).

No artigo *The secular and secularisms* (2009), José Casanova discute o secularismo como princípio estadista e como ideologia. No primeiro, a separação entre a autoridade religiosa e política ocorreria em prol da proteção de todos os cidadãos à livre escolha religiosa e participação democrática, seja de religiosos, seja

⁶ No original: Paradoxically, modern societies, confronted with the uncertainties to which the rapidity of technological, social, and cultural changes gives rise, are societies where belief proliferates.

de não religiosos. Já o secularismo como ideologia acontece quando a doutrina de Estado teoriza a religião, seja de maneira positiva ou negativa, ponderando “o que é” ou “o que faz” a religião (Ibid., p.1051), ou seja, delimita o religioso e o que não faz parte deste enquadramento é dispensado.

No Brasil, vimos um exemplo dessa demarcação feita pela ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro quando esta atacou o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva por receber apoio de representantes de religiões de matrizes africanas. Michelle replicou posts da vereadora Sonaira Fernandes e do deputado federal Marco Feliciano, que relacionavam essas religiões às “trevas”. A postagem feita em agosto de 2022 por Michelle era acompanhada de um vídeo no qual Lula recebia um banho de pipoca de uma mulher iniciada no candomblé – um ritual de proteção e cura segundo a religião – seguido do texto “Isso pode, né? Eu falar de Deus, não” (MICHELLE BOLSONARO..., 2022).

Voltando a Casanova (2009), ele subdivide esse secularismo ideológico em dois tipos: o “filosófico-histórico” e o “político”. O primeiro é aquele que acredita em filosofias progressivas da história, como por exemplo a da “racionalização do mundo da vida”, de Jürgen Habermas, que relega a religião como um estágio superado da história (Ibid., p. 1052). O segundo seria o que pressupõe a religião como irracional, particularista, intolerante e oposta à liberdade, ou seja, perigosa à política democrática, e que, portanto, deveria ser banida da esfera pública e resguardada à esfera religiosa.

Sobre esse pressuposto de separação das esferas, Casanova (2009) levanta ainda a questão sobre quem seria responsável por erguer estas fronteiras e sobre como esta delimitação seria feita. O autor destaca que essa resposta pode ser encontrada nos padrões de secularização cristãs ocidentais, ressaltando que o conceito “secular”, como vimos anteriormente, nasceu como categoria teológica cristã ocidental, tornando-se dominante para estruturar e delimitar a religião. Acrescenta ainda que a categoria se globalizou com a colonização ocidental, tensionando conceitos já traçados por diversas outras culturas, como os de sagrado/profano, transcendente/imanente e religioso/secular. Segundo o autor:

Não devemos pensar nesses pares diádicos de termos como sendo sinônimos. O sagrado tende a ser imanente nas culturas pré-axiais; o transcendente não é necessariamente “religioso” em algumas civilizações axiais. O secular não é de forma alguma profano em nossa era secular. Basta

pensar em fenômenos seculares sacralizados como nação, cidadania e direitos humanos⁷ (Ibid., p.1063-1064, tradução nossa).

Ressalta-se, por fim, que as categorias "seculares cristãs ocidentais" devem ser analisadas de maneira crítica, assim como devemos nos debruçar de forma mais sistemática sobre as dinâmicas não ocidentais (Ibid., p.1064), a fim de maximizar a participação igualitária dos cidadãos na política democrática, com livre exercício da religião na sociedade.

1.1.2. Pluralismo e identidade subcultural evangélica

Em *O dossel sagrado* (1985), Peter Berger defende que a secularização teria como consequência o pluralismo, uma vez que causaria o fim dos monopólios e a multiplicação de religiões concorrentes (Ibid., p. 146). O processo de racionalização levaria a uma progressiva burocratização das instituições religiosas, fragilizando, assim, a própria religião e fortalecendo o ecumenismo, uma vez que iguala as lideranças religiosas a moldes institucionais semelhantes aos de mercado. De modo que “os indivíduos que se conformam a esse tipo (burocrático) nas diferentes instituições religiosas falam a mesma língua e, naturalmente, entendem-se mutuamente” (Ibid., p. 152).

Para Berger (1985), tais afinidades não levariam à rivalidade, na qual um enxerga o outro como inimigo, mas sim ao cooperativismo, posto que os problemas a se enfrentar seriam semelhantes (Ibid., p. 153). O pluralismo, além de gerar competição de mercado entre as religiões, faria com que grupos religiosos fossem levados a competir com os não religiosos, na tarefa de definição do mundo. A situação pluralista também seria responsável por engendrar a “era das redescobertas das heranças confessionais”, na qual haveria a necessidade de diferenciação dos indivíduos, de definição de identidades denominacionais, diante da padronização promovida pelo processo de cartelização (Ibid., p. 159).

Christian Smith (1998), por sua vez, defende que diante do pluralismo cultural, o sucesso de um grupo religioso depende da promoção de sua identidade, ou seja, em

⁷ No original: We should not think of these dyadic pairs of terms as being synonymous. The sacred tends to be immanent in pre-axial cultures; the transcendent is not necessarily “religious” in some axial civilizations. The secular is by no means profane in our secular age. One only needs to think of such sacralized secular phenomena as nation, citizenship, and human rights.

oposição a Berger, argumenta que o pluralismo cultural e religioso não enfraqueceria a religião, mas o contrário, criaria condições para sua vitalização.

Em termos mais simples, sugerimos que um movimento religioso que une uma clara distinção cultural e um intenso engajamento social será capaz de prosperar em uma sociedade pluralista e moderna. Longe de minar a força da religião, propomos que o pluralismo cultural e a diferenciação social da sociedade moderna fornecem um ambiente no qual tradições religiosas bem adaptadas – como a religião evangélica – podem florescer⁸ (SMITH, 1998, p. 190, tradução nossa).

O autor elaborou a “teoria da identidade subcultural” em pesquisa sobre o crescimento dos *evangelicals* - direita cristã norte-americana fundamentalista mais moderada - e as relações desse grupo na sociedade secular, publicada no livro *American evangelicalism: embattled and thriving* (1998). Na publicação, o autor elabora a teoria tendo como pilar alguns conceitos da sociologia, da psicologia social e de dados obtidos em *survey*, com milhares de entrevistas feitas nos Estados Unidos, a fim de compreender o que torna os *evangelicals* um grupo coeso e próspero.

Em relação a essas características, o autor argumenta que entre os elementos mais importantes da identidade evangélica está a percepção sobre crise e conflito pairando sobre o mundo e a tentativa de destruí-los como comunidade. Esta constante ameaça sobre os evangélicos fortalece a religião, uma vez que promove a união em prol da missão de transformar, salvar e converter. Smith (1998) observa essa aguçada sensação de ameaça ao longo de toda história do evangelicalismo norte-americano, mas é a partir do último terço do século XIX que encontra essa característica de maneira mais evidente. Um dos exemplos trazidos é de 1885, do secretário da Aliança Evangélica, Josiah Strong, que elencou o que seriam os “sete perigos” para a civilização anglo-cristã: imigração, romanismo, mormonismo, intemperança, socialismo, riqueza e cidade (Ibid., p. 146).

Segundo Baptista (2007), a formação de origem norte-americana de muitos missionários brasileiros também trouxe consigo a ideologia da Guerra Fria, contra o socialismo e antissoviética, o que teria marcado membros do protestantismo histórico e do pentecostalismo. De acordo com o autor, o golpe civil-militar acontecido no Brasil em 1964 teria sido um amparo, para muitos evangélicos, contra o comunismo

⁸ No original: In simplest terms, we suggest that a religious movement that unites both clear cultural distinction and intense social engagement will be capable of thriving in a pluralistic, modern society. Far from undermining the strength of religion, we propose that the cultural pluralism and social differentiation of modern society provide an environment within which well-adapted religious traditions - like evangelicalism - can flourish.

soviético que pairava no país. Durante o governo de João Goulart foram organizadas muitas vigílias, por pastores e igrejas, com orações contra o comunismo (Ibid., p. 183).

No início dos anos 60, o quadro de mobilizações populares e o perfil populista do governo do presidente João Goulart assustavam a maioria dos evangélicos e em grau superlativo os pentecostais. [...] Para eles, os grandes inimigos eram o catolicismo romano e o comunismo ateu (BAPTISTA, 2007, p. 182-183).

Ainda sobre a identidade subcultural, Smith (1998) destaca outro elemento importante para o fortalecimento da religião evangélica: a fronteira identitária bem determinada entre o “nós” cristãos e o “eles” não cristãos. Em pesquisa, o autor evidenciou que existem marcadores simbólicos que definem essa identidade deste “nós” cristãos: ter um “relacionamento pessoal” com Jesus Cristo e obediência a autoridade da Bíblia. Para exemplificar, Smith apresenta alguns depoimentos, entre eles, o de uma batista evangélica: “Em termos de liberais, eu não me identificaria com alguém que não reconhece Jesus como o filho de Deus, como divino e humano, ou com aqueles que não veem a Escritura como a base da autoridade” (Ibid., p. 150, tradução nossa)⁹.

Esta fronteira entre o “nós” e o “eles” é apresentada pelo autor também pela hipótese de que subculturas são construídas e mantêm suas identidades coletivas em contraste a grupos externos. Baseado na psicologia social dos pesquisadores Michael Hogg e Dominic Abrams, o comportamento de grupo social pode ser entendido por meio de processos de comparação e autocategorização. Este último processo transformaria indivíduos em grupos, de modo que a própria categorização se daria pela comparação (Hogg e Abrams 1988 apud Smith, 2007, p. 114). Por exemplo, alguém só poderia se entender como mãe, evangélica, moradora da periferia por meio da identificação, categorização e diferenciação em relação a outro.

Nós não apenas nos esforçamos para maximizar as diferenças entre os grupos, mas também, o que é muito importante, tentamos garantir uma vantagem avaliativa para o grupo interno. Como as categorias sociais contribuem para o autoconceito e, portanto, servem para definir e avaliar o eu, tentamos continuamente fazer comparações intergrupais em dimensões que já favorecem o endogrupo. Nós nos esforçamos para uma identidade social avaliada como positiva por meio da distinção positiva do grupo (Hogg, 1992 apud Smith, 1998, p. 114)¹⁰.

⁹ No original: on terms of liberals, I wouldn't identify myself with someone who doesn't recognize Jesus as the son of God, as both divine and human, or with those who don't see Scripture as the basis of authority.

¹⁰ No original: We not only strive to maximize intergroup differences, but also - very importantly - try to secure an evaluative advantage for the intergroup. Because social categories contribute to the self-

Fisher, em seu livro *A máquina do Caos - como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo* (2023), evoca o trabalho pioneiro de Henri Tajfel sobre a teoria da identidade social. Segundo Tajfel (1982), a identidade social é um modo de vinculação a um grupo e dos membros do grupo a um coletivo, por esse motivo sentem-se motivados a defender as atitudes do conjunto, como forma de evidenciar a valorização da afiliação e de mostrar que se pode ter confiança no individual em prol do coletivo (FISHER, 2023, p. 49).

Ao falar sobre o poder da identidade social, Fisher propõe o exercício de reflexão: “Quais são as palavras que descrevem sua identidade?” (Ibid., p. 47). O autor arrisca que as respostas provavelmente estejam ligadas a nacionalidade, gênero, profissão, raça, religião, ou seja, que nossa noção de identidade deriva de pertencimento a grupos, assim como vimos anteriormente em Smith, Hogg e Abrams.

Fisher ressalta ainda que essa identidade em comum pode vir de alguma coisa sem importância. Como exemplo, ele cita um experimento no qual grupos são formados a partir de um lance de cara ou coroa para participarem de um jogo e os membros de um mesmo grupo acabavam por ter comportamentos de maior generosidade entre si, enquanto eram hostis com os outros grupos. Sobre hostilidade ao “eles”, o autor relembra o 11 de setembro, no qual houve diversas reações de identificação patriótica nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que crescem os crimes contra muçulmanos (Ibid., p. 49-50).

Quando nos voltamos às mídias sociais, estes afetos são extremados, uma vez que tais posturas geram maior engajamento e são estimulados nas plataformas. Nas redes, “o resultado pode ser uma realidade artificial na qual o endogrupo sempre é virtuoso, mas é perseguido, o exogrupo sempre é uma ameaça assustadora, e praticamente tudo o que acontece se torna uma questão de nós contra eles” (Ibid., p. 50). Ao discorrer sobre a política na vida cotidiana, Iyengar e Westwood (2015) utilizam o termo “polarização afetiva” para nomear a expressão de antagonismos entre grupos baseados não em diferenças ideológicas, mas a partir de aspectos culturais e identitários e sentimentos que podem levar à hostilidade contra “eles”.

concept and thus serve to define and evaluate the self, we continually try to make intergroup comparisons on dimensions that already favor the ingroup. We strive for evaluatively positive social identity through positive ingroup distinctiveness.
Hogg, Michael. *The Social Psychology of Group Cohesiveness*. New York: New York University, 1992.

Segundo Fisher (2023), no início a questão da identidade nas redes não era tão evidente e descreve a experiência do *Upworthy*, site conhecido pelos conteúdos virais. Por volta de 2012, este buscava fórmulas de viralização, os chamados “caça-cliques”, com manchetes compostas por listas, como “Quais são as cinco raças de gatos mais carinhosas do mundo”; ou com curiosidades: “Você não vai acreditar como fulano ficou depois da harmonização facial”. Apesar do sucesso dessas fórmulas, encontraram uma ainda mais potente: o conflito de identidades.

Mas uma fórmula mostrou especial eficiência: manchetes que prometiam retratar o endogrupo suposto dos usuários (de esquerda, geralmente) humilhando um exogrupo detestado (criacionista, grandes empresas, racistas)/ “Este homem retrucou à pergunta de um intolerante com tanta força que a casa veio abaixo” (Ibid., p. 50).

Esse novo modelo de negócios derrubou diversas redações e muitas delas, para sobreviver, se adequaram em alguma medida na busca pela atenção dos internautas. Fisher (2023) dá um depoimento pessoal de quando trabalhou no *Washington Post* para o lançamento do *Vox*, site de notícias voltado para internet, em 2014. Ele diz que apesar de não se moldarem pela lógica dos algoritmos, os mesmos eram levados em consideração, assim como a tática do conflito de identidade, utilizado pelos jornalistas da *Vox* com certo comedimento em manchetes como: “progressistas versus conservadores”, “virtude do antirracismo”, “a indignação com a flexibilidade do porte de armas” (Ibid., p. 51). Em 2023, quase 10 anos após a fundação da *Vox*, ficam evidenciadas as consequências desastrosas dessa guerra por cliques, na qual a religião não ficou de fora.

Retomando a teoria da identidade, Smith (1998) argumenta que diante de uma sociedade pluralista, para obter êxito, o grupo religioso promove sua identidade motivando o sentimento de pertencimento ao coletivo, o que acontece em diferentes instâncias do campo da militância, em função de causas, instituições e valores confluentes. O autor cita alguns exemplos deste engajamento, como: a participação evangélica nas urnas ter preponderância sobre demais grupos nas eleições nos Estados Unidos, o envolvimento dos evangélicos em organizações comunitárias e a defesa da cosmovisão bíblica em círculos intelectuais e de pautas morais, como o aborto (Ibid., p. 96).

Na América Latina, esse engajamento teria transformado os evangélicos em novos atores da política institucional, uma vez que alguns líderes religiosos, como também acontece na liderança do *Dunamis*, estenderam sua militância religiosa para

a esfera pública, convertendo “o seu ‘capital religioso’ em um rentável ‘capital político’” (PÉREZ GUADALUPE, 2020, p. 19). No Brasil, é possível observar essa mudança a partir dos anos 1980, exemplificado pela substituição do lema “crente não se mete em política” pelo “irmão vota em irmão” (MARIANO, 2011, p. 250-251).

1.2. Para além da economia: racionalidade neoliberal

Crises e choques (KLEIN, 2008) estão intimamente atrelados à doutrina do neoliberalismo. Suas propostas surgem em meio a reflexões sobre os impasses do sistema capitalista, no chamado Colóquio Walter Lippmann, que ocorreu na França, em 1938. Essa reunião de intelectuais e pessoas influentes da época formariam as bases da Sociedade Mont Pèlerin, fundada em 1947, entre os quais Michael Polanyi, Ludwig von Mises, Milton Friedman e Friedrich Hayek são destaques. A este último pertence a frase:

Eu diria que, enquanto instituição de longo termo, sou totalmente contra ditaduras. Mas uma ditadura pode ser um sistema necessário durante um período de transição. Às vezes, é necessário para um país ter, durante certo tempo, uma forma de poder ditatorial. Como vocês sabem, é possível para um ditador governar de maneira liberal. E é possível que uma democracia governe com uma falta total de liberalismo. Pessoalmente, prefiro um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo (HAYEK apud SAFATLE, 2019, online).

Nesta fala de Hayek sobre a experiência neoliberal no Chile de Augusto Pinochet, em entrevista dada ao jornal chileno *El Mercurio*, em 1981, vemos que o projeto neoliberal não corresponde somente a uma política econômica de desregulamentação estatal, visando maiores lucros do capital financeiro, com desmonte do Estado de bem-estar social e ultra concentração de renda. O que se tem aqui são maneiras de agir e pensar o mundo que transbordam as barreiras de um sistema econômico. Nesse caso, vemos claramente os vínculos entre autoritarismo e neoliberalismo com a escolha pela ditadura em prol do neoliberalismo.

Em *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, publicado originalmente em 2009, Christian Laval e Pierre Dardot revelam o neoliberalismo como uma racionalidade, sistema normativo que opera empregando a lógica do capital em todas as esferas da vida. Esse mecanismo de conduta teria como maior característica a “generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

Os autores partem do conceito de “racionalidade política”, de Michel Foucault, que faz um estudo sobre a “governamentalidade” de alguns sistemas econômicos, encontrando tipos de racionalidades na forma com a qual um governo administra a conduta de seus governados. E, ao se debruçar sobre o neoliberalismo, encontra o “empresário de si”, que seria “ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda” (FOUCAULT, 2006, p. 311).

Dardot e Laval (2016) ressaltam então que a imposição de conduta, de modo de agir no mundo, não é mais colocada apenas pelo Estado ou por outras instituições, mas agora torna-se internalizada pelo próprio indivíduo, em uma racionalização do que lhe é mais íntimo, do seu próprio desejo. Desse modo, a administração pública fomenta a livre concorrência entre os sujeitos, sendo estes responsáveis pelo sucesso ou fracasso em suas vidas, enquanto os investimentos, proteções e direitos, como educação, moradia e saúde têm sua responsabilidade transferida da ordem do governamental para o pessoal.

O trabalho aparece como primordial para a modelagem desse sujeito empresarial, uma vez que estará envolvido totalmente na atividade que exerce, de maneira a fundir “o que faz” com “o que é”. Nessa nova dinâmica de “empoderamento”, o indivíduo sente-se voz ativa no emprego, como se o seu desempenho fosse também o desempenho da empresa, o que é alimentado por diversas técnicas motivacionais, que procuram estimular o trabalhador a render mais, pois esse rendimento seria para seu próprio crescimento.

Dardot e Laval (2016) nos apresentam ainda uma comparação entre a ética do trabalho utilizada por Max Weber, em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, e a apresentada pelo neoliberalismo. Se anteriormente o protestantismo foi marcado por uma ética na qual o sucesso no trabalho era um sinal divino de ser escolhido para habitar o reino dos céus, agora esse gozo se daria “em terra” e só seria alcançado se a condição de assalariado passivo for abandonada e substituída pelo empreendedor ativo, ou seja, pela empresa de si (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 334).

Essa lógica corresponde às diretrizes dos movimentos evangélicos entre os quais o Dunamis faz parte, ao promulgar a lógica do “faça você mesmo”, dos crescimento espiritual e pessoal imediatos, sustentados pelo princípio de que “nenhum sacrifício deve ser feito sem uma perspectiva tangível de retorno” (DUNKER, SAFATLE, JUNIOR, 2021, p. 240). Esta abordagem encontra paralelos com a

Teologia da Prosperidade, um alicerce central do neopentecostalismo, no qual valores como mérito individual e empenho pessoal são destacados como caminhos cruciais para atingir a prosperidade material e uma maior aproximação com o divino (CUNHA, 2016). Tais convicções religiosas encontram terreno fértil na complexa realidade socioeconômica brasileira, caracterizada por profundas desigualdades, ao oferecer promessas de realização material e espiritual ainda em vida, e não somente após a morte, no reino dos céus. De acordo com Arenari (2017):

Podemos perceber como o discurso da então nova religião surgida nos E.U.A. nos finais do século XIX se direcionou para atender às carências e dramas sociais específicos dos recém-chegados ao mundo urbano das grandes cidades norte-americanas, àqueles que habitavam a periferia destas cidades, excluídos: social, econômico e etnicamente do núcleo daquela sociedade. Este mesmo drama social serviu de base para o desenvolvimento do pentecostalismo na América Latina, e, sobretudo, no Brasil. Neste país, uma massa gigantesca de excluídos, também habitante da periferia urbana, (o que atesta a característica moderna destes setores – não tradicional) encontrou no pentecostalismo as promessas de respostas aos seus dramas, especialmente a ansiedade de se integrar a um mundo que não faziam parte. Tal integração se daria por intermédio da promessa contida na modernidade de ascensão social (Ibid., p. 187).

1.2.2. Programa neoliberal, redes sociais e o conservadorismo moral e religioso

Operando na lógica do neoliberalismo e de como as mídias também modificam aspectos culturais, a internet talvez contribua com uma experiência da fé transformada, em que o sofrimento é responsabilidade individual, assim como a felicidade, que pode ser encontrada rapidamente em vídeos do YouTube, em podcasts ou em programas de TV e rádio.

Se o evangelismo histórico e o pentecostalismo das primeiras gerações adotavam a paixão de Cristo como uma narrativa-mestre, a terceira onda reverte a função política e moral do sofrimento. De agora em diante, o sofrimento liga-se com fracasso, com falta de fé e com incerteza na enunciação do próprio desejo no quadro da confissão positiva. "Pare de Sofrer", procure o "Pronto-Socorro Espiritual 24 horas", os programas de rádio ou televisivos disponíveis (DUNKER, SAFATLE, JUNIOR, 2021, p. 239-240).

Segundo Wendy Brown (2019), a ascensão de políticos nacionalistas autoritários e de valores religiosos conservadores poderia ter origem na "raiva instrumentalizada dos indivíduos abandonados economicamente e ressentidos racialmente, mas também delineada por mais de três décadas de assaltos neoliberais à democracia, à igualdade e à sociedade" (Ibid., p. 17). Na construção de seus argumentos, Brown faz referência à *Genealogia da Moral*, em que Nietzsche sugere que a moralidade judaico-cristã teria em sua fundação afetos como o ressentimento, o rancor e a vingança, uma

vez que nasceu dos que sofriam em um sistema de valores que valorizava “a força, o poder e a ação”.

Essa mágoa destrutiva seria traduzida hoje pelo homem branco que sentiria raiva pelo destronamento de seus valores, que teriam sido dominantes até então, mas também por ter sido abandonado economicamente. A autora analisa o período de Donald Trump como presidente dos EUA, no qual avalia que cristãos brancos moradores das periferias urbanas e das zonas rurais dos Estados Unidos foram excluídos social e economicamente, e os sentimentos de abandono e traição teriam sido manipulados pelas direitas conservadoras para um sentimento de ódio e vingança. Ódio contra “minorias”, como negros, mulheres e imigrantes.

Esse sentimento de vingança foi alimentado por esse novo populismo de extrema direita e a narrativa vendida foi a de recuperar os valores familiares e cristãos perdidos, assim como tomar os empregos dos “imigrantes parasitas” do território norte-americano. Se compararmos ao Brasil, é possível observar o mesmo rancor em relação às “minorias”, traduzidas comumente em violência e fomentada institucionalmente.

Em agosto de 2020, uma menina de 10 anos que foi violentada pelo tio e engravidada, conseguiu realizar o aborto, garantido por lei em caso de estupro. Entretanto, apesar da lei assegurar o sigilo do caso em proteção à vítima, o caso foi para a imprensa e ganhou grande repercussão, impulsionado pela ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, que o expôs o caso como “absurdo” em suas redes sociais, além de enviar emissários ao Espírito Santo, onde morava a menina, para tentar impedir o aborto. A família da menina foi assediada moralmente por evangélicos conservadores e teve o procedimento negado no estado. A família então foi para um hospital em Recife, no qual conseguiu realizar o procedimento, sendo o médico responsável insultado como “assassino” por manifestantes religiosos, de vigília em frente ao hospital.

Esse tipo de posicionamento, quando uma ministra se coloca contra a lei, é entendido por muitos como liberdade de expressão religiosa, uma vez que a ministra teria expressado sua opinião em uma rede social pessoal.

Ao analisar um caso de homofobia, no qual um confeitiro cristão se recusou a fazer um bolo para um casamento homossexual, Brown (2019) acompanha o andamento do caso jurídico e verifica que a defesa do acusado tenta argumentar por meio do uso da “liberdade de expressão” e da “liberdade do exercício religioso”. A

autora sinaliza que o caso vai se afastando da proteção à prática religiosa e se aproxima da “proteção de dissenso político”, criando uma situação judicial na qual a liberdade de religião é usada criando um “palco de habilitação da discriminação, ou, na verdade, do cerceamento das leis de igualdade” (Ibid., p. 172).

Melinda Cooper, em *Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism* (2017), aponta que essa jurisprudência de “liberdade religiosa” é também utilizada constitucionalmente para promover a relação entre Igreja e Estado. Ela faz a análise de diversos governos norte-americanos, entre os quais os de Ronald Reagan, Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama e observa em todos eles o movimento de aproximação entre a direita cristã e o Estado, no qual organizações religiosas solidificam sua presença na política adentrando com investimentos no campo do bem-estar social (Ibid., p. 302).

Desta maneira, expandem suas liberdades institucionais e impõem valores morais, como no caso que a autora analisa durante o governo de Reagan, no qual a ala religiosa se sentia vitoriosa com a eleição de um presidente que correspondia aos pedidos das organizações cristãs, que, por sua vez tinham poder institucional e pressionaram emendas a favor da imitação de financiamentos públicos para abortos, assim como paralisou ações públicas federais que auxiliavam pessoas com AIDS.

O tom era triunfalista: Os cristãos eram uma maioria que estava recuperando os Estados Unidos da ruína teológica e social nas mãos da Suprema Corte. Em seus primeiros anos, a Maioria Moral obteve algum sucesso: Ela não só aprovou a emenda Hyde, que limitava o financiamento público de abortos por meio do *Medicaid*, como também conseguiu paralisar a ação federal diante da epidemia de AIDS durante grande parte da década de 1980 (COOPER, 2017, p. 302, tradução nossa)¹¹.

Retomando Brown (2019), esse mecanismo de alimentação de valores conservadores morais do neoliberalismo pode ser compreendido também com auxílio do conceito de niilismo, de Friedrich Nietzsche. Para o filósofo, a era do niilismo não seria a era do fim dos valores, mas sim o esvaziamento dos valores mais elevados, tais como as “virtudes cristãs junto com a democracia, igualdade, verdade, razão e responsabilidade” (Ibid., p. 198), que não se perdem, mas se instrumentalizam para fins políticos e comerciais, gerando mais niilismo.

¹¹ No original: The tone was triumphalist: Christians were a majority reclaiming America from theological and social ruin at the hands of the Supreme Court. In its first few years, the Moral Majority did meet with some success: Not only did it push through the Hyde amendment limiting the public funding of abortions through Medicaid, but it also managed to paralyze federal action in the face of the AIDS epidemic for much of the 1980s.

Este niilismo da sociedade contemporânea faria com que sejam normalizadas e aceitas atitudes como as apresentadas por Damares Alves, assim como as falas mais radicais feitas por Bolsonaro ou Donald Trump ou ainda as *fakes news*. Ele ainda faria com que o mundo fosse visto literalmente esvaziado, de maneira que se o homem branco não pode ser dono do mundo, que seja melhor não existir mundo.

De acordo com Pérez Guadalupe (2020), tais entrelaçamentos entre conservadorismo moral e religioso, o programa neoliberal e a política, podem ser reconhecidos na formação da teologia da prosperidade, atrelada ao Partido Republicano dos EUA dos anos de 1980 e sua facção autodenominada como “maioria moral”, que, no início dos anos 2000, teriam se articulado a movimentos de apoio à candidatura e ao governo de Donald Trump.

2. MÍDIA, POLÍTICA E JUVENTUDE EVANGÉLICA EM PERSPECTIVA

O presente capítulo irá apresentar o cenário no qual a pesquisa se insere, explorando três eixos: mídia, política e juventude evangélica no Brasil. Inicia com a trajetória da mídia evangélica no país, com a discussão de como a comunicação impulsionou o crescimento do cristianismo, avançando até o período das mídias digitais, no qual surge a "religião digital" com características como: a diminuição da autoridade religiosa tradicional, o impacto do uso da internet no individualismo e imediatismo, alinhados à lógica neoliberal, e o ativismo digital como mobilizador global.

Quanto à influência política dos evangélicos no Brasil, destacam-se alguns momentos significativos, entre os quais a ascensão na representação política, o surgimento do neoconservadorismo evangélico, a presença da Bancada BBB e a vitória de Jair Bolsonaro em 2018, unindo diferentes denominações em torno de valores conservadores e políticas neoliberais. Esse cenário reflete mudanças teológicas, alianças políticas e interações internacionais que moldaram o panorama religioso e político do país.

O capítulo 2 apresenta ainda quem são os jovens evangélicos brasileiros. Este trecho, além de tratar do perfil socioeconômico da juventude no país, busca evidenciar questões como o uso de redes sociais e o seu impacto, assim como o papel da religião evangélica em suas vidas.

A exposição destas temáticas se faz com objetivo de localizar a pesquisa em uma conjuntura multifacetada e dinâmica do país, a fim de buscar, a partir desses dados, possíveis respostas quanto às estratégias de comunicação digital empregadas, a descrição do público-alvo, assim como as inclinações políticas do movimento religioso analisado.

2.1. Um retrato sobre a mídia evangélica no Brasil

Para Campos (2008), Mariano (2014) e Cunha (2019), os meios de comunicação seriam um dos grandes responsáveis pelo crescimento do cristianismo. O primeiro, por exemplo, disserta sobre o advento da imprensa e o sucesso da Reforma Protestante, pois, graças à possibilidade da impressão de textos, os de Lutero e Calvino foram difundidos pela Europa.

O apego dos protestantes à Bíblia, aos livros de confissão de fé e aos catecismos fez desse ramo do Cristianismo a "religião do livro". Nela, o púlpito e a pregação da palavra, *livrocentricamente* orientadas, se tornariam a parte

mais importante do culto protestante e o pastor seria o “ministro da palavra” e, às vezes, o “ministro dos sacramentos” (CAMPOS, 2008, p.7-8).

A devoção às Escrituras continua pulsante entre os cristãos, relegando ainda à mídia impressa uma posição de destaque nesse contexto. Tal fato pode ser atestado pelo expressivo número de editoras cristãs atuantes no Brasil, entre elas a Quatro Ventos, pertencente ao movimento analisado neste estudo. Esta editora oferece uma variada gama de produtos, que inclui Bíblias comentadas, livros teológicos, biografias, livros de autoajuda, dentre outros.

No Brasil, a presença da religião nos meios de comunicação remonta ao período imperial, com a presença de artigos confessionais em periódicos seculares e circulação de jornais e periódicos ligados a diversas crenças, levando à concorrência distintas correntes religiosas, no crescente mercado editorial dos centros urbanos em expansão (SANTOS, 2019).

Com a ampliação da radiodifusão no Brasil, nos anos de 1920, programas evangélicos tiveram seu início no país. O primeiro deles foi o do luterano Reverendo Rodolpho Hasse, na Rádio Club, no Rio de Janeiro. Entretanto, foi a partir das décadas de 1940 e 1950 que a presença evangélica nas rádios brasileiras alcançou maior projeção, destacando-se através de programas significativos, tais como “A Voz da Profecia” da Igreja Adventista do Sétimo Dia, os programas dos missionários Harold Williams e Raymond Boatright, que foram os precursores da Igreja do Evangelho Quadrangular brasileira, e o programa “Meditação Matinal” apresentado até 1981 pelo Pastor presbiteriano José Borges dos Santos Junior, nas rádios Tupi e Bandeirantes de São Paulo, com o apoio do Banco Bradesco, presidido pelo também presbiteriano Amador Aguiar. Ainda havia o programa “A Voz do Brasil para Cristo”, que deu origem à Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (LOPES, 2017, p. 31).

Na década seguinte, despontaram outras igrejas pentecostais na rádio brasileira. A Igreja Pentecostal Deus é Amor assumiu uma posição de destaque com sua programação intitulada “A Voz da Libertação”, dirigida até os dias atuais por seu fundador, David M. Miranda. Paralelamente, no início dos anos 1960, no Rio de Janeiro, surgiu a Igreja Pentecostal de Nova Vida, cuja formação se deu após o êxito do programa “A Voz da Nova Vida”, do pregador canadense Roberto McAllister, transmitido pelas rádios Copacabana, Mayrink Veiga e Guanabara (CAMPOS, 2008, p.11). Frutos desta igreja, Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares fundariam suas

próprias denominações, com forte investimento midiático, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja Internacional da Graça de Deus, respectivamente (Campos, 2009).

Ao retratar o histórico da Igreja Universal do Reino de Deus faz-se também um retrato sobre a história midiática evangélica brasileira, na qual as mídias auxiliam na implantação das denominações. De acordo com Mariano (2014):

A razão pela qual se investe tantos recursos na compra de emissoras de rádio é óbvia: sua eficácia proselitista associada à grande audiência desse veículo de comunicação nos lares dos estratos mais pobres da sociedade, justamente os mais propensos ou suscetíveis à conversão pentecostal. As emissoras de rádio AM e FM da Universal fazem proselitismo 24 horas por dia. Nelas, Macedo, que pouco aparece na TV¹², exibe, três vezes ao dia, seu programa “Mensagem Amiga”. A utilidade das rádios para a expansão da igreja é múltipla e crucial. Elas atraem grande número de pessoas por meio de testemunhos e promessas de bênçãos, possibilitam a implantação de novas congregações, divulgam a programação e eventos da igreja. Contribuem ainda para a sua unidade ministerial, ao transmitirem a “fórmula” (as correntes de oração e os temas de pregação) semanal a ser adotada pelos pastores em todo o país (Ibid., p. 68).

Cabe ressaltar que o país estava em plena ditadura civil-militar, e tanto os programas de rádio como os de TV evangélicos evitavam críticas políticas. Muitos líderes evangélicos decidiram apoiar o regime, formando alianças de apoio com o governo, em um momento em que os militares buscavam porta-vozes de suas ideologias (SANTOS, 2019) e investiram significativamente no rádio como meio de propaganda e divulgação de programas especiais, buscando obter apoio da população.

Segundo Cunha (2019), o processo comunicativo vai além do mero convencimento e engloba também a questão da visibilidade. A autora destaca que “as mídias tornavam possível uma publicidade das igrejas, a visibilidade de sua presença nos espaços públicos” (Ibid., p. 27). Esse fenômeno foi impulsionado pela influência de televangelistas estadunidenses, como Rex Humbard, Jimmy Swaggart e Pat Robertson¹³, os quais alcançaram sucesso ao serem veiculados em canais brasileiros, promovendo a venda de publicações e realizando “concentrações evangelistas” em estádios de futebol.

¹² A primeira edição do texto de Mariano é de 1999. O Bispo Edir Macedo se rendeu à televisão e tem um programa chamado “Palavra Amiga Com Bispo Macedo”, veiculado diariamente no canal a cabo CNT.

¹³ Em entrevista nos anos de 1990, Edir Macedo fala que acha os programas dos televangelistas dos Estados Unidos um erro contra Deus, uma vez que levavam as pessoas a ficarem em suas próprias casas e não a irem para a Igreja. Considerando-os “devotos de sofá” (MARIANO, 2014).

Essas personalidades televangelistas desempenharam um papel significativo na disseminação das mensagens religiosas e na consolidação do movimento evangélico nos meios de comunicação brasileiros. Suas estratégias de comunicação carismática e persuasiva cativaram uma ampla audiência, expandindo a visibilidade e o alcance das igrejas em espaços públicos, o que contribuiu para o crescimento do fenômeno religioso na mídia do país.

Mariano (2014) ressalta que, apesar da influência dos Estados Unidos, o televangelismo neopentecostal brasileiro difere dos ministérios eletrônicos norte-americanos. Nos Estados Unidos, os programas são marcados por uma abordagem personalista e uma relativa autonomia em relação às denominações religiosas. No entanto, no Brasil, o modelo de negócios do televangelismo está intrinsecamente relacionado ao crescimento denominacional (MARIANO, 2014, p. 46). Retomando Paul Freston (1993), Mariano complementa que aqui os programas são custeados pelas igrejas (fiéis), gravadoras e editoras, enquanto nos Estados Unidos a TV evangélica é lucrativa e o financiamento é feito por parte do espectador.

O estabelecimento da Bancada Evangélica como força política na constituinte de 1986 foi fundamental para a conquista de concessões de mídias por parte dos evangélicos (CUNHA, 2007).

O período de Sarney na presidência foi marcado por centenas de concessões de rádio na base da barganha aos apoios parlamentares, à época do *centrão* e a favor do seu quinto mandato, quando uma bancada evangélica já havia despontado como força política na constituinte de 1986. Nesta época, a Rádio Esperança ligada às Assembleias de Deus no Maranhão, teve seu início como única rádio evangélica no estado. No mesmo compasso, com e após Collor, concessões a políticos, bispos e empresários seguiram a mesma lógica, consolidando seus domínios no período da nova república. No geral, esta radiofonia caracterizou-se como proselitista, confessional, mercadológica e política, de algum modo instrumentalizada a favor dos interesses dominantes que se valem da religião como meio de controle e de reprodução de poder (SANTOS, 2019).

No Brasil, as emissoras de rádio e TV são concessões públicas, de modo que o Estado concede uma permissão para o uso do sinal utilizado. No mandato de Jair Bolsonaro foi promulgada a Lei 14.408/22, que autorizou a prática já amplamente adotada pelas emissoras de rádio e televisão de realizar a transferência, comercialização ou cessão do tempo total de programação para terceiros, os quais assumirão a responsabilidade pela produção do conteúdo (JÚNIOR, 2022). Um caso emblemático desse tipo é o da Rede Record, cujas madrugadas são ocupadas por

programas da IURD. Para Miklos (2010, p. 32), as concessões podem ser utilizadas como moeda de troca, uma ferramenta política:

No caso do Brasil, o poderio econômico dos meios eletrônicos de comunicação é inseparável da forma oligárquica do poder do Estado, produzindo um dos fenômenos contrários à democracia, o que Alberto Dines chama de coronelismo eletrônico, isto é, a forma privatizada das concessões públicas de canais de rádio e televisão, concedido a parlamentares e lobbies privados, de tal maneira que aqueles que deveriam fiscalizar as concessões públicas tornam-se concessionários privados que se apropriam de um bem público para manter privilégios, monopolizando a comunicação e a informação. Esse privilégio é um poder político que se ergue contra dois direitos democráticos essenciais: a isonomia (a igualdade perante a lei) e a isegoria (o igual direito de expressar-se em público e ter suas opiniões publicamente discutidas e avaliadas) (Ibid., p. 84).

Como possível consequência das concessões, vemos o crescimento do número de igrejas evangélicas, especialmente as neopentecostais, além do amplo empreendimento dos evangélicos nas mais variadas mídias (CUNHA, 2007). Neste contexto, em 1989, a IURD comprou por US\$ 45 milhões a Rede Record de Rádio e TV, que havia contraído severas dívidas. Para isso, usou como “testas-de-ferro” o deputado Laprovita Vieira e o empresário Alberto Haddad. Os proprietários da emissora, Silvio Santos e o grupo Machado de Carvalho só descobriram a identidade do bispo Edir Macedo depois da compra ser concluída (FOLHA, 1996).

Para realizar a compra, a igreja fez a campanha “sacrifício de Issac¹⁴”, na qual pastores e fiéis de todo o país foram convocados para fazer doações, as quais iam de dízimos, até imóveis, carros, poupanças (MARIANO, 2014, p. 66). Desde então, a Universal adquiriu mais canais de comunicação, como jornais, revistas, emissoras de rádio e TV nacionais e internacionais, se tornando um grande império de comunicação, de teor global, inclusive. Em Portugal, por exemplo, a IURD possui mais de “80 templos e transmite programas em 23 rádios e na TV” (Id., 2014).

Segundo a pesquisa “Monitoramento da Propriedade da Mídia (MOM Brasil)”, publicada pela *Le Monde Diplomatique* Brasil em 2018, entre os cinquenta veículos de maior audiência no país (meios impressos, on-line, rádio e TV), nove pertencem a lideranças religiosas, todas elas de origem cristã e desempenham influência substancial no cenário midiático brasileiro. A matéria ressalta que, das onze redes de TV de maior audiência, três são de titularidade de lideranças evangélicas: Record TV,

¹⁴ O sacrifício de Isaac está em Gênesis 22, em que Deus pede a Abraão que sacrificasse o seu único filho.

Record News e Gospel TV, enquanto uma delas pertence a uma liderança católica, a Rede Vida.

Outro elemento de destaque da pesquisa é em relação ao conteúdo, destes nove canais de maior audiência, cinco direcionam integralmente seu conteúdo para a promoção de valores e crenças específicas, oferecendo programas variados que seguem uma visão de mundo e valores considerados cristãos. Por outro lado, outros quatro veículos de propriedade religiosa, como a Record TV, Record News, Portal R7 e o jornal *Correio do Povo*, pertencentes ao Grupo Record, adotam uma abordagem mais comercial, competindo diretamente com os veículos de mídia laicos (BANDEIRA, 2018).

Ademais, entre as doze redes de rádio de maior alcance, duas são evangélicas, representadas pela Aleluia e Novo Tempo, e uma é detida por liderança católica, a Rede Católica de Rádio. Entre as mídias digitais, dos dez sites de maior acesso, um deles é o portal R7, pertencente a Edir Macedo e dos dezessete veículos impressos, o jornal diário *Correio do Povo* também pertence ao pastor.

A seguir, as mídias virtuais evangélicas serão enfatizadas, não apenas em relação ao seu alcance, mas também no que diz respeito a serem utilizadas como ferramenta de fazer política.

2.1.2. “Deixa seu like” - Religião nas plataformas digitais

Em entrevista à *Revista MATRIZES*, o pesquisador, referência nos Estudos Culturais contemporâneos, Jesús Martín-Barbero fala sobre ter revisitado sua compreensão sobre o deslocamento da centralidade do olhar dos meios às mediações, no qual o debate deveria pensar a comunicação por meio das conexões entre práticas de comunicação e movimentos sociais, considerando temporalidade e pluralidade cultural (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 258). Com as transformações tecnológicas da virada do século XX para o XXI, que modificaram as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais, Martín-Barbero reconsidera a metodologia, aferindo nova importância aos meios de comunicação:

Recoloco assim uma questão decisiva: a presença dos meios na vida social, não em termos puramente ideológicos, mas como uma capacidade de ver além dos costumes, ajudando o país a se movimentar. Isso me leva a dar mais um passo, junto com a aparição massiva, em meados de 1990, do computador e do que veio rapidamente com ele (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 151).

Dessa forma, o autor propõe uma leitura que dê relevância tanto às mediações, quanto às mídias que, na contemporaneidade, “atravessam e permeiam a ordem social e, juntamente com as tecnologias, mediam as formas de ser e perceber o real” (CUNHA, 2016, p. 3). Essa retomada tem levado pesquisadores a novas abordagens com estudos sobre as mídias focados na cultura e de como estas também modificam as articulações sociais, inclusive religiosas:

Na era das mídias digitais e interativas e na era produtiva da Web 2.0, é impossível não atentar para as formas significativas que novas articulações de religião, espiritualidade e crença fazem emergir e junto com elas as novas formas de articular importantes rituais, mitos e símbolos na vida contemporânea (HOOVER, 2014, p. 64-65).

Tal teoria nos auxilia no entendimento sobre o avanço da religião digital. Para Cunha (2016), o advento da religião digital faria parte do processo de midiatização das religiões, que, especialmente no cristianismo no Brasil, é caracterizado pelos seguintes aspectos: emergência das igrejas midiáticas; acesso ao sagrado pelo mercado das mídias; consolidação da religião do espetáculo; e advento da religião digital (Ibid., p 8).

Nesse último, há uma mudança significativa em relação às formas de mídia antes utilizadas pelas igrejas, como a TV ou rádio, que, apesar de existir interação, esta não era tão ampla e imediata quanto a proporcionada pela internet. Com diversos sites, blogs, canais em redes sociais, essa interação possibilitou aos fiéis, ligados ou não a uma igreja, o debate sobre doutrinas, ideias e sentimentos, além do compartilhamento de experiências sobre religião. O que, por vezes, auxilia na formação de novas comunidades que podem extrapolar o ambiente virtual, possibilitando também encontros presenciais.

Outro fenômeno que pode caracterizar a religião digital é o enfraquecimento das autoridades religiosas tradicionais, dando lugar a uma pluralidade de *influencers* religiosos (não necessariamente bispos, padres ou pastores), que são referência quanto ao comportamento e conteúdo, principalmente, nas redes sociais. Essa perda de notoriedade da instituição formal pode ser interpretada também como resultante da secularização, na qual a religiosidade é cada vez mais determinada pelo processo de escolha individual (HOOVER, 2014, p. 49). Para Martín-Barbero (2009, p. 152), “as pessoas estão cada vez mais isoladas, mais sozinhas, também nos países latinos, e os meios começam a ter uma importância enorme em termos do que chamamos de ‘cultura a domicílio’”, o que abre espaço para formas alternativas de espiritualidade

nas mídias, nas quais se acredita encontrar “autonomia” em relação às escolhas sobre o que consumir.

De acordo com Cunha (2016, p. 14), decorrente também da perda de autoridade das instituições tradicionais religiosas e de suas narrativas e doutrinas, as mídias digitais tornam-se espaços ampliados de entretenimento ou/e humor com conteúdos religiosos, o que causa bastante controvérsia por um lado, mas por outro, aumenta o número de seguidores que se sentem atraídos por um material bem-humorado e menos formal, como vemos nas mídias digitais do Dunamis Movement.

Já no que diz respeito ao aspecto político, Amat y León e Pérez Guadalupe (2020, p. 157) apontam que o potencial das mídias digitais ainda está em constante exploração, especialmente em contextos políticos polarizados. Diversos fatores contribuem para esse potencial, tais como o imediatismo, a velocidade e o volume de dados transmitidos nos meios digitais, bem como o tempo de conexão dos indivíduos. A portabilidade, sobretudo através dos dispositivos móveis, desempenha um papel fundamental, especialmente entre os jovens, tornando o celular o principal meio de acesso à internet. Além disso, a disseminação de valores culturais e interesses políticos também influencia a relevância das mídias digitais nesse cenário.

No mais, destaca-se que a internet se tornou a principal fonte de informação para os brasileiros, conforme apontado por uma pesquisa realizada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado em 2019. Segundo o relatório intitulado "Redes Sociais, Notícias Falsas e Privacidade de Dados na Internet"¹⁵, 79% dos entrevistados afirmaram que o *WhatsApp* é o meio mais utilizado para obtenção de informações, seguido pela televisão com 50%, *YouTube* com 49%, *Facebook* com 44%, sites de notícias com 38%, *Instagram* com 30%, rádio com 22%, jornal impresso com 8% e *Twitter* com 7%. Entretanto, o relatório aponta variações conforme a faixa etária analisada, sendo que 55% dos mais jovens, entre 16 e 29 anos, utilizam o *YouTube* como fonte mais frequente de informação.

Atentos a estes números, políticos e movimentos sociais “tecnopolíticos” contratam profissionais para influenciar e/ou manipular a política nas redes sociais (LEÓN; PÉREZ GUADALUPE, 2020, p. 158), compreendendo tecnicopolítico como:

¹⁵ A pesquisa foi realizada com amostra é estratificada, probabilística, com alocação proporcional à população segundo o IBGE. Foram entrevistados 2400 cidadãos por telefone, em todas as unidades da federação no período de 17 a 31 de outubro de 2019. A margem de erro é de dois pontos percentuais com nível de confiança de 95%.

A capacidade coletiva de apropriação de ferramentas digitais para o empoderamento e a ação coletiva", que pode ser definida pela articulação entre o uso tático e estratégico das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) para a construção de um imaginário comum, organização, comunicação e ação em um ambiente cada vez mais tecnológico e interconectado, cuja base parte da rede, mas não se limita a ela (ALCAZAN et al., 2012, pp. 7-8 apud PEÑA, 2017, p. 55)¹⁶.

O Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, com a liderança da ex-ministra Damares Alves, investiu mais de 500 mil reais em anúncios em redes sociais (RUDNITZKI; SCOFIELD, 2020). De acordo com reportagem da Agência Pública realizada em setembro de 2020, verifica-se que no YouTube a maioria das vinculações de propagandas do ministério foram feitas em canais de música, destes 25% eram de música gospel ou religiosa. Essa escolha se deve pela alta taxa de interação destes canais, sendo os de música os que mais geram cliques nos anúncios de Damares, seguidos dos canais religiosos, com segunda maior taxa de interação.

De acordo com Amat y León e Pérez Guadalupe (2020, p. 159-161), os evangélicos latino-americanos incorporaram novas formas de fazer política com impacto público por meio da criação de movimentos sociais e coletivos "tecnopolíticos". Ao analisar os discursos desses grupos, os autores encontraram a combinação de elementos como: a intimidação da população, associando questões de gênero ao marxismo; o descrédito em organizações internacionais que promovem direitos humanos; e a autopromoção como defensores da vida, da família tradicional, da ordem heteronormativa e do patriarcado.

Os autores chamam atenção ainda para a trajetória histórica e política dos evangélicos, que passaram de "políticos evangélicos" para "evangélicos políticos", utilizando a política como instrumento de poder para suas instituições religiosas, com apoio de igrejas e líderes eclesiais. Para tanto, desenvolveram uma estratégia que inclui a formação de organizações para-eclesiais que canalizam a participação política dos evangélicos sem envolver formalmente suas igrejas, resultando na criação de "grupos de pressão", com presença massiva nas redes, que mobilizam a população

¹⁶ No original: la capacidad colectiva de apropiación de herramientas digitales para el empoderamiento y la acción colectiva", la cual se puede definir por la articulación entre el uso tático y estratégico de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación (NTIC) para la construcción de un imaginario común, la organización, la comunicación y la acción en un ambiente cada vez más tecnologizado y conectado cuya base parte de la red, pero no acaba en ella. ALCAZAN et al. Tecnopolítica, internet y r-evoluciones. Sobre la centralidad de redes digitales en el #15M. Barcelona: Icaria editorial, 2012, p. 7-8).

evangélica e setores conservadores (não necessariamente religiosos) na defesa de uma ordem idealizada.

No caso da criação do movimento paraeclesialístico analisado, como descrito a seguir, nota-se a intenção de missionários com o objetivo de avivamento, o que inclui ocupação de esferas políticas como uma de suas teologias, entretanto, não como objetivo único de uma igreja específica. No entanto, conforme identificado por Amat y León e Pérez Guadalupe (2020), no Dunamis Movement existe a formação de um grupo de pressão política, sendo o canal @dunamismusic um dos escolhidos para participar da mobilização coletiva em prol da candidatura à presidência de Jair Bolsonaro de 2023, direcionada aos jovens evangélicos conectados às redes, canal este com cerca de 1,82 milhão de seguidores. Desta campanha chamada “podcast Collab com presidente Jair Bolsonaro” participaram outros influenciadores digitais como: Karina Bacchi, Felipe Vilela, Positivamente Podcast, HUB Podcast, Luma Elpidio e Luciano Subirá.

De acordo com Cunha (2019), podemos classificar o fenômeno como ativismo digital, que se dá

a partir dos elementos que moldam o ativismo clássico – pressão sobre grupos que exercem poder político, econômico e sociocultural, desejo de mudança de uma determinada ordem vigente ou de um elemento gerador de tensões e conflito – mas caracteriza-se, conforme a compreensão de Juan Garcia (2015), por mudanças na forma de se praticar a ação política (Ibid., p. 191-192).

Entre as características apontadas pela autora está a organização destes grupos, que antes era mais centralizada, e que agora seria mais distribuída, podendo ser realizada por um conjunto pequeno de pessoas ou ainda por um único indivíduo. Esta ideia vai ao encontro dos apontamentos apresentados nos próximos capítulos sobre identidade e individualidade relacionadas ao neoliberalismo.

Em estudo sobre ativismo político digital evangélico, no qual Cunha (2019) faz levantamento de diversos perfis evangélicos nas redes sociais, a autora evidencia que alguns grupos religiosos se colocam na arena política como “bloco organicamente articulado” e se apresentam nos espaços sociais desenvolvendo uma “cultura da vida normal”, na qual se vive a religião em consonância com a moda, o entretenimento, as celebridades, a música, o mercado e a presença nas redes sociais (Ibid., p. 229).

Desta análise, Cunha (2019) destaca que os perfis analisados são predominantemente conservadores, sugerindo que são vinculados a pentecostais que

possuem recursos financeiros advindos da prática da Teologia da Prosperidade e que exercem domínio sobre a mídia tradicional brasileira. Esse cenário propiciou a profissionalização desses grupos nos meios digitais, com a qual

[...] criou-se uma cultura midiática evangélica que tornou possível que estes grupos e os indivíduos e segmentos evangélicos que neles se inspiram se pusessem inteiramente à vontade no mundo das mídias digitais. Portanto, os ativistas evangélicos conservadores entendem o lugar das mídias na conquista de espaço e de visibilidade na esfera pública e dominam as técnicas e métodos de alcance das mídias sociais (Ibid., p. 236).

Por fim, apesar do ativismo evangélico progressista existir historicamente desde as primeiras décadas do século XX, a autora destaca que a visibilidade destes é bem menor por não haver grandes celebridades, por serem contra-hegemônicos, uma vez que o perfil evangélico brasileiro é em maioria conservador, e, devido aos evangélicos progressistas não terem muitas afinidades com as grandes mídias (Ibid., p. 238).

2.2. Um panorama sobre os evangélicos na política brasileira

Para o cientista político Joanildo Burity, ao apresentar um retrato sobre a presença evangélica na política brasileira, deve-se ter em mente que não se trata de um projeto de tomada de poder, nem mesmo a “exteriorização de uma identidade subjacente, plenamente consciente de si, automotivada e estável” (BURITY, 2020, p. 196). Deste modo, o é válido apresentar marcos temporais importantes para a compreensão dessa trajetória, a fim de auxiliar na compreensão do momento político atual e de seus novos atores, como o Dunamis Movement, que busca espaço na política institucional.

É possível afirmar que a participação político partidária dos evangélicos ainda era modesta ao longo do século XX (LACERDA; BRASILIENSE, 2018; PÉREZ GUADALUPE, 2020). O primeiro deputado federal evangélico eleito foi o pastor metodista Guaracy Silveira, em 1933, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Depois, foi somente entre 1951 e 1959 que houve crescimento da representação evangélica na Câmara Federal (CF), com 5 deputados eleitos, número que posteriormente foi ampliado para 8 nas legislaturas subsequentes (BURITY, 2020, p. 199).

Até as eleições de 1986, a maioria dos candidatos evangélicos eleitos para a Câmara dos Deputados (CD) pertencia a igrejas históricas, enquanto a representação das igrejas pentecostais era praticamente inexistente. Em 1982, apenas 12 evangélicos foram eleitos para a câmara, sendo que sete deles estavam vinculados à

Igreja Batista e um à Assembleia de Deus (PÉREZ GUADALUPE, 2020, p. 93), conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Crescimento representativo de evangélicos na Câmara de Deputados

Ano	Total estimado de população nacional	% População evangélica (aprox.)	Deputados evangélicos	Total de deputados	% Deputados evangélicos
1945	46.600.000	3.1	1	304	0.3
1950	51.944.397	3.6	5	304	1.6
1954	60.000.000	3.8	6	326	1.8
1958	70.000.000	3.9	7	326	2.1
1962	77.800.000	4.2	10	404	2.5
1966	85.600.000	4.7	12	409	2.9
1970	94.508.583	5.2	9	409	2.2
1974	107.830.000	5.9	13	409	3.2
1978	118.000.000	6.6	12	420	2.9
1982	126.304.000	7.2	12	479	2.5
1986	136.603.950	8.1	32	487	6.6
1990	145.000.000	9	23	503	4.6
1994	155.000.000	12.2	?	513	?
1998	163.140.000	15.4	29	513	5.7
2002	174.000.000	15.4	42	513	8.2
2006	182.300.000	18.8	35	513	6.8
2010	190.755.799	22.2	65	513	12.7
2014	200.000.000	27.1	67	513	13.1
2018	209.000.000	32	82	513	16

Fonte: PÉREZ GUADALUPE, 2020, p. 93

Em 1986, com as eleições para o Congresso Constituinte, houve um grande salto na quantidade de deputados evangélicos eleitos. Isso ocorreu essencialmente por conta das igrejas pentecostais, que buscavam reconhecimento político e resistência contra pautas católicas (MARIANO, 2011; PÉREZ GUADALUPE, 2020). Para Pérez Guadalupe (2020), apesar deste levante pentecostal, por conta das divisões entre as igrejas e da variedade de pensamento entre os líderes religiosos, não houve coesão

para apoiar e eleger uma candidatura única presidencial até a eleição de Bolsonaro, em 2018, nas palavras do autor:

No entanto, devido à sua divisão eclesial e ao personalismo de seus líderes religiosos, até agora eles não conseguiram alcançar a unificação de todos os evangélicos brasileiros em um único partido político, e muito menos apoiar um único candidato evangélico. Nesse sentido, a eleição de Bolsonaro em 2018 foi um parêntese nessa tradição, pois, de fato, uma “frente evangélica” informal foi formada para apoiá-lo no segundo turno da eleição, mesmo que ele não fosse seu candidato oficial e não pertencesse a alguma igreja evangélica (Ibid., p. 71).

Este período, de meados dos anos 1980, é caracterizado por Burity (2020) como o primeiro dos três momentos na trajetória política dos evangélicos, especialmente, os pentecostais. Nele, os pentecostais eram uma minoria com forte corporativismo e lutavam por um reconhecimento político partidário. Neste primeiro momento, da Constituinte, foi formada a primeira bancada evangélica, já ligada ao chamado “centrão”¹⁷ e em defesa da família tradicional cristã.

Na Constituinte, formaram a primeira bancada evangélica, já incrustada no Centrão e com membros acusados de fisiologismo. Arvorando-se representantes de Deus no parlamento e guardiões da família tradicional e da moralidade bíblica, ocuparam comissões estratégicas para opor-se a demandas feministas e LGBTs (vetaram a proibição da discriminação por orientação sexual), combater a legalização do aborto, a união de pessoas de mesmo sexo, a liberação das drogas, defender sua liberdade religiosa e seus interesses corporativistas (MARIANO, 2022, p. 224).

Somente anos mais tarde, em 2003, a bancada foi institucionalizada como Frente Parlamentar Evangélica. Segundo Burity (2020), por falta de experiência quanto ao jogo político, o grupo acabou caindo em escândalos de corrupção, o que o levou a derrotas eleitorais e revogações de diversos mandatos (Ibid., p. 4).

O segundo momento, de 2002 a 2015, é caracterizado pela coalizão entre o grupo religioso com a centro-esquerda de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, na qual os cargos governamentais foram utilizados como moeda de troca. Apesar da coalizão, a convivência foi por vezes conflituosa, marcada por tensões como as críticas do segmento evangélico ao programa contra a homofobia que era desenvolvido pelo Ministério da Educação, em 2011, chamado pejorativamente de “kit gay” (ROMANCINI, 2018) e as crises derivadas da atuação do deputado federal e pastor evangélico Marcos Feliciano (PSC) como presidente da Comissão de Direitos

¹⁷ A partir da redemocratização brasileira, esse termo passou a ser utilizado para designar partidos sem uma orientação ideológica específica, mas geralmente de viés conservador, que procuram ter proximidade com o poder executivo para obter vantagens que lhes permitam distribuir benesses por meio de redes clientelistas (cf. CENTRÃO, 2023).

Humanos da CF (CDD-CF), a partir de 2013. Questões como essas fomentaram movimentos de insatisfação com as políticas progressistas, dando início ao chamado neoconservadorismo evangélico.

De acordo com Cunha (2016), o prefixo “neo” deriva da autopercepção das lideranças evangélicas como representantes dos novos tempos, em que a religião se alia ao mercado, às mídias e às tecnologias. No entanto, é importante ressaltar que essas lideranças também se caracterizam por uma postura conservadora e discursos moralmente rígidos, com o objetivo de conquistar poder na esfera pública (Ibid., p. 152-153).

Assim como Pérez Guadalupe (2020), Burity observa nesses dois primeiros momentos falta de coesão entre os políticos evangélicos, nota-se um perfil ideológico e preferências partidárias muito distintas entre estes. Para Burity (2020):

Predominou um enorme pragmatismo, orientado sobretudo para a construção da sua visibilidade em termos de conquista de espaços, não afirmando um programa ou agenda consistente (além de formas tradicionais de discurso moral que não se originaram em nenhum sentido de uma concepção alternativa de sociedade ou em um projeto) (Ibid., p. 5, tradução nossa)¹⁸.

O que deu coesão e força aos pentecostais foi a orientação moral. Estes a aplicavam nos debates políticos, mostrando uma visão de mundo baseada na Bíblia, com maior fervor em pronunciamentos públicos e de maior polêmica. Entretanto, foi apenas no terceiro período, iniciado em 2014, que os pentecostais se tornaram oposição, com forte agenda moral, a favor da família tradicional cristã e contra lutas do movimento negro, da comunidade LGBTQIAPN+ e do feminismo, aliadas a posições neoliberais de livre mercado e Estado mínimo.

Cabe ressaltar que o neoconservadorismo evangélico não estaria isolado em relação ao acirramento de sua postura conservadora. De modo que esta poderia ser observada na esfera pública nacional e internacional, com pesquisas eleitorais, no caso do Brasil, que apontavam, no final de 2013, que a maioria da população se identificava com valores de direita, o que foi confirmado com a celebração frente ao golpe parlamentar sofrido por Dilma Rousseff e depois com a eleição de Jair

¹⁸ No original: En estos dos primeros periodos el perfil ideológico de los evangélicos movilizados y sus preferencias partidistas fueron muy variados. Prevalció un enorme pragmatismo orientado especialmente hacia la construcción de su visibilidad en términos de conquista de espacios, no de afirmación de un programa o agenda consistentes (además de formas tradicionales de discurso moral que no se originaban en ningún sentido en una concepción alternativa de sociedad o en un proyecto).

Bolsonaro, famoso por seus discursos de ódio, em exaltação a torturadores e contra os direitos humanos, à presidência (CUNHA, 2016, p. 153).

Um destaque desse momento é a candidatura do pastor Everaldo à presidência da República em 2014, pelo Partido Social Cristão (PSC), ficando em quinto lugar com 0,75% dos votos. Em agosto de 2020, o pastor e seus dois filhos, Laércio e Filipe Pereira, foram presos na operação chamada *Tris in Idem*, acusados de participar de esquema de corrupção no caso de desvio de dinheiro público destinado à Secretaria da Saúde do estado do Rio de Janeiro¹⁹.

Burity (2020) destaca a candidatura do pastor por tornar pública uma nova articulação pentecostal, na qual houve uma transição de uma perspectiva anteriormente aberta e pluralista, caracterizada pela participação inclusiva e representação minoritária, para uma abordagem mais fechada e impositiva, que buscava impor uma suposta “visão cristã majoritária” (Ibid., p. 6). Para o autor, essa articulação entre identidade pentecostal, pautas reacionárias e a defesa do neoliberalismo se aproxima da chamada fundamentalista (assim autodenominada) nova direita cristã estadunidense.

Christian Right é um movimento político-religioso radical que surgiu nos anos de 1970, em meio e como reação à contracultura nos Estados Unidos. Foi formado por fundamentalistas e *evangelicals* e se mobiliza

[...] por temores alarmistas de declínio da “nação cristã”, de crise moral e desintegração social e dominação secularista, incitou e incrementou o ativismo político de cristãos conservadores, apoiou candidaturas e governos de Reagan, Bush (pai e filho) e Trump, promoveu guerras culturais diversas, liderou cruzadas contra o aborto (e a decisão da Suprema Corte no caso *Roe versus Wade*), a educação sexual, os movimentos e as reivindicações de direitos de feministas e LGBTQIA+, advogou o ensino do criacionismo e a oração nas escolas, o *homeschooling* e tornou-se um dos pilares do Partido Republicano (MARIANO, 2022, p. 221).

Tais características apontadas por Mariano vão ao encontro do caso brasileiro de articulação em torno de um projeto único: a vitória de Bolsonaro em 2018, que uniu denominações historicamente adversárias, tais como a Universal do Reino de Deus e a Igreja Renascer em Cristo.

Assim como nos Estados Unidos, observa-se uma articulação entre valores morais conservadores e posições contrárias aos direitos das minorias, juntamente com políticas econômicas e sociais alinhadas ao neoliberalismo. Nesse contexto, a

¹⁹ O pastor foi solto em 2022. Ele continua com grande influência política, especialmente na Baixada Fluminense e neste momento é vice-presidente do partido Podemos (PODE).

direita cristã se posiciona de forma subordinada, aceitando a agenda econômica e política dos neoconservadores, em troca da afirmação de suas reivindicações e visão (BURITY, 2020, p. 7).

Entretanto, cabe ressaltar que, ao analisar o eleitorado das eleições presidenciais de 2018, Jairo Nicolau (2020) observou que o “bolsonarismo” é um fenômeno de pessoas não extremistas. São moradores de centros urbanos, pobres e religiosas, em sua maioria, evangélicas. É claro que pode haver uma distinção entre esse termo como uma nova vertente ideológica e política, possivelmente de caráter extremista, no entanto, o autor discute principalmente o conjunto de eleitores que garantiram a expressiva vitória eleitoral de Bolsonaro no ano mencionado.

Assim, o autor aponta que o bolsonarismo enxergou o “novo mundo” dos serviços, que não teve a devida atenção da esquerda. Este não seria mais industrial, organizado por sindicatos, mas sim o mundo do trabalho “flexível”, da “uberização”, no qual o neoliberalismo “empodera” o trabalhador chamando-o de “empreendedor”, em trabalhos precarizados e individualizados. E, neste “novo mundo”, no qual as políticas públicas não chegam e o trabalhador se vê cada vez mais isolado, a religião entraria como local de acolhimento espiritual e material, no qual o cidadão elaboraria valores de pertencimento à comunidade, entre outros, que serão investigados nos capítulos a seguir. Portanto, enfatiza-se que apesar deste terceiro momento de extrema direita retratado, nem todos os evangélicos, eleitores de Bolsonaro, compactuam desse moralismo e radicalismo. Como observa Nicolau (2020),

A aliança com Bolsonaro insuflou os anseios de poder e o ímpeto de cruzado dos evangélicos conservadores, que endossaram ou não censuraram os rompantes autoritários e golpistas do aliado. Essa união intensificou sua radicalização à direita e fragilizou seu compromisso com instituições e princípios democráticos. Por outro lado, a elevada rejeição do eleitorado evangélico (40%) ao presidente de extrema direita dá indícios de que boa parte de seus fiéis não legitimará nova ruptura institucional (Ibid., p. 235).

Outro momento de destaque desta conjuntura foi o avanço da Bancada Evangélica no Supremo Tribunal Federal (STF), no qual o pastor presbiteriano André Mendonça assumiu o cargo de ministro por indicação de Bolsonaro²⁰, que cumpriu a promessa de inserir um indivíduo “terrivelmente evangélico” nessa posição. Esse

²⁰ O STF é composto por 11 ministros, sendo que uma vaga é aberta quando um deles é aposentado, renuncia, sofre *impeachment* ou falece. No mandato de Jair Bolsonaro, foram abertas duas vagas, de modo que ele teve o direito de fazer as indicações desses novos integrantes. Kassio Nunes Marques substituiu o ministro Celso de Mello, que se aposentou após 31 anos no STF e André Mendonça assumiu a vaga de Ricardo Lewandowski, tomando posse também como integrante titular da Corte Eleitoral.

indicativo da aliança entre o ex-presidente e os evangélicos seria uma entre as várias ações realizadas por ele para a manutenção da confiança da ala, uma de suas principais bases de apoio.

Tal base foi essencial para a vitória deste nas eleições de 2018, nas quais os líderes das maiores, e mais ricas, congregações pentecostais do país lhe deram apoio e ainda demonizaram o seu principal rival, Fernando Haddad, o que contribuiu com expressivos 70% de votos de pessoas declaradas evangélicas (NICOLAU, 2020, p. 68). Para além dessa indicação nominal, há outros fatores que contribuíram para esse voto, entre os quais a hipótese da afinidade comportamental, na qual Bolsonaro defenderia pautas morais conservadoras no debate público, correspondendo às perspectivas cristãs mais moralistas.

Segundo Mariano e Gerardi (2020), essa virada para a direita faria parte de uma “onda conservadora” maior, relacionada à de “recessão democrática” global:

A crescente insatisfação com as instituições democráticas e com os efeitos da globalização econômica e de novas tecnologias na renda e no mercado de trabalho e o mal-estar diante do avanço da diversidade cultural, social e comportamental têm favorecido a polarização política e a ascensão de líderes, partidos e governos populistas, à direita e à esquerda, em vários países (EUA, Filipinas, Hungria, Itália, Nicarágua, Polônia, República Tcheca, Turquia, Venezuela, entre outros) (Ibid., p. 330).

Já no território político institucional, especificamente na 55ª legislatura, houve a formação do grupo mais reacionário ligado ao Centrão, a chamada “Bancada BBB”, na qual se alinham as agendas da bancada armamentista (bala), ruralista (boi) e religiosa, principalmente evangélica, mas também com setores católicos (Bíblia), que teria estimulado a Operação Lava Jato, o antipetismo e o bolsonarismo (MARIANO, 2022, p. 225).

Diferente da direita cristã estadunidense, Burity (2020) destaca que no Brasil ocorre a emergência dos “intelectuais orgânicos”. Estes confeccionam, por meio das redes digitais, uma peça discursiva de apropriações seletivas, em que diversas temáticas (história, biologia, literatura, psicologia, marketing, direito, entre outros) são interpretadas através de uma lupa religiosa-conservadora fundamentalista. Para dar um exemplo, Olavo de Carvalho, visto por muitos como o “parteiro da nova direita” no Brasil, pioneiro no uso da internet espaço para agitação política, costumava ostentar tanto seu anticomunismo quanto sua identidade católica conservadora.

Se parlamentos e administrações são espaços onde essas trocas levam a decisões políticas, as redes sociais proporcionam espaços de difusão e ataque de ideias, mobilização virtual e presencial para além do controle

institucional de pastores, bispos e outros líderes eclesiásticos, entre membros comuns das igrejas (*Ibid.*, p. 7, tradução nossa)²¹.

Cabe ressaltar que no Brasil, a mídia tradicional também tem papel significativo para essa ascensão conservadora. Para além das concessões de rádio e TV dadas à bancada evangélica, houve espaço amplo nos telejornais de grande audiência para jornalistas com narrativas moralistas e conservadoras, entre os quais: Alexandre Garcia, José Luiz Datena, Boris Casoy e Rachel Sheherazade.

O uso das redes sociais para a amplificação de discursos conservadores é feito também pelo Dunamis Movement, que utiliza a internet como ferramenta para venda de produtos, difusão de valores, promoção eventos e interação com os seguidores, o que foi potencializado no momento da pandemia, uma vez que o isolamento social contribui com as relações feitas exclusivamente pelas mídias digitais.

Corroborando Burity, Rodrigues (2023) afirma que apesar da derrota de Bolsonaro nas urnas em 2022, o bolsonarismo teve um impacto significativo na forma como os evangélicos se movimentam politicamente. Ele impulsionou um movimento de união, superando disputas do passado, entre as diferentes denominações, em torno de um pacto na guerra²² contra a esquerda ou mais amplamente posições vistas como contrárias a valores religiosos. É significativo que a liberação dos jogos de azar pelo Congresso, que tinha simpatia da equipe econômica do governo Bolsonaro, não se concretizou, principalmente devido à oposição dos políticos evangélicos (BALLOUSSIER, 2019). Essa coalisão passou a incluir, inclusive, outras religiões, como os católicos conservadores – entre os quais a deputada federal Chris Tonietto (PL-RJ) e o deputado Eros Biondini (PL-MG) – como ocorreu na pauta sobre a criminalização do aborto (FONSECA, 2023).

O eleitorado evangélico, pela força demográfica que adquire e pelo poder de mobilização de suas lideranças, precisa ser cortejado e os políticos de esquerda se preocupam sobre como estabelecer diálogos (cf. BOULOS, 2021) e responder a acusações de ser contra esse grupo. Nessa linha, durante a campanha presidencial de 2022, o tema da religião passou a ser pautado pelo campo progressista, desse

²¹ No original: Si los parlamentos y administraciones son espacios donde estos intercambios conllevan a decisiones políticas, las redes sociales proporcionan espacios de difusión y embate de ideas, movilización virtual y presencial más allá del control institucional de pastores, obispos y otros líderes eclesiásticos, entre miembros ordinarios de las iglesias.

²² Ao falar de guerra, destaca-se também a questão da guerra espiritual, que será tratada no capítulo sobre os aspectos teológicos do engajamento político evangélico.

modo houve uma contraofensiva “desencadeada em boa medida por fora dos perfis oficiais da campanha, que associa[va] Bolsonaro à maçonaria, à intolerância religiosa e até ao satanismo, virando assim a mesa da narrativa bolsonarista” (VON BÜLLOW; CARVALHO, 2022) e, depois do primeiro turno da eleição, a campanha petista lançou, em 19 de outubro, uma “Carta Pública ao Povo Evangélico”, na qual foi feito um “movimento mais intenso de aproximação das pautas conservadoras. Primeiro, reafirma[ndo] o compromisso com a liberdade de culto e de religião, depois posiciona[ndo]-se diretamente sobre questões de valores com ênfase nas famílias e jovens” (Ibid.).

Agora, depois da eleição, é possível verificar a continuidade da força da bancada evangélica na Reforma Tributária aprovada na Câmara, com destaque para a modificação acertada com a bancada de ampliação da isenção de impostos para entidades religiosas, que permitirá que qualquer organização ligada a estas também seja beneficiada pelo não pagamento de tributos (LUCENA, 2023).

Destaca-se também que na atual Legislatura (2023-2027), na Câmara dos Deputados 93 parlamentares são vinculados a igrejas evangélicas dentre os 513 empossados. Segundo o Instituto de Estudos da Religião (ISER), as denominações Assembleia de Deus (25 deputados federais), Igreja Batista (15) e Universal do Reino de Deus (14) possuem maior representatividade, somando 58% destes 93 parlamentares eleitos. No Anexo 1 desta dissertação está o levantamento feito pelo ISER dos deputados evangélicos eleitos, nesta 57ª Legislatura²³. Neste cenário se insere o Dunamis Movement, que busca inserção na política institucional, mas que já possui enorme poder nos espaços digitais.

2.2.1. Aspectos teológicos do engajamento político evangélico no Brasil

Neste item, iremos enfatizar a questão teológica como motivadora da entrada dos evangélicos na política, uma vez que apresenta maior correspondência com o objeto aqui analisado, da qual destacamos a mudança de perspectiva teológica de uma crença escatológica pré-milenarista para uma pós-milenarista (ROCHA, 2020; PÉREZ GUADALUPE, 2020, p. 37).

²³ Disponibilizada também pela agência de notícias A Pública, no seguinte link: https://apublica.org/wp-content/uploads/2023/02/Deputados-Evangelicos-Eleitos-57a-Legislatura_As-igrejas-que-dominam-a-nova-ala-evangelica-na-Camara.pdf. Acesso em: 2 mai. 2023.

Segundo Pérez Guadalupe (2020), no sistema teológico pré-milenarista havia a ideia de iminência da segunda vinda de Cristo, também conhecida como *parusia*, o que fomentou uma mentalidade de espera constante em relação ao mundo presente. Portanto, se a expectativa dos evangélicos é de que sejam arrebatados deste mundo no momento da segunda vinda de Cristo,

[...] por que eles deveriam se preocupar em melhorar o mundo ou torná-lo um lugar mais justo e habitável? Essa foi a razão pela qual os evangélicos não participavam de coisas “mundanas” – principalmente de política – não apenas porque foram anatematizados por seus pastores, mas porque não havia sentido em se dedicar a eles se Cristo estava por vir a qualquer momento. Além disso, quanto piores as coisas estivessem no mundo, maior seria a razão de Deus para acelerar a sua vinda e restaurar o seu Reino, como Ele havia prometido (Ibid., p. 37).

Para o autor, nessa doutrina havia também o entendimento, advindo de influências norte-americanas e do pentecostalismo latino, de relação dicotômica entre a Igreja (Deus) e o mundo (*mundus immundus*), no qual as comunidades deveriam se afastar das coisas mundanas e se dedicar de forma integral à evangelização, sendo a política considerada uma categoria fundamentalmente mundana (Ibid., p. 38). Ou seja, não haveria motivo para a disputa pela arena política, uma vez que se tratava de um espaço profano, tomado pelo mal. Sob esse ponto de vista, o mais “cristão” a ser feito seria o distanciamento das coisas do mundo e a luta pelas almas contra as tentações (ROCHA, 2020, p. 615), uma vez que a *parusia* poderia acontecer a qualquer momento.

No pentecostalismo brasileiro, esse afastamento do mundo se deu também pelo “anticatolicismo nas esferas moral, cultural e religiosa” (MARIANO, 2014, p. 190). Diversos líderes religiosos especificam as condutas a serem tomadas pelos fiéis, que vão desde a indicação de normas de comportamento a valores morais, a fim de que não caiam nas tentações e paixões do mundo. Tais regras variam de igreja para igreja, sendo que as igrejas mais sectárias estabelecem listas de proibições mais rígidas (Ibid., p. 190-196). Em 1992, o professor Ricardo Mariano realizou uma pesquisa com 100 fiéis, em sua maioria, pertencentes ao pentecostalismo clássico e ao deuteropentecostalismo²⁴ sobre normas de comportamento. Na qual buscou compreender mais claramente as interdições, conforme podemos ver abaixo:

²⁴ O pentecostalismo clássico e o deuteropentecostalismo correspondem, respectivamente, à primeira e segunda fases do movimento pentecostal no Brasil. Também chamada de primeira onda, predominou entre 1910 e 1950 e abrange as denominações pentecostais clássicas. Tem entre as características o anticatolicismo, a crença na volta de Cristo e o perfil social de fiéis mais pobres e menos escolarizados.

Tabela 2 – Normas de comportamento (resposta estimulada)

	Pode (%)	Não pode (%)	Depende (%)	Não respondeu (%)
Fumar	4	93	-	3
Beber álcool	9	87	-	4
Dançar	7	62	22	9
Sexo extraconjugal	1	95	-	4
Ir a festas	30	4	60	6
Pular carnaval	2	94	-	4
Frequentar boates	6	89	-	5
Frequentar bares	22	72	-	6
Ir a motel com cônjuge	19	65	-	16
Ir à praia/piscina	60	32	-	8
Ir ao cinema	20	39	37	4
Ir ao teatro	21	31	43	5
Ver TV	34	13	48	5

Fonte: MARIANO, 2014, p. 195.

Em reedição, de 2014, deste trabalho, Mariano ressalta que hoje, três décadas, quase todas as formas de lazer descritas são aceitas, de modo que surgiram inclusive bares evangélicos, baladas gospel, filmes, bandas de rock, videogames evangélicos. Entretanto, cabe mais uma vez destacar que essas proibições podem variar dependendo da igreja ou movimento analisado.

No caso do Dunamis (mesmo que enquadrado como neopentecostal), por exemplo, ainda há restrições em relação ao carnaval. No perfil de uma das redes sociais do líder do movimento, Teo Hayashi, ele fala sobre o carnaval e responde à questão “É normal cristão pular carnaval?”. A resposta é categórica: “Para o cristão, sempre foi obviamente errado pular o carnaval”, e argumenta com passagens bíblicas que o evento é pecaminoso, com práticas “repugnantes para Deus (Dt. 18:10-13; Jr. 27:9; Lv. 19:31)”. Na data de acesso desta postagem, a publicação contava com mais de 66 mil curtidas, conforme podemos ver na Figura 1:

A segunda onda acontece de 1950 a 1960, e se caracteriza pela incorporação de igrejas carismáticas independentes que reconhecem a vigência dos dons do Espírito Santo atualmente.

Figura 1 – Publicação sobre o carnaval



Fonte: @teohayashi. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CpN9WUMOLzm/>. Acesso em 02 mai. 2023.

Para Pérez Guadalupe, a partir dos anos 1990 uma nova perspectiva de encarar o futuro começou a ser difundida nos setores neopentecostais na América Latina, era a transformação da teologia pré-milenarista para pós-milenarista. Nela, a construção do reino de Deus, a civilização cristã, se daria antes da sua segunda vinda de Jesus, que marcaria o fim do milênio e daria início à eternidade em uma nova era de Jerusalém (ROCHA, 2017, p. 21).

No Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus é a maior representante dessa postura escatológica. Segundo Rodrigues (2002, p. 62), a IURD, já na segunda metade da década de 1970, acompanhada de igrejas pós-pentecostais, rompeu com um dos elos de pregação pentecostal, substituindo o “Cristo voltará” pelo “Cristo liberta”, o que possibilitou a reinterpretação do mundo, agora não mais pré-milenarista, do retorno de Cristo, mas sim de um mundo material, de fruição do mundo presente (Ibid., p. 65).

Os iurdianos, ao assimilarem essa nova concepção escatológica passam a perceber as mudanças em torno de si e rompem com a mentalidade do gueto, desconstruem discursos pentecostais, conclamando a “todos”, sob a justificativa de que é necessário “estar no mundo”, fruir o que o mundo tem de melhor, sorver o néctar das suas primícias, exercer a mordomia de cristo

plenamente, pois somos “sócios de Deus” (Edir Macedo, 2000, p, 59), sem, contudo, absorver o mundo totalmente. Invocam assim, a consciência de que são “novas criaturas no Senhor”, estabelecendo uma consciência “religiosa antropofágica” - deglutir o mundo, desde que não se percam as raízes da fé em Cristo (RODRIGUES, 2002, p. 66).

Nos Estados Unidos, os conceitos de pré e pós-milenarismo já circulavam na segunda metade do século XIX, entretanto, foi a partir de meados dos anos 1970, que a politização e atuação em espaços públicos de grupos fundamentalistas começou a influenciar autores evangélicos renomados como Hal Lindsey e Tim LaHaye, que passaram a discorrer sobre o papel dos Estados Unidos na reconstrução do mundo. Se antes pensavam na responsabilidade do país no fim do mundo, agora, pensavam nessa responsabilidade perante o mundo para o estabelecimento de uma nova era (ROCHA, 2017, p. 20).

A expectativa catastrófica começou a estabelecer um diálogo improvável com antigas perspectivas de tendências pós-milenaristas que advogavam um papel redentor dos Estados Unidos, como a nação que deveria mostrar ao mundo a luz do cristianismo resplandecida em suas instituições, suas leis, suas escolas e seu governo. A ideia de um Milênio cujo advento seria dependente do retorno de Cristo passou a receber os coloridos pós-milenaristas do “Milênio americano” (Ibid., p. 20-21).

A mudança de ponto de vista, que passou a priorizar a implantação do Reino cristão para a chegada de Cristo, alterou a dinâmica da relação com as atividades antes chamadas mundanas. O tempo presente é um tempo de prosperidade da Igreja, “[...] uma espécie de grande avivamento que envolverá a conversão maciça de gentios e judeus em cumprimento à visão paulina que encontramos em Romanos 11:25-27” (ROLDÁN, 2002, p. 106 apud PÉREZ GUADALUPE, 2020, p. 38)²⁵. Agora o trabalho era direcionado para a ocupação ativa dos cristãos de todos os espaços, incluindo a esfera política, que se tornou particularmente relevante.

No Brasil essa é uma das características que difere o pentecostalismo clássico, pré-milenarista, do neopentecostalismo. Para Mariano:

Ao contrário dos pré-milenaristas, os neopentecostais nada têm de quietistas. Querem prestígio e respeitabilidade social. São triunfalistas e intervencionistas. Pretendem transformar a sociedade através da conversão individual e da inculcação da moral bíblica, mas também (o que é novo) da realização crescente de obras sociais, da participação política partidária, da conquista de postos de poder nos setores privado e público e do uso religioso do rádio e da TV (2014, p. 45).

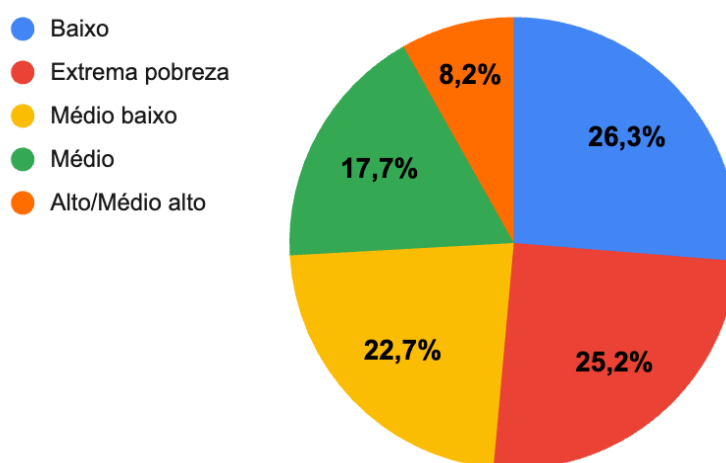
²⁵ ROLDÁN, Alberto F. Escatología. Una visión integral desde América Latina. Buenos Aires: Kairós, 2002.

2.3. Juventude evangélica, redes sociais e engajamento político

No Brasil, os jovens de 15 a 29 anos²⁶ representam quase ¼ da população brasileira, com cerca de 50 milhões de pessoas. Dos quais 51% que se declaram pardos, 10% são pretos; 38%, brancos; 0,5%, amarelos, e 0,4%, indígenas (IBGE, 2019), com distribuição entre homens e mulheres é quase idêntica no segmento juvenil (49,6% e 50,4% respectivamente), de acordo com Pesquisa Agenda Juventude Brasil 2013.

Levantamento realizado pela Pesquisa Juventudes no Brasil (2021)²⁷, conforme apresentado na Figura 2, revela que mais da metade da população entrevistada, 51,5% estão no grupo socioeconômico “baixo” ou de “extrema pobreza”, correspondendo a dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) que indicam que 25% da população brasileira está na linha da pobreza, com renda per capita de até US\$ 5,5 por dia²⁸.

Figura 2 – Levantamento socioeconômico de jovens de 15 a 29 anos no Brasil



Fonte: Pesquisa Juventudes no Brasil, 2021.

²⁶ O Estatuto da Juventude do Brasil considera “jovem” os cidadãos entre 15 e 29 anos e a Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que juventude é a fase entre 15 e 24 anos. Neste trabalho vamos considerar a determinação brasileira.

²⁷ Pesquisa realizada entre agosto e setembro de 2019 por pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foram feitas 1740 entrevistas utilizando uma amostra estratificada por meio de técnica probabilística de múltiplas etapas.

²⁸ IBGE adota indicador oferecido pelo Banco Mundial, no qual estão na linha de pobreza as pessoas com rendimentos per capita US\$5,50 e na linha de extrema pobreza as com renda de até US\$1,90.

Essas características socioeconômicas auxiliam na compreensão da complexidade do que chamamos “juventude”, mas não a determina. Uma vez que a categoria abrange uma série de elementos que permeiam a vida dos jovens em relações sociais e em determinado contexto sociocultural.

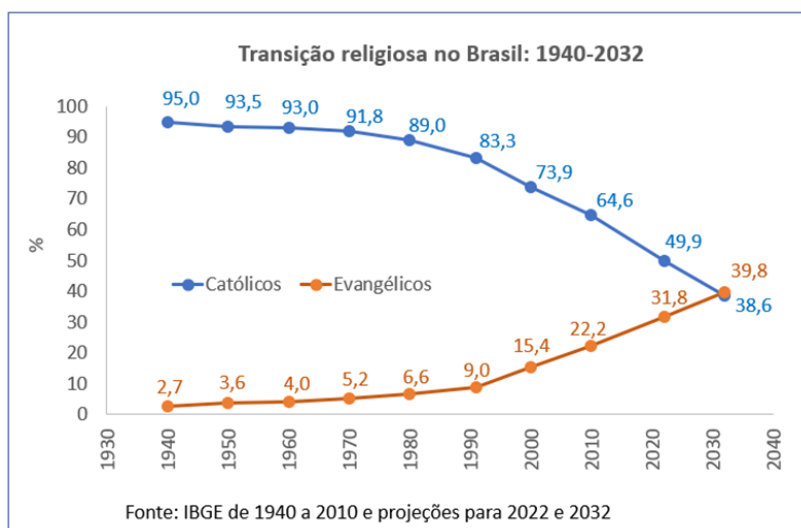
Para Santana (2011, p. 4), “a juventude é, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social”, na qual há a construção de uma identidade em um processo dinâmico e em constante transformação, permeada pela negociação de comportamentos, atitudes e concepções políticas, culturais, econômicas, entre outros elementos que compõem a realidade social.

A categoria, portanto, não pode ser compreendida de maneira estática ou homogênea, mas sim como uma representação sociocultural complexa, na qual os jovens se identificam e são identificados com base em uma série de características compartilhadas (exógenas). Além disso, a juventude também pode ser considerada como uma situação social, uma vez que os jovens enfrentam desafios e vivenciam experiências particulares (endógenas) que são distintas de outras fases da vida (SANTANA, 2011, p. 4). Deste modo, tal repertório deve ser considerado quando busca-se compreender como essa geração compreende a religião e como é ser um(a) jovem religioso(a).

Na década de 1970, por exemplo, o catolicismo desempenhava no Brasil um papel central na conformação da identidade religiosa e social dos jovens. As igrejas católicas eram espaços de referência e organização da vida social, tanto nas áreas urbanas quanto rurais. Essa influência religiosa permeia a topografia do povoamento, com as igrejas católicas ocupando posições de destaque, tanto no centro das comunidades quanto em locais mais elevados (NOVAIS, 2016, p. 233).

Nas décadas seguintes tem-se observado um agravamento do declínio do número de seguidores da Igreja Católica, ao passo que se evidencia o crescimento do movimento pentecostal entre os segmentos mais pobres, impulsionado pela proliferação de diversas denominações pentecostais de diferentes abrangências e proporções. Isso se relaciona com a tendência geral da chamada “transição religiosa” no Brasil, na qual a população evangélica deve ultrapassar a católica na década de 2030 (Figura 3).

Figura 3 – Projeção sobre transição religiosa no Brasil em 2032



Fonte: Alves (2018).

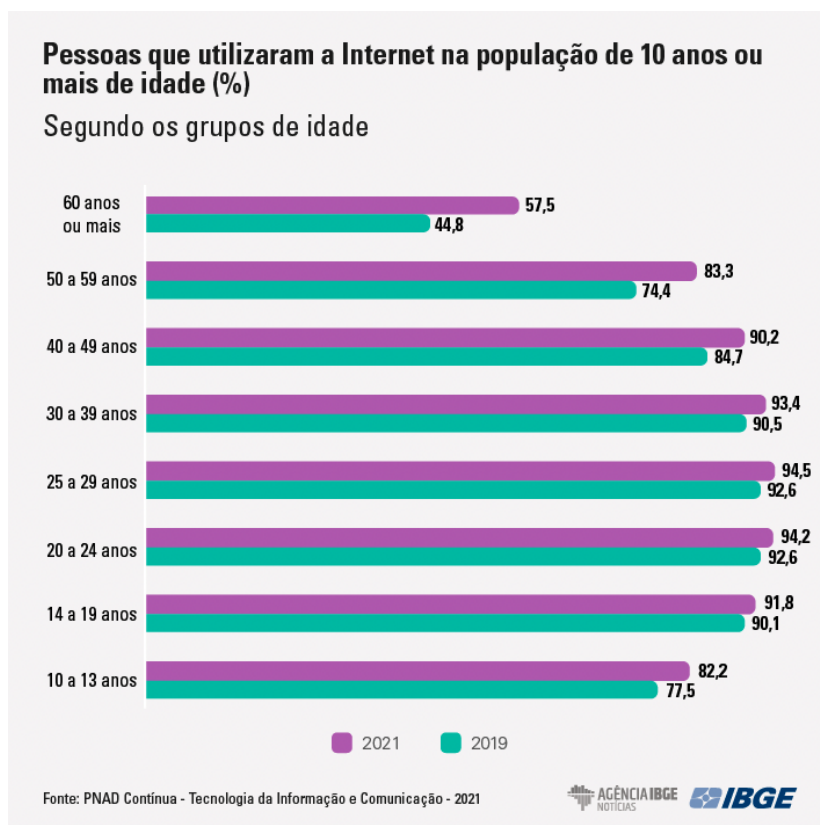
Segundo Novais (2016), observou-se também a redução da transmissão intergeracional da religião católica no Brasil, na qual os jovens buscam outras fontes de referência, fora das famílias, para a definição do seu pertencimento, ou falta deste, em relação às instituições religiosas. Por outro lado, verifica-se que as autoridades tradicionais de fé, tais como as igrejas e pastores, também têm perdido espaço na transmissão de valores para os jovens (FUNDAÇÃO SM/OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE, 2021, p. 75).

A mudança nas preferências e mecanismos de identificação religiosa entre os jovens reflete as transformações sociais mais amplas que estão ocorrendo no contexto brasileiro. Novas fontes de influência e orientação estão emergindo, desafiando as estruturas tradicionais e oferecendo aos jovens uma visão mais pluralista e individualizada da religião. Nessa situação, buscam identidades religiosas que estejam em consonância com suas experiências pessoais e necessidades existenciais, fazendo uso de outros referenciais para determinar seu pertencimento, ou falta deste, em termos institucionais e religiosos.

Nesse cenário, o que ganha destaque como referência, identidade e sociabilidade é o uso das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD TIC) (2021), o número de pessoas com mais de 10 anos que acessa a internet no Brasil aumentou de 79,5%, em 2019, para 84,7%, em 2021. Esse aumento pode ser observado em todas as faixas etárias, sendo o grupo de 25 a 29 anos o com maior

percentual, 94,5%, mas o aglomerado que contempla a juventude, ou seja, de 14 a 29 anos, tem os percentuais acima de 90%, como mostra a Figura 4:

Figura 4 – Usuários de internet no Brasil por faixa etária



Esses altos índices de acesso à rede são características de uma geração, nascida após os anos 1980, que fez do uso das TICs um determinante para a construção de sua subjetividade e para suas relações com o mundo, o que inclui suas relações com a religião. Esse aspecto se faz relevante ao analisar o Dunamis Movement, já que é um grupo que tem as redes sociais como principal forma de interação com os seus jovens seguidores e difusão de seus preceitos.

Em pesquisa qualitativa realizada por pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) com artigo publicado chamado “Percepção de Jovens Brasileiros sobre as Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade” (ROSA et al., 2021), foram estabelecidas quatro zonas de sentido que sintetizam os significados subjetivos expressos pelos participantes e que se fazem interessantes ao analisar relações religiosas on-line: (1) “Capturados pela Rede”; (2) “Rede Caça-Níqueis”; (3) “Termômetro de Si”; e (4) “Espelho da Sociedade”.

Na categoria “Capturados pela Rede”, os participantes descrevem a influência social na opção de participarem das redes e o subsequente efeito de se tornar incapaz de se desligar delas²⁹. A adesão às redes teria sido motivada pelo desejo de inserção no ambiente virtual e pela percepção de que o acesso aos serviços oferecidos por essas plataformas era necessário para se relacionar na sociedade contemporânea.

Os resultados mostraram que 50% dos participantes consideravam as redes sociais como um meio de interação e manutenção de contatos, enquanto 44% as viam como uma ferramenta para facilitar a comunicação. Esses dados indicam que o interesse em interagir e se comunicar com os outros está relacionado ao desejo de pertencimento ao meio social em que estão inseridos.

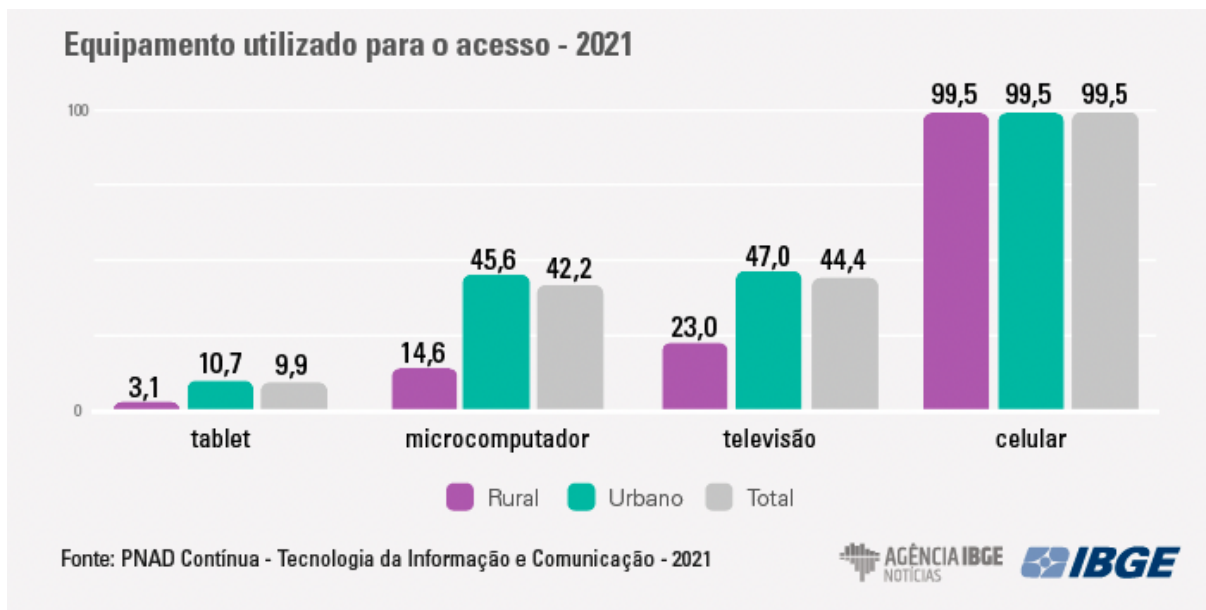
Em pesquisa realizada com estudantes brasileiros e portugueses sobre apropriação de redes sociais (ROSADO; TOMÉ, 2015), é observado que os jovens têm facilidade em estabelecer conexões nas redes sociais devido ao baixo custo de filiação. Isso faz com que eles adicionem muitos “amigos”, mesmo que não mantenham laços de amizade fortes com todos ao longo do tempo. Essas conexões são frequentemente superficiais, apenas como nomes em uma lista de contatos, sem um vínculo significativo, o que aumenta à medida que os estudantes amadurecem. De forma que, quanto maior a idade, maior o número de “amigos” fora do convívio presencial (Ibid., p. 21).

Voltando a segunda zona de sentido, a denominada “Rede Caça-Níqueis” é derivada da analogia com um caça-níqueis feita por Paulo, um dos jovens entrevistados. Para ele, ver as redes no celular gera uma sensação semelhante a um caça-níquel, como se você ficasse “girando” até ganhar um prêmio, mas, segundo Paulo, na maioria das vezes não se “ganha” nada e só se perde tempo.

O uso do celular como uma porta de entrada para o ambiente das redes sociais é destacado pelos entrevistados, o que pode ser confirmado pela PNAD TIC (2021), na qual temos o celular como principal equipamento de acesso à internet nas zonas urbanas e rurais do Brasil, conforme a Figura 5. Esse ponto é relevante quanto a produção de conteúdos, uma vez que o celular tem suas particularidades em relação ao formato, o que é levado em consideração pelos produtores do Dunamis, como veremos no decorrer desse trabalho.

²⁹ As entrevistas revelaram o uso de palavras como “vício”, “desperdício” e “excesso”, que denotam o uso compulsivo das redes e reforçam a percepção de terem sido capturados por uma rede atrativa, mas ao mesmo tempo aprisionadora.

Figura 5 – Equipamento utilizado para o acesso de internet (%)



Ainda na pesquisa da UnB, os jovens revelam que entrar nas redes sociais é uma atividade rotineira em suas vidas e admitem que essa dedicação diária consome muito tempo. Por outro lado, quando se afastam sentem que estão perdendo algo, relatando angústia e desespero. Essa dependência está relacionada ao “medo de perder algo” (*Fear of Missing Out* - FOMO), que envolve o receio de perder atividades gratificantes, de ficar excluído do que está acontecendo nas redes sociais e o desejo persistente de se manter conectado. A percepção das redes sociais como um entretenimento instigante, mas arriscado, resume os sentimentos compartilhados nessa zona de sentido e abre espaço para a discussão sobre o que está em jogo nesse ambiente.

Já a categoria “Termômetro de Si”, avalia os efeitos das interações nas redes sociais na percepção e autoavaliação dos participantes. Estes destacaram a tendência de expor aspectos pessoais nas plataformas, o que está sujeito à avaliação dos outros usuários.

Ressaltam também que a popularidade é medida pelo número de *likes*, o que os levam a comparações constantes com os demais usuários, que, por sua vez, pode gerar transtornos de saúde mental. Como resultado, a maioria dos jovens segue um padrão de autoapresentação nas redes sociais para evitar ser diferente e enfrentar desaprovação ou isolamento. Essa constante comparação passa a ser um termômetro

da autoavaliação e do conceito de si mesmo. No entanto, os participantes reconhecem que esse padrão de apresentação promove um culto à perfeição, o que pode ser sufocante, mas também pode servir como inspiração.

Por fim, a categoria “Espelho da Sociedade” evidencia como as redes sociais refletem e amplificam as dinâmicas, contradições e conflitos presentes na sociedade e como isso influencia o modo como os jovens percebem o mundo.

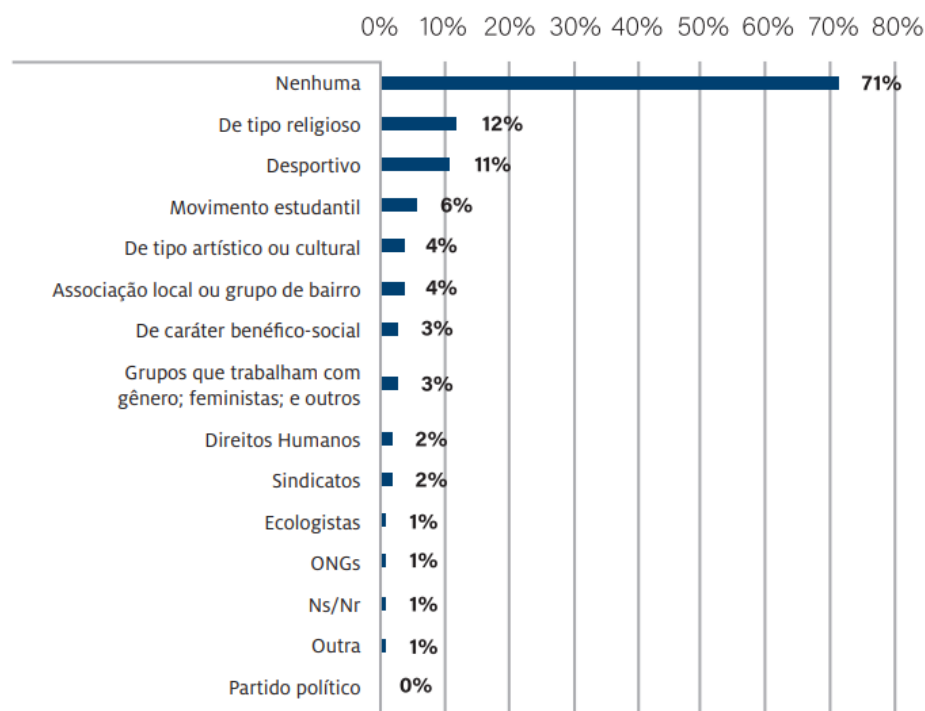
Eles destacam a mistura de assuntos individuais e coletivos nas redes e reconhecem as regras implícitas desse ambiente. Compreendem também a liberdade de expressão, mas reconhecem que nas redes essa liberdade pode ser abusiva, levando a comportamentos negativos, como agressividade, intolerância, invasão de privacidade e criação de *fake news*. Eles também destacam tais plataformas como tribunais, nos quais as pessoas podem julgar e serem julgadas por suas opiniões, especialmente em discussões públicas, em que é comum haver discriminação por questões políticas e ideológicas.

Os jovens chamam atenção também para o algoritmo das plataformas, que limita o que eles veem, criando bolhas nas quais as informações expostas são apenas de determinadas opiniões e informações. E que essa limitação impede uma compreensão completa da pluralidade de pensamento presente na sociedade.

Mais uma vez os pesquisadores chamam atenção para a questão do não uso das redes, e obtêm a resposta que não fazer parte das redes significa estar isolado e desinformado, e por isso existe uma pressão para que as pessoas estejam “dentro disso”, do contrário, “você é tipo um E.T.”, segundo a jovem Andrea (ROSA et al., 2021, p. 7).

Se por um lado a participação nas redes é quase obrigatória, a participação presencial em associações, grupos ou coletivos é ínfima. De acordo com Pesquisa Juventudes no Brasil 2021 (FUNDAÇÃO SM/OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE, 2021), 71% dos entrevistados disseram não participar de nenhuma associação e nenhum deles participa de nenhum partido político. Daqueles que participam de alguma associação, grupo ou coletivo, a maioria é integrante de algum de cunho religioso (12%), seguido por algum do tipo desportivo (11%), os demais como movimento estudantil, grupo artístico ou cultural, associação de bairro, não chegam a 10%, conforme a Figura 6:

Figura 6 – Participação de jovens em grupos, coletivos e associações



Fonte: Pesquisa Juventudes no Brasil 2021

A pesquisa identifica também que há maior participação entre os mais novos, de modo que à medida que ganham mais idade, a participação é reduzida. O que pode estar relacionado ao redirecionamento do tempo com a entrada no mercado de trabalho, cuidados domésticos, maternidade, preparação para o vestibular e/ou entrada na universidade.

Nota-se, nas citadas zonas de sentido, que os jovens buscam o sentimento de pertencimento, almejando fazer parte de um universo criado nas redes sociais. A participação neste universo substituiria a participação em grupos presenciais para essa geração?

No caso do Dunamis, apesar da promoção de eventos presenciais, muitas vezes pagos, é possível realizar diversas atividades de maneira on-line e gratuita, tais como: cultos, recebimento de bênçãos, shows, cursos de formação de lideranças, entre outros. O que, por sua vez, possibilita o contato com um número maior de pessoas, localizadas em lugares diversos, formando um grupo, mesmo que momentaneamente.

De acordo com a Agenda Juventude Brasil 2013³⁰, os jovens, ao serem questionados sobre as formas de atuação que poderiam melhorar o país, citaram a “atuação em associações ou coletivos que se organizam por uma causa” em primeiro lugar, seguido por “atuação em mobilizações de rua e outras ações diretas”, ressalta-se que o período da pesquisa foi de abril a maio de 2013, um mês antes das manifestações de grande repercussão no Brasil. Apesar disso, esses dados não são excepcionais, já que pesquisas mais recentes (SOLANO et al., 2022) apontam dados semelhantes: engajamento político em coletivos desvinculados da política institucional.

Figura 7 – Opinião dos jovens sobre formas de atuação que podem melhorar o Brasil



Fonte: Agenda Juventude Brasil, 2013.

Destaca-se também a desconfiança em relação à política tradicional, principalmente quanto aos partidos políticos, encontrada em diversas pesquisas (BRASIL, 2013; ATLAS, 2021, SOLANO et al., 2022). De acordo com relatório coordenado pelas pesquisadoras Esther Solano e Camila Rocha (SOLANO et al., 2022)³¹, apesar dessa desconfiança, os jovens se interessam por política e apoiam a democracia, sendo portadores de um “ceticismo engajado”:

³⁰ A “Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional Sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013” foi conduzida por meio de questionários estruturados. A amostra abrangeu um total de 3.300 entrevistas, realizadas em 187 municípios, englobando jovens com idades entre 15 e 29 anos.

³¹ Em “Juventude e Democracia na América Latina” foram realizadas entrevistas aprofundadas com jovens de 16 a 24 anos, em quatro países: Brasil, Argentina, Colômbia e México.

Deste modo, a caracterização mais adequada para a juventude não seria como “apolítica” ou “apática”, e sim como portadora de um “ceticismo engajado”: cética com relação aos partidos e aos políticos profissionais, por serem distantes dos cidadãos, mas engajada politicamente em questões mais locais, imediatas e “pós-materialistas” (Henn et al., 2002) (SOLANO et al., 2022, p. 3).

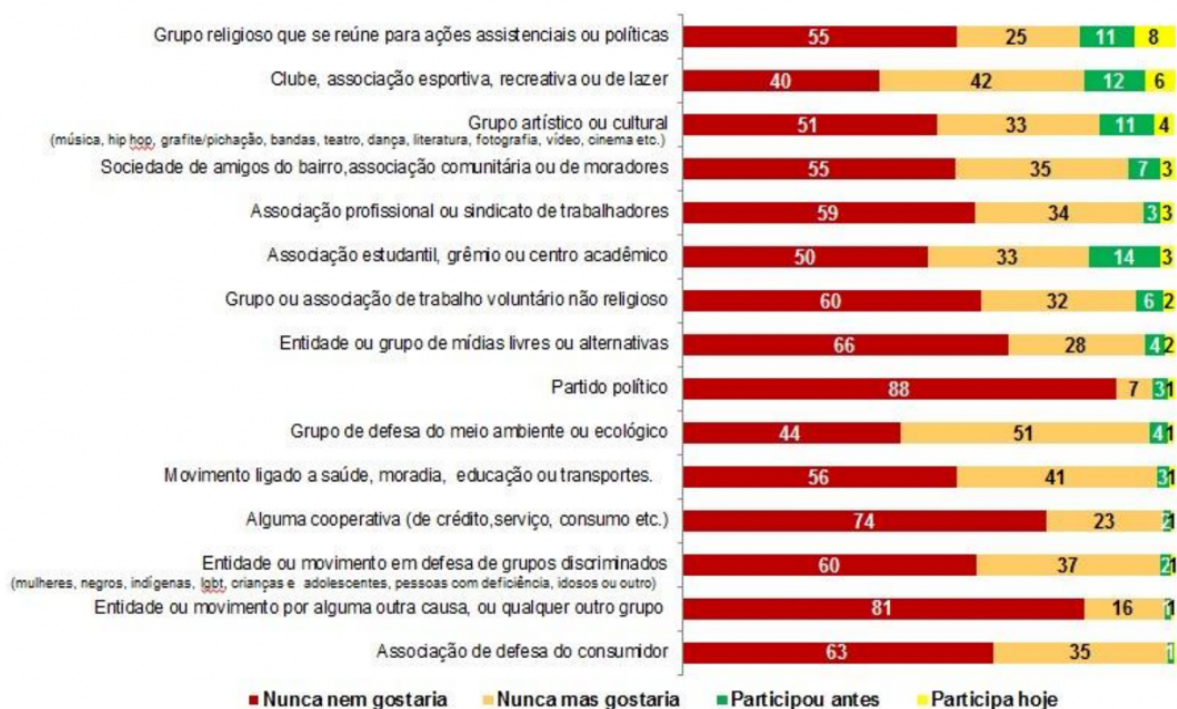
Essa perspectiva reconhece que os jovens têm interesse político, mas buscam formas alternativas de envolvimento que estejam em maior consonância com suas preocupações e lutas por mudanças em questões que consideram importantes. Movimentos sociais, protestos, ativismo on-line e outras formas de ação coletiva estariam em maior conformidade com suas convicções e as plataformas políticas que apoiam. Ao passo que consideram a política institucional como ultrapassada e fechada para os jovens (SOLANO et al., 2022, p. 3).

E os jovens têm razão, já que o protagonismo juvenil em instâncias governamentais ainda é muito incipiente. Por exemplo, apenas 3% da composição da Câmara de Deputados é de pessoas com menos de 30 anos (AGÊNCIA ESTADO, 2019). E, segundo mapeamento do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), de 2010, há somente 105 conselhos estaduais e municipais de juventude no Brasil, dos quais quase metade estão concentrados na região Sudeste (COSTA, 2014 *apud* ATLAS, 2021, p. 291)³².

Para reforçar esse ponto sobre a aversão à política profissional, a Agenda Juventude Brasil 2013 mostra que 88% dos entrevistados disseram que nunca participaram e que nem gostariam de participar de um partido político. E fazendo coro aos dados apontados na Figura 7, a maioria dos jovens não participam de associações. Aqueles que participam apontam grupos religiosos voltados para ações assistenciais e políticas (8%) e grupos esportivos (6%), conforme Figura 8.

³² COSTA, A. C. C. Conselho municipal de juventude do município da Serra-ES: uma análise da gestão de 2009 a 2011. 2014. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social) – Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014.

Figura 8 – Participação em associações e entidades



Fonte: Agenda Juventude Brasil, 2013.

Cabe ressaltar que participar de cultos religiosos é considerado como uma das cinco atividades de lazer mais citadas pela juventude brasileira, entre as quais também estão: passear no parque, no shopping center, ir a festas em casas de amigos, assistir TV e navegar na internet (BRASIL, 2013). Nota-se que a maioria destas atividades são gratuitas e muitas vezes não exigem deslocamento, ao contrário de outras atividades menos citadas como ir ao teatro, cinema e shows que, em geral, envolvem custos de ingresso e transporte (NOVAIS, 2016, p. 246).

Ao voltar a atenção para essa participação em grupos religiosos, evidenciou-se que são os evangélicos que mais participam de grupos assistenciais e políticos (18%), assim como são os que mais participam de grupos culturais, associações de moradores e trabalhos voluntários (BRASIL, 2013).

Ao analisar tais dados, Novais (2016) chama atenção também para os que se declaram “sem religião” (1,5%) que participam de grupos religiosos, o que apresenta a necessidade de distinção daqueles que “acreditam em Deus, mas não têm religião”, dos ateus e agnósticos, que de fato não participam destes grupos. De acordo com relatório Atlas das Juventudes (BARÃO; RESEGUE; LEAL, 2021, p. 145):

O engajamento em grupos religiosos, por exemplo, parece ser muito significativo para a vida social e cultural dos jovens. Na etapa de imersão qualitativa do Atlas, jovens reforçaram o sentimento de pertencimento e

conforto oriundos das práticas espirituais, identificando que estas é que proporcionariam autoconhecimento. A fé e a espiritualidade são vistas como maiores que a religião enquanto instituição, embora os locais de celebração religiosa sejam pontos de encontro da vida comunitária.

Novais (2016, p. 261) salienta a importância de mapear lógicas e arranjos para refletir sobre o ser ou não religioso que, não necessariamente, sejam explicadas pela lógica do pertencimento e “sem construir explicações generalizantes nas quais não caibam múltiplas e simultâneas formas de combinar religiosidade e participação social (nos territórios e nas redes)”.

Considerando esses aspectos, é interessante observar as respostas à pergunta feita na Pesquisa Juventudes no Brasil 2021 (Tabela 3): Como sua crença religiosa influencia sua vida cotidiana, no seu dia a dia³³?

Tabela 3 – Crença religiosa e influência na vida cotidiana dos jovens

Te dá paz interior	64%
Te sentes protegido	58%
Dá sentido a sua vida	47%
Te ajuda a tomar decisões	45%
Te motiva no compromisso com os outros	31%
Permite que você saia ou se mantenha afastado das drogas	23%
Permite que você saia ou se mantenha afastado das práticas criminosas, gangues	23%
Você se sente parte de uma comunidade	18%
Não influencia, não afeta meu dia a dia	4%
De outra maneira	2%
Ns/Nr	1%

Fonte: Pesquisa Juventudes no Brasil, 2021.

A pesquisa ainda menciona variáveis como faixa etária, na qual verifica-se que os mais velhos (25 a 29 anos) salientam “Te dá paz interior”, “Te sentes protegido” e “Dá sentido à vida”, em detrimento dos que têm entre 15 e 17 anos que enfatizam “Permite que você saia ou se mantenha afastado das drogas”.

E a variável religião, na qual os jovens evangélicos têm destaque em quase todas as opções de resposta, sendo “Te ajuda a tomar decisões” a mais citada em comparação com as demais religiões. Uma hipótese levantada na pesquisa é de que

³³ Entrevistados podiam escolher múltiplas respostas.

essa geração possui bastante proximidade com a comunidade religiosa no dia a dia (Ibid., p. 218). Outro destaque são as opções “Permite que você saia ou se mantenha afastado das drogas” e “Permite que você saia ou se mantenha afastado das práticas criminosas, gangues”, as únicas em que os evangélicos ficam atrás dos católicos.

Especificamente sobre a juventude evangélica, a qual o Dunamis se dedica como movimento, em dados gerais, esta corresponde a mais de 11 milhões de pessoas, de acordo o último Censo realizado há 13 anos, portanto, de acordo com as estimativas de crescimento, este número possivelmente teve um salto.

Destes, temos a maioria de pentecostais (12,8%) e, ainda segundo o Censo, com maior concentração na faixa de até 1 salário-mínimo, teriam baixa escolaridade e seriam pardos. Pesquisa mais recente corrobora com esse marcador de nível socioeconômico, sendo que há jovens evangélicos em todas as faixas de renda, mas estão menos presentes nas classes alta/média alta e em maior número entre os pobres (FUNDAÇÃO SM/OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE, 2021, p. 210).

Nota-se também o aumento dos jovens evangélicos “não determinados”, com 4,9% e os “sem religião”, com 9,61% (FUNDAÇÃO SM/OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE, 2021, p. 200), de modo a ressaltar que este também seria um potencial público do movimento analisado, uma vez que a participação pela internet não exige vínculos. Por outro lado, a pesquisa incrementa, afirmando que há aqueles que se definem evangélicos, por frequentarem tais redes evangélicas na internet, mas que nunca foram membros de nenhuma congregação:

Também há registros de jovens que nunca foram membros de uma Igreja, mas que hoje se definem como “evangélicos”, porque circulam em redes evangélicas na internet, porque podem “baixar” cultos a qualquer hora do dia e da noite, por frequentarem eventos que ocupam avenidas e praças públicas, por consumirem a vasta produção da indústria fonográfica de música *gospel* ou porque procuravam livros na lista dos mais vendidos do país (Ibid., p. 200).

Segundo o teólogo Rodolfo Capler (2022), existem características relevantes nas igrejas pentecostais e neopentecostais que atraem os jovens brasileiros. Essas características incluem: a contextualização da mensagem de fé (PIERUCCI; PRANDI, 1996), que se adaptaria a realidade dos jovens; música *gospel*, que incorpora diversos gêneros populares (CUNHA, 2004; PEREIRA, 2014); ênfase discursiva no indivíduo, na qual a mensagem transmitida por pastores e pastoras seria centrada no indivíduo

(ALVES, 2012; DUNKER et al., 2021), o que atrairia as gerações Y e Z³⁴, que seriam mais individualistas e narcisistas, entretanto, aqui ressalta-se a questão neoliberal, discutida anteriormente; e, por fim, a presença social das igrejas em locais abandonados pelo poder público, o que encontramos em autores como Ricardo Mariano (2014), Juliano Spyer (2020), Magali Cunha (2022), entre outros.

Outro elemento de destaque é o conflito vivido pelos jovens em relação ao “mundo secular”. Esse fator é comum na trajetória de evangélicos de todas as idades, como vimos no tópico sobre identidade evangélica. Contudo, para os jovens, esse conflito é bastante enfatizado, em especial, nos locais de estudos formais (ALVES, 2012).

Em pesquisa qualitativa com jovens da denominação pentecostal clássica Assembleia de Deus, a antropóloga Maria de Fátima Paz Alves (2012) constatou a grande dificuldade destes nas universidades, uma vez que se deparam com provocações e preconceitos por parte dos “mundanos”. Ao perguntar aos entrevistados(as) como lidam com isso, evidenciou algumas possibilidades, entre as quais:

[...] um “fechamento”, que denota retração ou apatia, passando por uma interação com restrições, ou estabelecendo uma postura de confronto. Uma reação possível, ainda, denota a negação do “ser diferente”, observada em momentos de crise, que pode se revelar como algo passageiro, sem maiores repercussões, ou vir a resultar no afastamento momentâneo ou efetivo do/a jovem do seio da igreja (*Ibid.*, p. 113).

Entretanto, entre estes entrevistados o que predominou foi a interação com restrições, colocada por alguns como “sacrifício necessário”. Anteriormente as universidades eram tidas pelas congregações como locais pecaminosos e perigosos, em oposição às escolas técnicas. Atualmente, há o estímulo para a entrada destes jovens nas universidades, com o conselho de não se “contaminar pela visão secularizante” (*Ibid.*, p. 114).

Em resposta a esse local “hostil ao evangelho”, o Dunamis Movement realiza o Dunamis Pockets, que é um braço de missões evangelizadoras do movimento dentro das universidades, nas quais são oferecidos encontros semanais de aproximadamente uma hora com líderes do grupo. O alcance, segundo o próprio

³⁴ Chamados também de “millenials”, por terem nascido em data próxima à mudança do milênio. Já a geração Z é conhecida por ter nascido após a internet ter se tornado mais acessível.

movimento é de 9134 pessoas, 266 pockets pelo mundo, sendo 16 internacionais e em 10 países (DUNAMIS, 2023)³⁵.

Estes eventos oferecem um porto seguro aos jovens evangélicos, uma vez que a entrada está aberta para todas as denominações, inclusive àqueles que se dizem “sem-religião” e “sem denominação”, como vimos anteriormente. O pocket ainda se beneficia da falta de tempo para dedicação à Igreja relatada pelos jovens (ALVES, 2012, p. 110), uma vez que são realizados dentro dos espaços universitários, indo até os estudantes.

Contudo, é importante destacar que, apesar desse acolhimento, o Dunamis Movement possui uma agenda conservadora, pautada por valores morais tradicionais e posicionamentos contrários às lutas da comunidade LGBTQIAPN+ e do feminismo, por exemplo. Ainda que esse movimento seja uma fonte de apoio para muitos jovens, é relevante questionar como esse acolhimento pode estar influenciando a formação desses indivíduos e se isso poderia comprometer a busca por uma sociedade mais pluralista e democrática.

A análise da relação entre juventude, redes sociais e religiosidade evangélica no Brasil revela um cenário complexo e dinâmico. A juventude, como categoria sociocultural, enfrenta desafios e vivencia experiências particulares que estão em constante transformação. A influência das redes sociais na formação da identidade religiosa dos jovens é inegável, com as plataformas digitais oferecendo um espaço para a busca de sentido e pertencimento.

Nesse contexto, o Dunamis Movement se destaca ao oferecer um ambiente acolhedor para a juventude evangélica nas redes sociais e nas universidades. Contudo, é necessário compreender o viés conservador desse movimento e refletir sobre o papel que ele desempenha na formação dos jovens, especialmente em relação à promoção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

³⁵ <https://dunamismovement.com/dunamis-pockets/>. Acesso em 25 jun. 2023.

3. DUNAMIS MOVEMENT

O capítulo busca responder às questões sobre o que é o Dunamis Movement, sua origem, objetivos, crenças e atuações. Como não se trata de uma igreja e tem atividades diversas, responder a estas perguntas coloca-se como primeiro passo para a análise.

Para isso, o estudo buscou, além da descrição colocada pelo próprio movimento, registros burocráticos do grupo, tais como inscrições de Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e as atividades relacionadas a ele, entre os quais sobressai a promoção de cursos.

Deste levantamento dos cursos oferecidos pelo grupo, nota-se o objetivo comum de trabalho missionário. Além disso, o uso estratégico das redes sociais pelo Dunamis, suas estratégias de comunicação e sua popularidade nessas plataformas são destacados.

O capítulo explora também a visão teológica do Dunamis, uma vez que essa perspectiva fundamenta e orienta as atividades, objetivos e estratégias desse em busca de transformação social e religiosa. Compreender suas crenças oferece insights para o estudo sobre como o movimento interpreta a fé cristã, as questões morais e políticas, o papel dos jovens na sociedade e a interseção entre espiritualidade e engajamento no mundo contemporâneo.

3.1. Mas afinal, o que é Dunamis Movement?

O Dunamis Movement é um movimento evangélico, fundado em 2008 pelos pastores Teófilo (Téo)³⁶ Hayashi e André Tanaka e, pelo missionário, Felipe Borges, voltado para o público jovem, que tem como principal atividade o trabalho missionário. Este é realizado por meio de cursos, palestras, músicas, livros e redes sociais digitais, que será o enfoque deste trabalho.

O registro público da empresa “Movimento Dunamis” está no nome de Teófilo, caracterizando-a como uma associação privada que exerce, segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), “atividades associativas não especificadas anteriormente”. De acordo com o IBGE, essa CNAE compreende:

³⁶ É interessante notar que Teófilo usa o nome abreviado Téo nas redes do Dunamis e o nome por extenso na *Zion Church*, igreja fundada por sua mãe Sarah Hayashi, talvez como forma de direcionamento de público, sendo Téo menos formal, gerando sensação de proximidade ou ainda pensado como nome mais “internacionalizável”, uma vez que o Dunamis amplia sua influência internacionalmente.

94.99-5-00 - as atividades de organizações associativas diversas criadas para defesa de causas de caráter público ou objetivos particulares não relacionadas a qualquer atividade classificada em outras classes, tais como: as organizações que prestam apoio a serviços municipais e educativos; as associações feministas; as organizações de proteção de grupos étnicos e minoritários; as associações de consumidores; as associações de pais de alunos; as associações e clubes estudantis; e as fraternidades. Esta subclasse compreende também: os serviços de apoio e suporte operacional à atividades executadas por grupos de autoajuda, ou ajuda mútua em programas de recuperação de dependência afetiva a vícios em álcool, drogas, jogos, e grupos similares (IBGE/CONCLA, 2023).

Adentrar nessa especificidade burocrática é interessante, pois nota-se que, apesar de existir uma CNAE específica para empresas que exercem atividades religiosas, filosóficas ou similares (9491-0/00), normalmente escolhida pelas igrejas, o Dunamis optou por um registro de organização mais abrangente. O grupo se define como um movimento cristão paraeclesialístico, ou seja, não seria uma igreja, mas trabalharia em conjunto com esta (DUNAMISMOVEMENT, 2023), evidenciando o processo contemporâneo de desinstitucionalização do campo religioso (BONINI; MEZZOMO; PÁTARO, 2016, p. 149).

Quando se observa as atividades secundárias cadastradas pelo Dunamis, temos serviços ligados à educação, mais especificamente as classificações: “8532-5/00 - Educação superior - graduação e pós-graduação” e “8599-6/99 - Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente”, evidenciando assim o empenho desta pelas ocupações educativas.

O movimento oferece cursos em diversas modalidades, tanto presenciais quanto on-line, com opções de curta, média e longa duração, pagos e gratuitos. Possui um selo musical próprio, chamado *Dunamis Music*, com cerca de 1.150.000 de ouvintes mensais na plataforma Spotify, além de realizar shows nacionais e internacionais com artistas da música gospel. Também publica livros por meio de sua própria editora, a Quatro Ventos, que tem em seu catálogo livros do *influencer* Deive Leonardo, figura cristã que possui mais de 14 milhões de seguidores em uma das suas redes sociais. O grupo tem ainda uma agência própria de branding, marketing e criação chamada Big Wave Media, uma das responsáveis pelas redes sociais do movimento, que serão analisadas no próximo capítulo da dissertação.

O eixo do movimento voltado para a formação é uma espécie de amálgama entre formação religiosa e *coaching*, uma vez que técnicas para desenvolvimento pessoal e profissional são mescladas com metodologias de pregação do Evangelho, conforme descrito na Tabela 4, adiante, especialmente nos cursos *Sprint* e no *Greenhouse*.

O movimento também possui o *Pocket* e o 1LUV, que são grupos de oração gratuitos, nos quais há um deslocamento da “igreja” para o local onde estão os jovens evangélicos, visto que o missionário formado pela Dunamis vai às universidades e escolas e se reúne com os estudantes no local de estudo. Os *Pockets* possuem uma ampla capilaridade pelo Brasil, com líderes em Santa Catarina, Acre, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Tocantins, São Paulo, entre outros 16 estados.

Nota-se que os cursos gratuitos são mais esporádicos e acontecem nas plataformas digitais, tais como a *masterclass* “lidere como Jesus em 2022”, oferecida via plataformas YouTube e Zoom em janeiro de 2022.

Tabela 4 – Cursos oferecidos pelo Dunamis Movement

Curso	O que é?	Valores transmitidos/conteúdo do curso	Formato	Alcance	Valor
1LUV - HIGH SCHOOL CHANGERS	O Dunamis 1LUV é o braço de missões colegiais do Dunamis, buscamos transformar as escolas trazendo o Reino de deus, através do Amor e da manifestação do sobrenatural dentro e fora das escolas. Baseados na palavra de 1 Timóteo 4:12:13.	Fé - A palavra de Deus é a base para o que acreditamos como verdade absoluta e para o que Deus diz a nosso respeito, sobre o que podemos fazer e o que devemos fazer.			
		Sobrenatural - Como parte do Dunamis Movement, nossa cultura é totalmente carregada com o poder explosivo do Espírito Santo. Nos movemos no sobrenatural, acreditamos nos dons do Espírito e nos levantamos para manifestá-los com ousadia.	GRUPO DE ORAÇÃO - Encontros nas escolas de Ensino fundamental 2 e Ensino Médio	22 estados brasileiros 91 cidades	Gratuito para participantes do 1LUV.
		Pureza sexual - Acreditamos na pureza sexual como parte do mandamento de Jesus para nos santificarmos, além dos propósitos do sexo e de nossos corpos o tempo adequado, e prevenção de traumas relacionados a alma.	PARA LÍDERES DOS GRUPOS - 17 aulas on-line	135 escolas + 3600 adolescentes treinados	Para ser um "1LUVER" (líder dentro das escolas) é preciso receber um treinamento on-line de 17 aulas R\$97,00
		Identidade - Sabemos que somos filhos de Deus por meio do seu amor, e através dessa revelação, passamos a andar não como escravos, mas como filhos. A graça e misericórdia de Deus são elementos fundamentais para andarmos debaixo dessa verdade.			

<i>Dunamis Pockets</i>	<p>O DUNAMIS POCKETS é o braço de missões universitárias do Dunamis Movement.</p> <p>A palavra “Dunamis” vem do grego e significa poder explosivo do Espírito Santo e a palavra “Pockets” significa bolsos em inglês, e esse é o nosso objetivo, sermos bolsos de avivamento e transformação dentro das universidades ao redor do mundo.</p> <p>Acreditamos que os futuros líderes da sociedade estão dentro das universidades e por isso, nos encontramos semanalmente promovendo TRANSFORMAÇÃO através da pregação do Evangelho e da manifestação do poder sobrenatural do Espírito Santo.</p>	<p>Profético - Como ouvir e aplicar a visão de Deus para sua vida e organização.</p> <p>Estratégico - Aprenda a maximizar o impacto da visão que Deus confiou a você.</p> <p>Sobrenatural - Desenvolva um estilo de vida sobrenatural em todas as áreas da sua vida.</p> <p>Excelência - Como gerenciar sua vida pessoal, profissional e ministerial com excelência.</p>	<p>GRUPO DE ORAÇÃO - Reuniões semanais normalmente têm a duração de 1 (UMA) hora.</p> <p>PARA LÍDERES DOS GRUPOS - 22 aulas on-line e acompanhamentos quinzenais</p>	<p>Alcance mensal: 9134</p> <p>Pockets no mundo: 266</p> <p>Internacionais: 16</p> <p>Países: 10 (Brasil, EUA, Equador, México, Paraguai, Peru, Argentina, Chile, Portugal, Rússia)</p>	<p>Gratuito para os participantes dos Pockets.</p> <p>Para ser um missionário nas universidades é necessário fazer um treinamento pago: Para ser treinado são 22 aulas on-line por R\$ 88,90 Para ter mentorias on-line R\$129,90 Para ter mentorias presenciais R\$219,00</p>
<i>Dunamis Sprint</i>	<p>É um curso de Liderança Sobrenatural com o mesmo método usado pelo Téo para treinar os líderes do Dunamis Movement.</p>	<p>No Sprint você desenvolverá os 4 pilares da liderança sobrenatural: Sobrenatural, Estratégico, Profético e Excelente.</p>	<p>Semanalmente durante 3 meses on-line + presencial</p>	<p>1780 líderes treinados</p>	<p>12xR\$199,57 ou R\$1997,00 à vista</p>

Greenhouse	<p>A escola de Avivamento e transformação bilíngue (inglês e português) do Dunamis que traz uma experiência de imersão em ferramentas de liderança e ativação nos dons sobrenaturais do Espírito Santo, para influenciar e impactar as esferas da sociedade com o poder e o amor radical de Jesus, levando os alunos a viverem a grande comissão e ir a todas as nações.</p>	<p>Nas manhãs do Greenhouse você vai experimentar, sessões de louvor, adoração, devocionais nas casas, treinamento prático sobre princípios do cristianismo com líderes do Dunamis Movement e convidados.</p>	15 dias	Presencial na Dunamis Farm, no interior de São Paulo	63 professores	1129 estudantes	463 missionários enviados	Processo seletivo R\$69,90
	<p>Os jovens de diversos países, ficam na Dunamis Farm, sendo treinados e capacitados para levar o avivamento ao mundo através da experiência de um evangelho poderoso e inteligente e são equipados com o caráter e as obras de Cristo para estabelecerem o Reino de Deus na terra.</p>	<p>À tarde acontecem as aulas dos nove tracks, com oficinas, dinâmicas, treinamentos, tempo de comunhão entre alunos e líderes, junto a treinamentos de evangelismo em áreas específicas de atuação.</p> <p>A noite acontecem as revival nights, são cultos de avivamento ministrados por líderes do Dunamis Movement e convidados, feitos de forma explosiva com total liberdade para o agir genuíno do Espírito Santo.</p>			46 países alcançados	47 viagens missionárias	Valor do curso R\$3090,00	
	<p>Após o período de treinamento, os alunos podem participar de viagens missionárias para diversos países, com duração de 10 dias, lideradas pelo Dunamis Movement.</p>	<p>Os Tracks são aulas em forma de treinamento voltado para as 7 esferas da sociedade (Família, Educação, Igreja, Negócios, Arte e Entretenimento, Mídias e Comunicação e Governo) com a adição de mais dois temas: Adoração e Escolas.</p>			+ de 60 mil pessoas alcançadas			

Metanoia School - Fire & Fragrance Brasil	<p>O Metanoia School é um ano de treinamento que te prepara para viver o estilo de vida da Grande Comissão e ser a mudança nas nações.</p> <p>O Fire & Fragrance Brasil é um centro de treinamento missionário que nasceu de uma parceria em a JOCUM e o Dunamis Movement, que tem rodado escolas de treinamento na Dunamis Farm. Temos como objetivo treinar, equipar e enviar homens e mulheres para levarem transformação para as nações da terra.</p>	<p>Na primeira fase você será imerso por 3 meses em aulas teóricas e práticas na Dunamis Farm, conhecendo o caráter e natureza de Deus.</p> <p>A partir disso, entendendo quem Ele te criou para ser e como você pode fazer parte do cumprimento da Grande Comissão. A segunda fase é o momento de ser enviado! Você terá a oportunidade de colocar tudo em prática nas nações. Por 2 meses e meio você estará em viagem missionária fazendo Deus conhecido no Brasil ou algum outro lugar no mundo. Já se imaginou lendo a Bíblia inteira em 3 meses? Na nossa terceira fase você será transformado pela Palavra de Deus de Gênesis a Apocalipse. A Bíblia conta a história do plano redentivo de Deus. Essa é a história que pode discipular nações! Por isso, você receberá ferramentas de estudo bíblico que te capacitam a continuar sua jornada com a Palavra. A quarta fase é composta de seis semanas onde você entrará em uma jornada para desenvolver uma cosmovisão bíblica, tendo sua mente renovada e dessa maneira transmitindo essa perspectiva em todas as esferas da sociedade. Aqui você estará pronto para viver o estilo de vida da Grande Comissão.</p>	<p>1 ano Presencial com possibilidade de escolher locais no Brasil e no exterior para a parte prática</p>	<p>648 missionários treinados 186 mil pessoas alcançadas pelo evangelho 48 mil salvagões 3600 curas</p>	<p>Se a sua fase prática for no Brasil a primeira parcela é R\$10.000,00 + o valor mensal de R\$2.500,00 durante 10 meses Se a sua fase prática for na África, Ásia e Oriente Médio: a primeira parcela é de R\$10.000,00 + o valor mensal de R\$2.500,00 durante 10 meses + R\$15.000,00 Se a sua fase prática for na América Latina e América Central: a primeira parcela é de R\$10.000,00 + o valor mensal de R\$2.500,00 durante 10 meses + R\$5.000,00 Se a sua fase prática for na Europa e América do Norte: a primeira parcela é de R\$10.000,00 + o valor mensal de R\$2.500,00 durante 10 meses + R\$20.000,00</p>
---	---	--	---	---	---

Fonte: Site oficial Dunamis Movement, mantendo a grafia inserida. Disponível em: <https://dunamismovement.com/>. Acesso em: 4 mai. 2023.

O objetivo missionário é apresentado pelo Dunamis como “avivamento sustentável”, no qual buscam “despertar uma geração para que ela venha estabelecer a Cultura do Reino de Deus na Terra e assim transformar a sociedade a sua volta” (DUNAMISMOVEMENT, 2023). Essa missão seria também refletida na escolha do nome “Dunamis”:

No grego a raiz da palavra Dunamis é dynamus, que significa o poder explosivo do Espírito Santo com uma conotação de dinamite e dinâmica. No grego há quatro palavras sinônimas de poder: Exousia (autoridade delegada), Ischuros (força física), Kratos (domínio) e a palavra Dunamis providenciando um sentido de energia, grande força e grande habilidade, muitas vezes descrito como o poder vindo de um outro mundo em atividade na Terra, conquistando a resistência.

Dunamis era um poder que se manifestava em dons, milagres, muitas conversões e um crescimento significativo na igreja. Em Atos 4:33 é relatado esta palavra “Com grande poder (dunamis) os apóstolos continuavam a testificar da ressurreição [sic] do Senhor Jesus e grande favor estava sobre eles”.

É com esse poder e graça vinda dos Céus que esse ministério visa expandir o Reino de Deus através de jovens que primeiramente são avivados para depois serem agentes de transformação na sociedade (DUNAMISMOVEMENT, 2023).

O avivamento pode ser compreendido como uma transformação espiritual realizada por meio do Espírito Santo, na qual a experiência com o divino modifica as formas de um indivíduo atuar em uma determinada comunidade (CUNHA, 2004). Um dos avivamentos mais citados pelos pentecostais e pelo Dunamis é o avivamento da rua Azusa, liderado por William Seymour (1870-1922).

Filho de ex-escravos, Seymour começou, em 1906, a realizar encontros em um templo abandonado da Igreja Metodista Africana, que ficava na rua Azusa, em Los Angeles. Nestes, os fiéis “cheios do Espírito Santo” apresentaram convulsões, glossolalias (dom sobrenatural de falar em línguas), curas pela fé, visões sobrenaturais atribuídas ao divino, entre outros. Os cultos de Seymour logo ganharam fama, atraindo multidões e atenção midiática (CAMPOS, 2005, p. 110).

Em apostila da Escola Dunamis (NUNES, s.d.) e em vídeo do canal de *YouTube* do grupo (DUNAMISMOVEMENT, 8 mar. 2019), o “avivamento sustentável” é definido em três etapas: despertar da igreja/fé, que estaria bíblicamente embasado em 2 Crônicas 7.14; grande colheita das almas/salvação; e reforma/transformação social. Estas são detalhadas da seguinte maneira:

a) Despertar da fé, no qual as pessoas seriam despertadas pelo poder do Espírito Santo, e os dons de cura, profético, de interpretação de línguas, fluiriam de maneira sobrenatural, assim como aconteceu em Azusa;

b) Grande mover de salvação, que ocorre quando uma “onda de salvação” invade a região geográfica onde a igreja foi desperta, como exemplo, fala-se do Movimento de Jesus, da virada dos anos 1960 para os 1970, nos EUA, que tinha como estratégia o evangelismo dos jovens e, segundo o porta-voz do movimento, teria convertido cerca de 3 milhões de adolescentes na Califórnia em quatro anos; e

c) Reforma ou transformação social, em que a palavra de Jesus não renovaria apenas as pessoas, mas transformaria as cidades e nações. Nessa fase, o porta-voz do movimento faz a seguinte pergunta: “como seria o Brasil daqui 10, 20, 30 anos sem corrupção, sem imoralidade sexual, sem carnaval, sem injustiça, sem violência?”, e afirma “isso seria o reino de Deus invadindo a Terra”. Finalizando, o vídeo ressalta que não basta o fiel ter apenas uma experiência individualizada, esse deve pregar o evangelho e ser responsável pela reforma da nação brasileira.

Destaca-se que toda a linguagem visual do vídeo é voltada para o público jovem. O jovem porta-voz é um dos líderes do movimento, Eduardo Nunes, que fala e se veste de maneira informal. As escolhas gráficas e audiovisuais também são voltadas para o público de redes sociais, tais como o posicionamento em primeiro plano em ângulo frontal, falando diretamente para o espectador.

Neste e em outros conteúdos feitos pelo grupo é possível observar o amplo uso de elementos históricos como argumento de convocação para o avivamento. Ao mobilizar os jovens para uma “onda” de transformação tanto em suas esferas pessoais quanto nos territórios que ocupam, o Dunamis, portanto, se alinharia aos anseios e aspirações dessa juventude, que, como mencionado anteriormente, deseja mudanças sociais, embora encontre dificuldades em seu engajamento.

De acordo com as características apresentadas por Mariano (2014), é possível classificar o Dunamis como neopentecostal. Para o autor, além do período de fundação ser a partir de meados dos anos 1970, os neopentecostais têm como características serem mais liberais, menos sectários e ascéticos do que as denominações pentecostais clássicas e deuteropentecostais. Além disso, investem em “atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico” (Ibid., p. 37).

Outros elementos ganham destaque na caracterização dos neopentecostais e que podem ser encontrados no grupo analisado são: “uso de objetos para mediação com o sagrado”, exorcismo, oposição às religiões de matriz africana, estímulo à expressividade emocional, o que fomentaria uma “catarse individual e coletiva”, liderança forte, “agressividade na militância”, adequação a modismos teológicos de sucesso, estruturação empresarial, adoção de estratégias de marketing e, por fim, uso de meios de comunicação de massa (MARIANO, 2014, p. 34-35), entre eles as mídias digitais, as quais vamos iremos enfatizar neste estudo.

A atuação nas redes sociais é algo bastante relevante no Dunamis. Uma vez que não possuem local fixo para promoção de cultos regulares, a internet torna-se o meio de conexão entre os líderes e o público. O que possibilita o alcance de um número maior de pessoas, de rendas variáveis, não apenas aqueles que têm recursos para pagar os cursos oferecidos. Por outro lado, dificulta a criação de vínculos mais profundos entre as pessoas. Ressalta-se que nem todos os grupos de oração promovidos nas universidades e escolas são regulares. Além disso, eles ocorrem sem a presença das lideranças do movimento, como Téo e Junia Hayashi, Henrique Krigner, Eduardo Nunes, entre outros, que se tornam influenciadores religiosos. Para Abreu (2023):

Essa apropriação de discursos religiosos na mídia sem uma vinculação institucional acontece com igrejas, mas é ainda mais evidente em movimentos paraeclesiais, como o Dunamis Movement. Essas organizações, geralmente, não funcionam com sistema organizacional de membresia ou cultos públicos, e algumas também não possuem locais de reunião fixos.

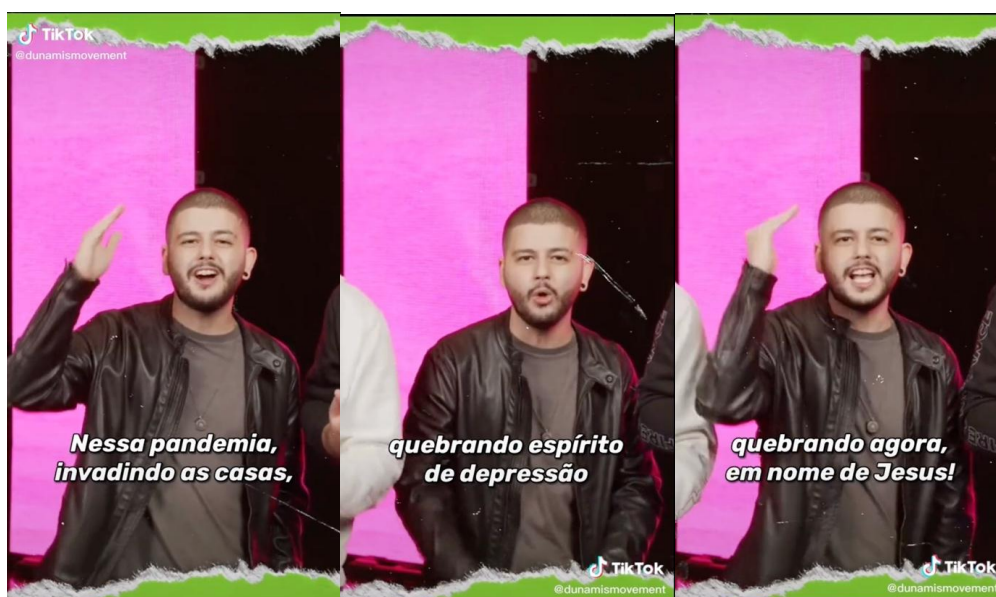
Por isso, quando elas estão presentes nas mídias e atraem “seguidores” e públicos influenciados por seus conteúdos, torna-se ainda mais fácil manter uma relação distante. Os movimentos paraeclesiais, principalmente no contexto de religião midiática, podem mobilizar e fazer parte da formação religiosa de diversas pessoas, contando com seu engajamento e audiência, assim como a presença em grandes eventos esporádicos, mas não precisam arcar com o envolvimento que a proximidade institucional poderia proporcionar, como o cuidado pastoral pessoal, resolução de conflitos e apoio comunitário (Ibid., p. 56-57).

Conforme aponta Miklos (2010), líderes religiosos de diversas religiões enxergam os canais de comunicação eletrônicos, em especial os interativos, como locais importantes para o cotidiano dos fiéis, no qual possam encontrar conforto quando estão longe das igrejas, o que de alguma forma emularia o convívio social. Entretanto, cabe ressaltar outro interesse, o de compreender os canais religiosos eletrônicos como poderosos veículos de comunicação de massa, os quais concentram grande número de fiéis seguidores, tornam-se interessantes econômica e

politicamente. Diante da pandemia e da não identificação de muitos jovens em relação às igrejas tradicionais, é possível argumentar que dentro de casa a internet pode oferecer certo conforto e aproximar o indivíduo da religião, como a reflexão de Martín-Barbero exposta antes sugeriu.

Nota-se que Dunamis Movement reconhece o potencial das plataformas digitais oferecendo conforto a seus seguidores com posts de pregação como conteúdo na mídia social. Na Figura 9, por exemplo, vemos uma pregação feita durante a pandemia de Covid 19 para a “quebra do espírito” da depressão e dos pensamentos suicidas, usando o TikTok³⁷, rede conhecida pelos seus vídeos curtos. No caso ilustrado, o vídeo, apesar da temática densa, possui 21 segundos de duração.

Figura 9 – Publicação no TikTok com pregação de cura de depressão e de pensamentos de suicídio, de 21 abr. 2021



Fonte: TikTok @dunamismovement. Disponível em: <<https://bit.ly/3yiHPxw>>. Acesso em 1 mai. 2022.

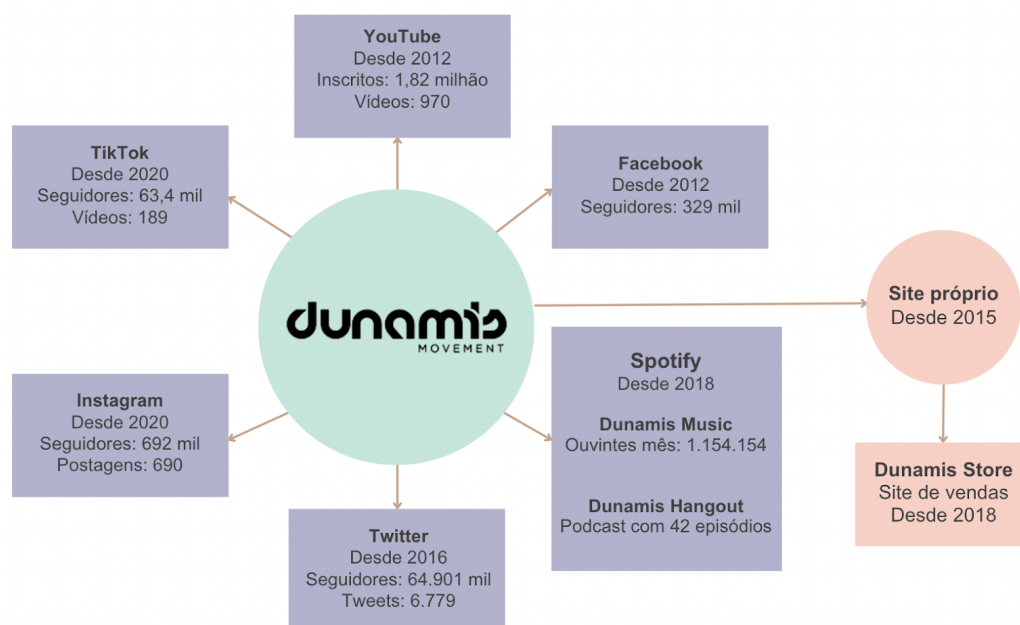
Destaca-se que transtornos mentais como ansiedade, depressão e pensamentos suicidas são agravados quando relacionados à juventude. De 2015 a 2018, por exemplo, os atendimentos ambulatoriais feitos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) relacionados à depressão cresceram 115% entre a população jovem de 15 a 29 anos. E, na mesma faixa etária, segundo dados da Organização Pan-Americana de Saúde, a OPAS, o suicídio é a segunda principal causa de morte. Sendo que 79%

³⁷ Apesar do TikTok não estar entre as redes sociais analisadas, o estudo entendeu esta publicação como interessante neste capítulo sobre o movimento devido a temática de cura, elemento bastante presente nas postagens do grupo, assim como pelo destaque da questão da pandemia.

dos casos no mundo ocorrem em países de baixa e média renda como o Brasil. Durante a pandemia, de acordo com o Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (Elsa-Brasil), a depressão atingiu 30% da população brasileira, sendo as jovens do sexo feminino com menor nível educacional as mais afetadas (BERNARDES, 2022). Isso torna o conteúdo do grupo bastante atrativo, devido ao fácil acesso por meio da internet e à consonância com as questões de saúde mental sofridas pela juventude. Ao mesmo tempo, o tratamento do tema é questionável, uma vez que não há em nenhum momento o aconselhamento para a procura por ajuda profissional.

O movimento é bastante popular nas redes sociais, com mais de 1,8 milhões de seguidores apenas no YouTube. O canal do grupo na plataforma musical *Spotify* também tem grande repercussão e o selo Dunamis Music alcança mais de um milhão de ouvintes mensais. Possuem canais nas redes sociais mais populares com fluxo contínuo de conteúdos direcionados para cada plataforma. A Figura 10 apresenta essa presença digital do Dunamis.

Figura 10 – Presença digital do Dunamis Movement (principais perfis)



Fonte: Elaboração da autora. Dados obtidos em 14 jul. 2023.

Conforme descrito anteriormente, o movimento não é uma igreja, e não possui local fixo, entretanto, está ligada à Zion Church, igreja fundada pela família de Teófilo, com unidades principais localizadas no bairro do Morumbi e do Butantã, na capital de São Paulo, mas com “campus” (denominação encontrada no site da Zion) também em

Recife, Maceió, Quito e Lisboa. A igreja tem o lema semelhante ao Dunamis, de formação de “discípulos e líderes que manifestam o Reino de Deus para transformar a Terra, através do amor de Cristo, verdade da Palavra e poder do Espírito Santo” (ZIONCHURCH, 2023).

É possível chamar a Zion de uma igreja de organização familiar, uma vez que a família Hayashi está em grande parte na denominação. O líder do Dunamis, Teófilo Hayashi, é pastor sênior, ao lado de sua companheira Junia, também pastora sênior. Sarah Hayashi, mãe de Teófilo, é fundadora e pastora e ao lado de João Hayashi, Jackeline Hayashi, Lucas Hayashi, entre outros pastores e pastoras. A Zion e a origem do Dunamis são bastante próximas, como veremos a seguir.

3.2. Origem, parcerias e inspirações

Teófilo, o principal líder e fundador do Dunamis, tem origem em uma família de missionários. Seus avós, Hiroyuki Hayashi e Kaoru Hayashi, chegaram ao Brasil em 1935 como missionários cristãos, dedicando-se aos imigrantes japoneses concentrados na região do Amazonas e Sarah Hayashi, sua mãe, fundou a Igreja Monte Sião (Zion Church), em 1977. Teófilo estudou em colégios dominicais e em sua juventude fez o curso de formação da Youth With A Mission (YWAM), no Brasil conhecida como JOCUM, na qual jovens são enviados a diversos países com a missão de evangelizar. Ele também atuou como missionário na Ásia e na América do Norte pela JOCUM e foi designado a atuar em universidades. Então, teve a ideia de fazer um movimento de evangelização no Brasil voltado para jovens nessas instituições.

Em vídeos nos quais este dá depoimentos sobre sua vida e sobre como surgiu o Dunamis, Teófilo fala que conversou com amigos que eram evangélicos, mas que “se desviaram” do caminho de Deus quando entraram nas universidades e conheceram a vida mundana. E, ao perguntar aos amigos do Brasil sobre como a palavra de Deus é difundida dentro de algumas universidades, escuta que existem alguns grupos, como na Mackenzie, mas que não seriam muito atraentes para a maioria, pois eram compostos por apenas um círculo pequeno com jovens “nerds” falando de maneira apologética e que ninguém queria fazer parte (DUNAMISMOVEMENT, 23 jun. 2017). Com essas informações, ele estaria mais confiante para a criação do Dunamis Movement no Brasil como polo de fomento de avivamento.

Assim, reuniu mais entusiastas e começou a fazer cultos nas universidades, substituindo o que ele chama de “papo de igreja” por espiritualidade, oferecendo o sobrenatural do avivamento pentecostal aos jovens presentes. Em pouco tempo, as salas e auditórios das universidades ficaram pequenos e se mudaram para salões cada vez maiores para a realização dos chamados Cultos Dunamis, chegando a mais de 3 mil pessoas em um único dia de ritual.

Em 2012, Hayashi teria tido uma revelação divina para acabar com o Culto Dunamis e então passou a se dedicar aos demais projetos do movimento. Entre eles, conferências, palestras e o Fornalha, que seria um culto mais intimista com uma banda tocando músicas de louvor. Esse último trouxe bastante reconhecimento para o movimento. O Fornalha começou a ser transmitido ao vivo e depois passou a ter seus vídeos inseridos no YouTube. Para isso, teve investimento para melhorar questões técnicas de som e captura de imagem, assim como questões estéticas, como cenário e figurino. Segundo Hayashi, esse investimento na imagem e na técnica foram essenciais para o sucesso da iniciativa (DUNAMISMOVEMENT, 13 jun. 2018). O Dunamis conseguia difundir a teologia em que acreditava, sem esquecer de se comunicar com os jovens, usando linguagem adequada e estética atrativa ao público. Um dos Fornalhas, contou com a participação de Rodolfo Abrantes, ex-vocalista da banda de rock Raimundos, famosa nos anos 1990, e tem 49.188.151 visualizações no YouTube³⁸.

Outro projeto que ganhou corpo foi o Dunamis Farm, fazenda na qual forma missionários para missões pelo mundo, semelhante à JOCUM. O movimento se dedicou também às pontes internacionais, entre as quais com Andy Byrd, líder da JOCUM em Kona, no Havaí, e líder do *The Send*, um coletivo de ministérios que promove eventos grandiosos com shows e pregação em estádios.

A melhor definição para colaboração é “diferente dons, mesmo sacrifício”. Nós acreditamos que o único caminho para ver um impacto em toda nação é através da colaboração incomum. É por isso que *Circuit Riders*, *The Call*, *Youth With A Mission*, *Lifestyle Christianity*, *Christ for All Nations*, *Jesus Image*, *Dunamis Movement*, e muitos outros se uniram para formar o *The Send* (THE SEND, 2023).

Segundo o Bereia³⁹, iniciativa que visa a checagem de informações no contexto da fé cristã, o *The Send* é um projeto do “*The Call Ministries*” fundado pelo evangelista

³⁸ Número de visualizações obtido em 16 jul. 2023.

³⁹ O Coletivo Bereia faz parte da Rede Nacional de Combate à Desinformação.

norte-americano Lou Engle, identificado pelo jornal *Daily Kos* como “líder de oração não oficial do Partido Republicano” (MOVIMENTO..., 2020). No início dos anos 2000, o líder religioso reunia milhares de jovens, também em estádios, em eventos chamados *The Call*, nos quais aconteciam apresentações musicais, pregações e discursos políticos de moral conservadora. Os eventos e casas de oração de Engle se espalharam por diversos países, entre os quais Uganda, defendendo a lei, que estava em estudo no país, que previa prisão perpétua ou pena de morte para gays e lésbicas com AIDS que tivessem relações sexuais.

Em 2018, o *The Call* foi extinto, abrindo espaço para o “Lou Engle *Ministries*”, que criou uma iniciativa chamada *The Send*, em 2019, que reuniu, em Orlando, diversos ministérios com a missão de “reevangelizar a América”. Entre as organizações participantes, além da Lou Engle, estavam: *Circuit Riders*; *Jesus Image*; *Lifestyle Christianity*; *Youth With A Mission*, que há anos tinha atuação em terras brasileiras, assim como um histórico de confrontos com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), em função de sua atuação entre povos indígenas; *Christ For All Nations*, que atua especialmente na África, com as chamadas “Cruzadas” de evangelização; e o *Dunamis Movement*, movimento brasileiro fundado em 2008, que tem os jovens como seu principal público.

Em fevereiro de 2020, houve pela primeira vez o *The Send* Brasil, pouco antes da pandemia de Covid-19. O evento reuniu aproximadamente 170 mil pessoas nos estádios do Morumbi e Allianz Parque, em São Paulo, e o Mané Garrincha, em Brasília, e atraiu mais de 2 milhões de internautas, que acompanharam as atividades através do YouTube. Os ingressos foram comercializados a preços acessíveis, em comparação a eventos dessa magnitude, variando entre R\$29 e R\$49, o que viabilizou a presença de jovens com menor renda.

A programação do evento, com duração de 12 horas, contou com a participação de líderes religiosos e apresentações musicais gospel nacionais e internacionais. Além disso, destacaram-se as presenças da ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, e do ex-presidente Jair Bolsonaro. Ambos discursaram sobre a importância da luta da igreja contra a violência direcionada a mulheres e crianças, assim como a necessidade de basear a conduta política no temor a Deus. O evento foi encerrado com o slogan “o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” – o mesmo da campanha presidencial de Bolsonaro em 2018 –, que foi entusiasticamente ovacionado pelo público, ressaltando o caráter político do público.

Em vídeo de Henrique Krigner (CANALDOKRIGNER, 14 ago. 2020), um dos líderes do Dunamis fala que Damares foi convidada devido aos diversos trabalhos sociais que ela promoveu em nome da Igreja. Entretanto, fala que o presidente não foi convidado, mas que não fechariam a porta para ele.

Figura 11– The Send Brasil 2020



Fonte: Gospel Minas, disponível em: <<https://encurtador.com.br/bfosx>>. Acesso em 12 jun. 2023.

A estética do *The Send* é outro elemento que vale nota (Figura 11). Os shows promovidos possuem uma infraestrutura semelhante a espetáculos de *pops stars*, com fogos de artifício, néon, fumaça e grandes telões. E, diferente do que é exigido em igrejas evangélicas tradicionais, como mulheres de saia comprida e cabelos longos, e homens com roupas sociais, no evento, os jovens usam piercing, podem ter tatuagens e se vestir com roupas com as quais se sentem confortáveis. Inclusive, o *The Send* e os ministérios envolvidos possuem lojas que vendem seu próprio “estilo” que é traduzido em produtos como camisetas, moletons, bonés, canecas, bíblias próprias, chaveiros, entre outros (Figura 12).

Figura 12 – Chaveiro Jesus Pixel produto vendido no site Dunamis Store



Fonte: <https://dunamisstore.com.br/>. Acesso em 12 jun. 2023.

O estilo musical derivado da música gospel chamado *worship* (termo em inglês que significa adoração) é predominante no *The Send* e no selo musical Dunamis Music. Nesse estilo semelhante ao *folk* e ao pop-rock, os órgãos, característicos das músicas tocadas nos cultos tradicionais, são substituídos por violões e guitarras com leves distorções, com canções nas quais a letra se repete em vocais melódicos que fomentam uma esfera emocional, chamando o público a participar do momento de adoração⁴⁰.

De acordo com Dolghe e Campos (2010, p. 6-12) o *worship* trata-se de uma expansão de mercado para alcançar o público jovem, “um produto litúrgico para o mercado”. Para os autores, esses “shows de adoração” não devem ser encarados apenas como transformação do culto em espetáculo, para além disso, o “espaço e a forma do espetáculo é que se transformam em culto, pois se valem do princípio do culto cristão de prestar adoração a Deus” (Ibid.). Nesses momentos de louvor e devoção, os elementos cênicos, a iluminação, a música e a dinâmica da apresentação são minuciosamente concebidos com o intuito de proporcionar uma experiência espiritual profundamente enriquecedora. A atmosfera é permeada por simbolismos, visando elevar o sentimento de comunhão com o divino e conduzir os fiéis a uma experiência de conexão com o sagrado. No *The Send*, por exemplo, o público levanta os sapatos em ato simbólico de ir onde for preciso pelo Evangelho.

Nesses encontros, os aspectos estéticos e emocionais estão intrinsecamente entrelaçados ao sentido do culto cristão, propiciando um espaço de imersão espiritual

⁴⁰ Um exemplo é a música Morada, interpretada por Brunão Morada e Rapha Gonçalves. Disponível em: <https://youtu.be/VebaiLaneoQ>. Acesso em: 22 mai. 2023.

e intensidade religiosa. As performances musicais, por exemplo, não se restringem a meras apresentações, mas são compreendidas como uma forma de oração cantada que guia os fiéis a expressarem seus sentimentos de fé e gratidão. Além disso, a aplicação criativa da iluminação e das projeções visuais reforça o caráter transcendental do evento, criando uma atmosfera propícia para a vivência mística.

A dimensão estética e lúdica do espetáculo dos shows permite ainda maior aproximação com a teoria de Campbell (2001): o elemento estético é o que, entre os mais variados estímulos externos, intensifica a produção de emoção, porque possibilita o aumento dos estímulos sensoriais. Logo, o estímulo estético ajuda o sujeito contemporâneo na produção do devaneio. É assim que se entendem, por exemplo, as incessantes ministrações de cura e libertação nos shows de adoração. O prazer está no sonho de alcançá-las e não na realização das mesmas. Aumenta-se o estímulo estético, aumenta-se o sonho e consequentemente o prazer (Ibid., p. 12).

Tais características estéticas demonstram o poder da inovação que o Dunamis Movement e o *The Send* possuem com o seu público, contribuindo significativamente para o crescimento da religião evangélica no Brasil nesta faixa etária. Contrariando as teses da secularização, esses movimentos conseguiram atrair e engajar os jovens de maneira expressiva, mostrando que a religião não apenas persiste, mas prospera em nosso contexto social contemporâneo.

Entretanto, é crucial refletir sobre as implicações dessas parcerias e estratégias estéticas. O *The Send* e o Dunamis, embora tenham obtido êxito em sua abordagem evangelizadora, apresentam pautas e teologias que levantam preocupações quanto ao fortalecimento democrático da sociedade com a defesa de posicionamentos morais conservadores, além de perpetuarem uma visão teológica com implicações nefastas, pois, ao enfatizar a responsabilização do indivíduo por seu sucesso ou fracasso, elimina qualquer fator sociocultural relacionado com o contexto em que ele está inserido, conforme discutido adiante.

3.3. Visão teológica

3.3.1. Teologia da Prosperidade

Formulada nos Estados Unidos, na década de 1940 pelo pastor Kenneth Hagin, a Teologia da Prosperidade surgiu como uma das principais transformações doutrinárias no neopentecostalismo brasileiro, sendo a Igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus as mais analisadas quanto a adesão da crença, devido à prosperidade financeira (MARIANO, 2014, p. 157). Esta encontra suas raízes na análise de determinados textos bíblicos, especialmente focalizando O

Livro de Malaquias (CUNHA, 2018, p.20), com versículos relacionados a bens materiais, tais como Malaquias 3:10:

Tragam o dízimo todo ao depósito do templo, para que haja alimento em minha casa. Ponham-me à prova, diz o Senhor dos Exércitos, e vejam se não vou abrir as comportas dos céus e derra-mar sobre vocês tantas bênçãos que nem terão onde guardá-las.

A doutrina chega ao Brasil também nos anos 1970, com a adoção de diversas denominações, cada qual com sua interpretação sobre a teologia, que não se limita estritamente ao êxito financeiro, mas abrange a harmonização das múltiplas esferas da vida do crente, abrangendo áreas como educação, saúde, família, casamento e outras dimensões (TEIXEIRA, 2016 apud CUNHA, 2018, p. 20)⁴¹.

Segundo Mariano (2014, p. 158), a teologia enfatiza também os ganhos imediatos da fé na vida presente, desviando a atenção da promessa central do cristianismo e do pentecostalismo de salvação após a morte. Ao contrário das tradições pentecostais que valorizam conceitos como martírio e abnegação, incorporados na “mensagem da cruz”, a Teologia da Prosperidade exalta a fé como meio primordial para alcançar bem-estar terreno, saúde, riqueza e poder. Em vez de celebrar o sofrimento, ela enaltece o conforto do crente neste mundo. O autor ainda ressalta que a teologia transforma o entendimento pentecostal, afirmando que a pobreza reflete falta de fé, uma vez que Jesus teria vindo ao mundo para pregar aos pobres justamente para que estes deixassem de ser pobres (Ibid., p. 159). Essa subversão do pentecostalismo para o neopentecostalismo estabelece uma nova forma de ser cristão no Brasil. De acordo com Sanchis (1997):

Prosperidade, último termo desta transformação do pentecostalismo. Depois de recapitular, invertendo-a em “modernidade”, a “pré-modernidade” brasileira tradicional, esta nova corrente reencontra as águas da “pós-modernidade” religiosa: o auto-cultivo, a auto-ajuda, a cura natural do corpo, o bem-estar e a realização do desejo, adaptado e hierarquizado conforme a situação social. Nestas águas é que se dá uma reinvenção particularmente criativa da tradição bíblica. Mas é nelas também que este neopentecostalismo reata com todas as correntes da “Confissão Positiva”, Christian Science, “Novo Pensamento”, que estão na origem do renascimento esotérico contemporâneo (Ibid., p. 125).

Segundo Cunha (2018, p. 20), a base da cultura da periferia urbana também é atualizada pela teologia, com a produção de novas estéticas, músicas, movimentos sociais das favelas, novas sociabilidades, entre outros. Baseado nesses novos traços

⁴¹ TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. **A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias – Navegação Cultural, 2016.

da cultura urbana periférica, Dunker (2022) elabora o conceito de “neopentecostalismo de resultado”, elencando como características:

1) Valorização do empreendedorismo, combinando teologia da prosperidade, autoajuda moral e psicologia positiva, em uma disciplina do sucesso, que ao mesmo tempo explica a dinâmica do desemprego como dispersão e individualização do fracasso. *Deus não quer que você se arrependa, Deus quer que você seja rico.* 2) Sentimento de que a vitória depende do esforço pessoal. Apesar disso, a vulnerabilidade social é visivelmente enfrentada por meio da adesão a uma comunidade cultural, artística, esportiva e moral investida de valor pragmaticamente protetivo. Neopentecostais agem como uma comunidade de ajuda mútua, encontrando emprego, trabalhando na assistência social e na luta contra a fome. Estão presentes nos funerais, nas escolas, nos hospitais e nos presídios, bem como em todas as situações de exposição ao sofrimento. 3) Valorização da moralidade da família reduzida, com definição clara de papéis de gênero, o que protege contra crises domésticas e desequilíbrios de poder nas relações íntimas, ao mesmo tempo que a batalha espiritual reduz a separação entre o sagrado e o profano. O mundo celestial invade o cotidiano, com Deus produzindo milagres "geralmente de sobrevivência" no dia a dia. Um aviso para mudar de calçada, um atraso inesperado que protege do ladrão que espreitava à porta da casa, o encontro com alguém que nos faz companhia na longa e perigosa travessia urbana. 4) Redução da porosidade da identidade religiosa com crítica ativa de outras confissões e, ao mesmo tempo, prática de assimilação de traços de outras religiões, principalmente o judaísmo, como uso do solidéu, reprodução do Templo de Salomão, venda do "cajado de Moisés", da "água santa do rio Jordão" e outras relíquias da Terra Santa. 5) Metáforas da guerra entre o bem e o mal, luta entre forças antagonistas, permitem reinterpretar personagens políticos, esportivos ou artísticos como membros de comunidades secretas que se enfrentam em busca do domínio da terra, da vinda do Messias e das catástrofes esperadas nas imediações do Juízo Final (Ibid., p. 123-124).

Cunha (2018) e Dunker (2022) evidenciam os enlaces entre a Teologia da Prosperidade e o ethos neoliberal ao enfatizarem na doutrina a busca individual pela prosperidade e pelo sucesso material, que valoriza a autonomia do indivíduo e a busca pela realização pessoal. A ideia de que a fé e o esforço pessoal podem levar à conquista de riqueza e bem-estar se alinha à racionalidade neoliberal na capacidade do indivíduo de se autorregular e alcançar seus objetivos, conforme colocado no capítulo 1.

E, ao enfatizar a obtenção imediata de benefícios terrenos ainda em vida (e em velocidade cada vez maior, na qual a internet possibilita “curas” virtuais imediatas), como prosperidade financeira, saúde e sucesso, a teologia encontrou no Brasil um amplo terreno para ganhar adesão, no qual a maioria dos brasileiros, concentrados majoritariamente na base da pirâmide socioeconômica, busca superar condições precárias de existência nessas doutrinas de fé.

3.3.2. Teologia do Domínio

Fundada nos Estados Unidos por Rousas J. Rushdoony, um presbiteriano ultraconservador, a Teologia do Domínio (*Dominion Theology*) promove uma visão econômica conservadora e advoga pela implementação de uma teocracia baseada na reintrodução das leis civis do Antigo Testamento (MARSDEN, 2006, p. 249 *apud* FERREIRA, 2022, p. 88). Ela proliferou no Brasil principalmente entre no segmento neopentecostal (MARIANO, 2014, p. 137), no qual foi consolidada juntamente com elementos da teologia da guerra espiritual e da teologia da prosperidade.

De acordo com Rocha (2017), o ponto de vista adotado no Brasil corresponde ao sustentado pelo pastor, teólogo e coordenador da Rede Internacional de Guerra Espiritual, o estadunidense Charles Peter Wagner (1930-2016), que buscava evangelizar todas as áreas por meio da batalha espiritual:

[...] o domínio e a autoridade sobre a terra foram dados por Deus aos homens desde Adão, mas foram perdidos pelo pecado original. Recuperados por Jesus através do sacrifício vicário, devem ser retomados pelos crentes. Isso se daria por meio de luta espiritual contra o diabo, que estaria bloqueando a atmosfera da terra e impedindo o fluxo do céu e a emanção de bênçãos advindas do alto. Como corolário, pensa-se que os fiéis não estariam em seus locais de trabalho apenas para sobreviver. Teriam a oportunidade de exercer liderança, dominar e ditar regras de acordo com os valores do reino de Deus (ROSAS, 2015, p. 246 *apud* ROCHA, 2017, p. 622).

Segundo Mariano (2014), o nome dessa crença advém do domínio de seres humanos por demônios de altas posições hierárquicas e espíritos territoriais distribuídos pelo Diabo para agir nas mais diversas áreas geográficas, instituições, culturas, religiões, e estes seres humanos precisariam ser libertados por meio da oração ou guerra espiritual (Ibid., p. 137).

Wagner teria realizado diversas espécies de cruzadas, a fim de expulsar demônios de diversas cidades. Em fala realizada em São Paulo, em 1994, e registrada pelo professor Mariano, o pastor em questão afirmou que teria vencido o comunismo, mas que a versão atualizada do demônio podia ser encontrada no islamismo e deveria ser derrotada por meio de Batalha Espiritual. E que Deus teria dado todos os recursos materiais e humanos para a evangelização da humanidade (Id., 2014). Talvez, nesse momento histórico, após a derrota de Bolsonaro e Trump nas urnas, Wagner voltaria a se preocupar com o comunismo?

Pérez Guadalupe (2020, p. 54-55), por sua vez, já identifica nas correntes ultraconservadoras calvinistas as bases teológicas do reconstrucionismo, que posteriormente foram recuperadas por ativistas políticos carismáticos e

neopentecostais. Segundo o autor, o objetivo era obter uma legitimidade teológica para a conquista do poder, sob a suposta superioridade moral evangélica e a subordinação do sistema legal do Estado às leis bíblicas. Essas correntes não somente validam o neoliberalismo estadunidense como sistema econômico e político, mas também fornecem uma suposta base religiosa e uma visão de mundo cristã que apoiam essa conquista de poder pelos líderes religiosos evangélicos.

Gary North, historiador econômico de grande influência na extrema direita norte-americana defende um reconstrucionismo no qual “os cristãos devem começar a se organizar politicamente dentro da atual estrutura partidária e devem começar a se infiltrar na ordem institucional existente” (ROBERTS, 2022; tradução nossa)⁴². A sua polêmica agenda econômica para a reconstrução da teocracia cristã se fundamentava na Bíblia, era, por exemplo, contra a inflação e a favor do retorno do ouro como moeda padrão, pois seria uma preferência divina.

A influência de North teria chegado também à política institucional, seus escritos e palestras do final dos anos 1970 teriam influenciado Jimmy Carter:

Ajudaram a criar oportunidades para os cristãos reconstrucionistas desempenharem um papel intelectual fundamental no desenvolvimento da direita religiosa, a coalizão política que muitos estudiosos e especialistas creditam por remodelar o Partido Republicano na década de 1980 (ROBERTS, 2022; tradução nossa)⁴³.

Em relação às pautas morais, impera o conservadorismo. North teria pedido a manifestantes que montassem confrontos agressivos em clínicas de aborto, lembrando o que aconteceu no Brasil, onde a ex-ministra Damares Alves teve envolvimento no incentivo de religiosos fazerem de vigília na porta da casa de uma menina de 10 anos grávida, resultado de estupros que sofreu desde os 6 anos por parte do tio. E, depois, na porta do hospital em Recife, no qual o procedimento de aborto foi realizado (ABREU, 2020). North, por sua vez, chegou a propor a morte por apedrejamento no caso de aborto, adultério ou homossexualidade masculina, argumentando que na teocracia cristã era o que as escrituras prescreviam (Ibid.).

Segundo Cunha (2020) há duas correntes contemporâneas do fundamentalismo nos Estados Unidos: o reconstrucionismo e o reformismo. A primeira, descrita

⁴² No original: Christians must begin to organize politically within the present party structure and they must begin to infiltrate the existing institutional order.

⁴³ No original: Helped create opportunities for Christian Reconstructionists to play a key intellectual role in the development of the Religious Right, the political coalition that many scholars and pundits credit with reshaping the Republican Party in the 1980s.

anteriormente, teria obtido maior influência entre a Maioria Moral, a *Christian Right*. Já a segunda, orientada pelo jovem pastor Francis Schaeffer, defendia transformações culturais ao invés da política partidária ou das tradicionais campanhas evangelísticas.

Assim como vemos no movimento Dunamis, Schaeffer teria concentrado seus esforços em trabalhar com a juventude. Como missionário presbiteriano na Suíça, fundou em 1955 uma comunidade internacional para formação de jovens nos Alpes, denominada L'Abri (que significa "abrigo" em francês), o Dunamis, por sua vez, tem a Dunamis Farm, também para a formação de jovens, como apresentado anteriormente. Schaeffer defendia a ideia de que os cristãos deveriam entrar na "guerra cultural" e utilizar as instituições culturais da sociedade para transformá-las. Para tanto, incentivou a produção cultural, especialmente de filmes com base religiosa, com pautas morais, contra o aborto, por exemplo, o que teria inspirado vários movimentos "pró-vida" (WILLIAMS, 2010; ALENCAR, 2018 apud CUNHA, 2020, p. 24).

3.3.3. Sete esferas da sociedade

Com o objetivo de promover a transformação da sociedade, o dominionismo propõe inserir os cristãos em posições de liderança e influência. E, como tática desta guerra santa, entende-se que é preciso conquistar os "sete montes", que representam esferas estratégicas da sociedade: (1) Família – lar; (2) Religião - a igreja; (3) Educação – escolas; (4) Governo – política; (5) Mídia – comunicações; (6) Artes – entretenimento e esportes; e (7) Economia – negócios, comércio, ciência e tecnologia (CUNNINGHAM, 2012).

Essa visão doutrinária, também chamada de sete montanhas ou sete esferas da sociedade, é atribuída a Loren Cunningham, fundador da Youth With a Mission /Jovens com Uma Missão, presente no Brasil desde os anos 1970, e a Bill Bright, fundador da *Campus Crusade for Christ*. Eles teriam recebido a mesma visão divina, em 1975, na qual Deus teria revelado uma lista com categorias de atuação para "mudar o mundo para Jesus" e cumprir "Mateus 28: discipular as nações e estender o reino de Cristo por toda a terra" (CUNNINGHAM, 2012). Essa é uma das doutrinas seguidas pelo Dunamis Movement para evangelização dos jovens como forma de reconstruir o reino cristão na terra.

Cabe destacar que a JOCUM já foi expulsa de alguns territórios brasileiros na Amazônia por suas investidas religiosas em áreas de indígenas isolados. Durante o governo de Bolsonaro, a Funai passou por um processo de esvaziamento, no qual o delegado Marcelo Augusto Xavier, ligado à bancada ruralista foi conduzido à presidência da Fundação e Ricardo Lopes Dias, ex-missionário evangélico, foi nomeado para gerir a Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato (CGIIRC) (MERLINO, 2020). A partir de então a JOCUM teve suas missões facilitadas e até custeadas pelo governo federal, tais quais a viagem com o intuito de sanar uma “crise de saúde mental” da etnia suruwahá, território no qual a JOCUM teria sido expulso anteriormente "em função de atividades proselitistas e discriminatórias", segundo o Ministério Público Federal (MPF) (FELLET, 2020).

Voltando a doutrina dos sete montes, Cunningham (2012) descreve, em artigo publicado no site da Jocum Brasil, como aplicar a teologia a fim de retomar as áreas de influência. Primeiramente, seria necessário tomar posse do território de satanás por meio da oração. Com o poder do Espírito Santo e o uso das armas poderosas da guerra espiritual, descritas nas passagens bíblicas de Efésios 6:10-20, 2 Coríntios 10:1-6 e Tiago 4:7-10, é instruído que sejam destruídas as fortalezas estabelecidas pelo diabo. Para ele é fundamental orar contra a influência maligna em todas as áreas identificadas.

Assim como vimos anteriormente, a oração desempenha um papel fundamental na guerra espiritual, permitindo a recuperação deste mundo em nome de Cristo. Cunningham, entretanto, destaca que as orações devem ser específicas e direcionadas e que o Espírito Santo irá orientar como deve ser feita essa oração. Ele indica um exemplo, caso uma pessoa seja direcionada a orar por um governo de uma determinada região, enfatiza a necessidade de interceder para que indivíduos envolvidos no governo sejam alcançados por testemunhas cristãs, as quais possam conduzi-los a um encontro pessoal com o Jesus. Após a oração específica por uma determinada área, seja ela o governo, os meios de comunicação ou o campo científico, destaca que é possível que Deus escolha a pessoa em oração para exercer influência na mesma esfera pela qual estava orando, conferindo a ela autoridade, assim como àquela concedida a personagens bíblicos como Daniel e José do Egito.

Por fim, o fundador da Jocum ressalta que é crucial desempenhar o papel de líder não com o intuito de dominação, mas como servo, seguindo o exemplo de Jesus, que teria o desejo de governar o mundo por meio dos cristãos.

Segundo Ferreira (2022, p. 96), a teologia das sete montanhas seria uma atualização mais didática da teologia do domínio. Em sua análise, Ferreira investiga o *The Send*, grupo vinculado ao Dunamis, como uma adaptação fundamentalista de origem norte-americana direcionada aos jovens brasileiros, na qual a dominação de espaços na sociedade civil seria um dos objetivos do projeto político fundamentalista neoliberal (Ibid., p. 14). O autor encontra em *Fundamentalism and American culture*, do historiador George Marsden, este desejo de transformação cultural por meio do reino de Deus em documentos já no início do século XX:

A solução de Machen foi a consagração da cultura. “Em vez de destruir as artes e as ciências e ser indiferentes a elas”, disse ele, “vamos cultivá-las com todo o entusiasmo do mais humanista, mas ao mesmo tempo consagrá-las ao serviço de nosso Deus.” O cristianismo, declarou ele, referindo-se ao grande impulso missionário da época, “deve penetrar não apenas todas as nações, mas também todo o pensamento humano”. Portanto, “em vez de obliterar a distinção entre o Reino e o mundo, ou, por outro lado, retirar-se do mundo para uma espécie de monasticismo intelectual modernizado, vamos com alegria, com entusiasmo, submeter o mundo a Deus”. (MARSDEN, 2006, p. 138 apud FERREIRA, 2022, p. 96).

Quando analisamos o movimento religioso em questão, encontramos a narrativa de que a Igreja negligenciou suas responsabilidades por um longo período, focando-se apenas em seu próprio ministério. Houve uma falta de compreensão de que o ministério vai além dos limites da igreja e de que a sociedade estava sendo influenciada por pessoas não cristãs, levando o mundo ao colapso. Entretanto, houve um despertar e, por meio da doutrina das sete esferas da sociedade, a igreja será responsável por liderar as nações (DUNAMIS MUSIC, 2017).

Téo Hayashi, líder do Dunamis, apresenta seu ponto de vista escatológico e sobre a “ocupação” das esferas em seu livro *O reino inabalável* (2019). Para ele, o Reino de Deus está no presente e, apesar de não estar em sua plenitude, Jesus teria confiado aos cristãos expandir “os seus negócios” até o seu retorno. Em suas palavras:

É evidente que enquanto vivemos nesse período de tempo, a plenitude do Reino que está por vir é a nossa esperança futura. Entretanto, mesmo com a expectativa pelo Reino que virá, não podemos nos esquecer de que o Reino de Deus já está entre nós. Hoje, temos a oportunidade de representarmos o nosso Rei como embaixadores da nossa pátria celestial. O nosso chamado é ocupar todos os reinos desse mundo até que Ele volte e faça com que todos esses reinos se tornem o Seu reino. Nós nascemos para um tempo como

este. Não importa quantos anos de vida você tenha hoje, se você respira e crê que Cristo é o seu Rei, você faz parte desse reino e da geração que levará o governo de Deus aos quatro cantos da Terra, revelando que neste mundo apenas um Reino permanece inabalável (HAYASHI, 2019, *e-book*).

No vídeo que aborda essa temática (CANAL DO KRIGNER, 2 nov. 2021), Krigner, também líder do Dunamis, manifesta em seu canal no YouTube a preferência por utilizar o termo “sete esferas” em vez de “sete montes” ou “montanhas”. Essa escolha baseia-se na interpretação frequentemente associada às últimas expressões, que sugere uma escalada até o topo. Em contraste, Krigner advoga que os cristãos devem atuar como “discipuladores”, isto é, criando discípulos, em qualquer lugar onde se encontrem, assumindo posições de liderança nos contextos em que já estão presentes ou desejam se envolver, em vez de aguardar atingir o ápice.

Essa concepção é considerada libertadora por Krigner, pois amplia o alcance da pregação além do âmbito eclesial ou de uma posição de destaque, o que, por sua vez, contribui para a disseminação dessa doutrina. Segundo essa perspectiva, para cumprir a missão de discipular nações, não é necessário abdicar das esferas sociais já ocupadas, o que ameniza o tom radical do discurso sobre o domínio cristão das nações, embora esse continue sendo o objetivo a ser alcançado.

Apesar de encontrarmos características da teologia do domínio no grupo analisado, ele busca afastamento da terminologia, pois haveria nela uma possível interpretação de imposição teocrática e/ou preceitos cristãos, quando na verdade, ele procuraria reconciliação de sistemas e influenciar culturas e nações (CANAL DO KRIGNER, 2 nov. 2021). Krigner cita o pastor Johnny Enlow, apoiador de Donald Trump (VILLARREAL, 2021), como referência quanto a esta questão. Segundo o pastor:

Qualquer tentativa de estabelecimento de uma teocracia física é mal planejada. O governo pode potencialmente funcionar como uma teocracia virtual, mas somente se os indivíduos que estão no poder se permitirem ser marionetes (servos) da teocracia (as regras e o reino de Deus). O objetivo é trazer uma influência dos céus para relacionar-se com o tipo de máquina política já existente (ENLOW, 2008, p. 82-83 *apud* ABREU, 2023).

Cabe ressaltar que apesar de evidenciarem o afastamento de uma vertente mais radical, que reivindica a teocracia, estes sugerem a ocupação política sem renunciar à inserção de valores cristãos, ou seja, buscam a ampliação de influência política com a instituição do “cristianismo cultural”, definido como “o conjunto de traços culturais

compartilhados pela maioria das pessoas que se definem como cristãs em um grupo social” (BORDA, 2020, p. 139).

Para descrever o conceito, Borda (2020, p. 140) apresenta o exemplo de grupos religiosos nos EUA. Estes, apesar de terem uma postura favorável ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e à legalização do aborto em maior proporção (61% dos católicos e 66% dos protestantes brancos), os evangélicos brancos possuem uma posição majoritariamente contrária a essas questões, sendo que apenas 29% deles são a favor (PEW, 2018). A oposição predominante dentro do grupo evangélico branco leva seus membros a considerarem a oposição ao casamento gay e ao aborto como uma característica inerente à sua fé. O autor acredita que o “cristianismo cultural” seja um dos argumentos que convencem os fiéis de que vivem em uma nação cristã (BORDA, 2020, p. 132), acrescentamos que talvez seja um elemento almejado, que empregam quando possível para a construção desta nação. Por fim, o autor apresenta um caso bem-sucedido do emprego do “cristianismo cultural” no Brasil:

O caso mais bem-sucedido do uso do cristianismo cultural é o de Bolsonaro que, ao assinar um acordo com o Cardeal do Rio de Janeiro contra o aborto, unificou argumentos pró-vida com argumentos pró-família, denunciando uma “ditadura gayzista” que buscava sexualizar crianças, além de recorrer ao “sionismo cristão” ao ser batizado no rio Jordão e prometer mudar a embaixada do Brasil para Jerusalém. (Ibid., p. 132).

4. COMUNICAÇÃO DIGITAL DO DUNAMIS MOVEMENT

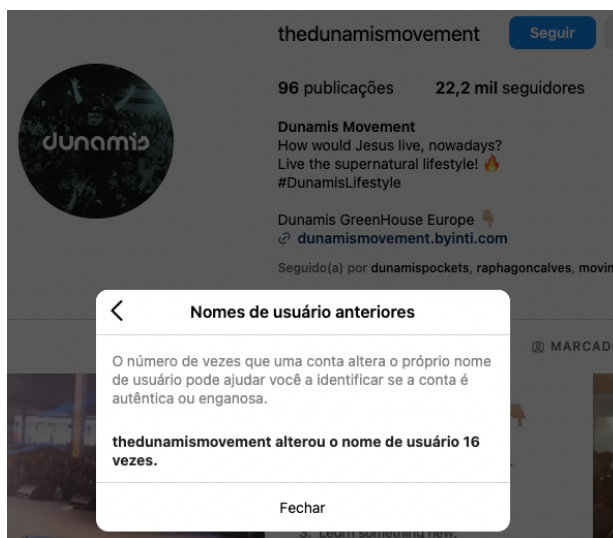
A fim de responder aos objetivos propostos nesta pesquisa, o estudo se debruçou sobre as redes sociais do grupo religioso Dunamis Movement nas plataformas YouTube, Instagram e Twitter, especificamente com dados de 2021 e 2022, período no qual é possível propor uma análise dos perfis do movimento nessas redes e identificar algumas das dinâmicas comunicacionais adotadas. Por outro lado, neste intervalo, verificou-se conteúdos relacionados à campanha para presidência de Jair Bolsonaro, mas também dos períodos anterior e posterior a esta. Para isso foram coletados dados dos perfis @dunamismusic (YouTube), @dunamismovement (Instagram e Twitter) com ajuda dos softwares *YouTube Data Tools* (RIEDER, 2015), *Not Just Analytics* (HACK, 2022) e *Twitonomy* (DIGINOMY, 2022) respectivamente.

A primeira observação a ser feita é sobre o número de canais⁴⁴ abertos e suas constantes reformulações. A conta de YouTube analisada @dunamismusic, por exemplo, possui um histórico de vídeos maior do que a conta @dunamismovement, que foi reestruturada e não abarca todos os vídeos produzidos pelo grupo. Esta última contém apenas conteúdos a partir de setembro de 2022 e está mais restrita aos programas *Contramão*, *Revival Club* e *Dunamis Hangout Podcast*. Enquanto a primeira abarca uma maior quantidade de vídeos de maneira menos segmentada, ou seja, não tem especificação de assuntos no período em que essa pesquisa se detém. Já em 2023 nota-se uma mudança na organização dos vídeos vinculados ao @dunamismusic, com publicações mais referentes ao selo musical.

No âmbito da mobilidade de perfis, é pertinente salientar a dinâmica observada nos perfis associados ao Dunamis na plataforma *Instagram*, especificamente, o perfil @thedunamismovement, voltado para público falante da língua inglesa. Este perfil, em particular, revelou uma frequente alteração de seu nome de usuário, conforme evidenciado pelos registros internos do Instagram, que apontam 16 mudanças de nome (Figura 13). Este fenômeno, no qual o próprio nome de usuário do perfil passa por sucessivas reconfigurações, aponta adaptabilidade relativa às estratégias de engajamento adotadas pelo grupo.

⁴⁴ Nesta análise, canais e perfis de redes sociais são tidos como sinônimos.

Figura 13 – Constante mudança de nome do perfil *thedunamismovement*



Fonte: Perfil @thedunamismovement no *Instagram*. Acesso em 10 ago. 2023.

De acordo com levantamento dos perfis associados ao Dunamis de 2012 e 2022 (Tabela 5, adiante), nota-se a tendência de expansão de sua presença digital mediante o estabelecimento de novos canais. Especificamente, foram identificadas oito contas no *YouTube*, treze perfis no *Instagram* e uma única conta no *Twitter*. É relevante notar que o auge da criação de canais ocorreu no intervalo entre os anos de 2018 e 2020.

Chama a atenção a criação de contas internacionais durante esse período, como a "*dunamisgreenhouse*", estabelecida em Portugal. Também merece destaque a estratégia de expansão em consonância com diferentes públicos linguísticos, conforme evidenciado por perfis direcionados aos falantes de língua inglesa e espanhola, fortalecendo a intenção de disseminar a mensagem e os valores do Dunamis para além das fronteiras nacionais. Este cenário de crescimento acentuado, principalmente entre os anos citados, reflete novamente a adaptabilidade e a percepção da importância da ampla presença digital, como um meio eficaz para atingir audiências diversificadas e promover a disseminação de sua visão e propósito.

Tabela 5 – Levantamento de perfis do Dunamis Movement nas redes sociais

Plataforma	Nome do perfil	Canal	Data de entrada	Seguidores /Inscritos	Notas
YouTube	Dunamis Music	Dunamis Music	jan. 2012	1,82 milhões	
YouTube	DunamisMovement_	Dunamis Movement	fev. 2012	38,8 mil	
Instagram	dunamismovement	Dunamis Movement	mar. 2012	692 mil	
Instagram	dunamisockets	Dunamis Pockets	jul. 2013	93,2 mil	
Twitter	dunamismovement	Dunamis Movement	jan. 2016	64,9 mil	
YouTube	greenhousebrazil4983	Dunamis Greenhouse Brasil	nov. 2016	1,4 mil	
YouTube	escoladunamis4358	Escola Dunamis	jan. 2018	2,35 mil	
Instagram	dunamis.music	Dunamis Music	fev. 2018	168 mil	
Instagram	dunamisgreenhousebr	Dunamis Greenhouse Brasil	mar. 2018	73 mil	
Instagram	dnmsstore	Dunamis Store	mar. 2018	32,7 mil	
Instagram	dunamisgreenhouse	Dunamis Greenhouse	mar. 2019	14,4 mil	Conta situada em Portugal
Instagram	dunamis_sprint	Dunamis Sprint	mar. 2019	40,7 mil	
Instagram	dunamis.1luv	Dunamis 1Luv	ago. 2019	31,8 mil	
YouTube	greenhousechannel5155	<i>Greenhouse Channel</i>	nov. 2019	2,54 mil	
YouTube	Dunamis1LUV	Dunamis 1Luv	abr. 2020	1,6 mil	
YouTube	firefragrance.brasil	Fire & Fragrance Brasil	abr. 2020	2,78 mil	
Instagram	dunamissquadra	Dunamis Squadra	jun. 2020	150	Perfil privado com link de áudio do Podcast Téo Hayashi sobre 7 de setembro
Instagram	movimientodunamis	Movimiento Dunamis	set. 2020	9 mil	Perfil em língua espanhola
Instagram	thedunamismovement	The Dunamis Movement	set. 2020	22,2 mil	Perfil em língua inglesa
Instagram	dunamishangout	Dunamis Hangout	set. 2022	12,6 mil	
YouTube	cortesdohangout	Dunamis Hangout - Cortes	set. 2022	1,84 mil	Perfil derivado do Hangout, com cortes de vídeos menores
Instagram	dunamisfarm_	Dunamis Farm	out. 2022	18,6 mil	

Fonte: Elaboração da autora. Dados obtidos no *Instagram*, *YouTube* e *Twitter*.

A regularidade das postagens reflete a inegável importância da busca por audiência nas plataformas de redes sociais, visando à obtenção do engajamento desejado. Em razão da vastidão de informações circulantes nesses ambientes digitais, é notório que as publicações podem, com facilidade, se diluir entre as demais inserções. Nesse contexto, a expansão da presença em múltiplos canais e a intensificação da frequência de postagens são estratégias fundamentais para a potencializar a atenção do público (PROVEZANO, 2017).

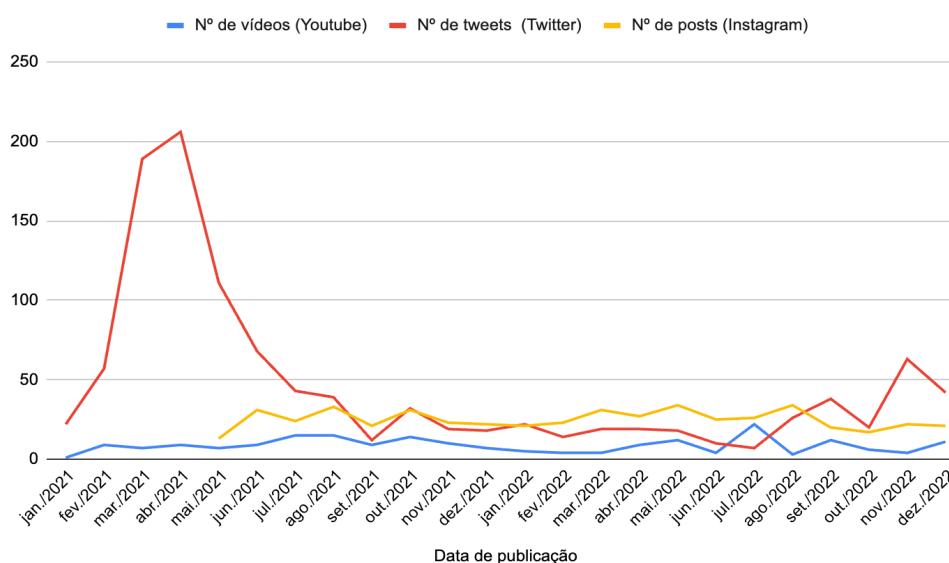
Essa frequência varia de acordo com a plataforma utilizada. No Twitter, por exemplo, o número de postagens por usuário costuma ser maior comparado às demais, devido a proposta da plataforma conhecida pela agilidade das mensagens curtas, limitadas a 280 caracteres, que são compartilhadas ao longo do dia⁴⁵. A seguir, na Figura 14, verifica-se a frequência de publicações realizadas pelo ministério nas três redes sociais analisadas. No *Twitter* verifica-se a média de 46,4 publicações por mês, enquanto as demais oferecem as médias de 25 (*Instagram*) e 8,6 (*YouTube*).

Destaca-se novamente as particularidades de cada rede, uma vez que o investimento - seja ele financeiro ou temporal - para a realização de um vídeo é, em geral, maior do que a elaboração de imagens estáticas ou textos, publicações mais convencionais do *Instagram* e *Twitter*, respectivamente.

Cabe apontar que no momento de coleta de dados do *Instagram*, em março de 2023, as publicações feitas entre 01 de janeiro e 16 de maio de 2021 haviam sido apagadas, como evidenciado pela lacuna apresentada no gráfico. No entanto, por meio do software de coleta utilizado, foi possível verificar que houve uma queda no número de seguidores nesse período, podendo ser uma das razões para a mudança no nome do perfil. Outra possibilidade levantada é das postagens anteriores não estarem mais alinhadas com a abordagem comunicacional que o ministério busca para seu público, uma prática comum entre influenciadores que reconfiguram seus perfis para novas campanhas ou novo segmento estético.

⁴⁵ Em fevereiro de 2023, a plataforma passou a permitir que os assinantes do chamado “Twitter Blue”, que recebem um selo de autenticação no perfil, possam publicar textos mais longos (quatro mil caracteres). No entanto, o perfil do Dunamis não possui esta característica.

Figura 14 – Número de publicações nos perfis do Dunamis Movement nas redes sociais YouTube, Twitter e Instagram entre 2021 e 2022



Fonte: Elaboração da autora. Dados obtidos no *Instagram*, *YouTube* e *Twitter*, em 1 ago. 2023.

Em relação à audiência, destaca-se a conta de *YouTube* denominada *@dunamismusic*, que se sobressai em termos de popularidade entre as várias presenças virtuais do movimento, registrando um número significativo de 1,82 milhão de inscritos e um total de 583.757.485 visualizações até a presente data. O *Twitter* também possui um número significativo de mais de 64 mil⁴⁶ seguidores, comparado a canais semelhantes como a do Jocum Brasil (*@jocum*) com 15 mil, Pastor Lipão (*@lipaoondadura*) com 45 mil ou Isra (*@israelsubira*), com 30 mil, entretanto, é a rede que tem o número menos expressivo de seguidores em relação aos canais das demais plataformas.

Por meio do *Twitonomy* foi possível coletar a listagem de todos os seguidores do perfil *DunamisMovement* do *Twitter* e realizar a identificação dessa amostra por sexo. O tamanho da amostra identificada é de 13.241⁴⁷, com margem de erro de 1% para mais ou para menos (Figura 15). Evidencia-se uma pequena discordância entre os dados mostrados na Figura 15 e aos resultados constatados pela pesquisa Agenda Juventude Brasil 2013, que reporta uma distribuição semelhante entre gêneros, aproximadamente 50% para ambos os sexos. Observa-se, porém, que entre os seguidores do *Dunamis* no *Twitter*, a maioria é composta por mulheres, com uma

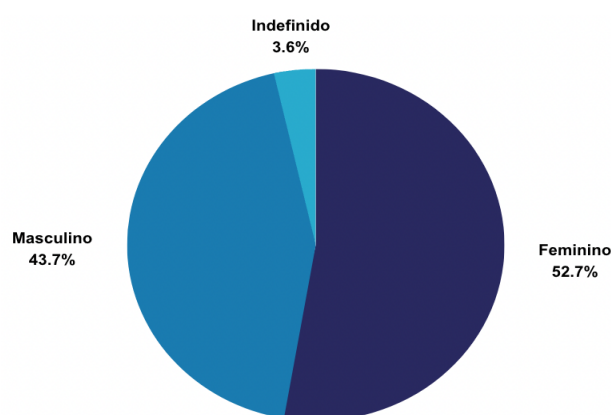
⁴⁶ Dados obtidos em março de 2023.

⁴⁷ Para realizar o cálculo, foi utilizada a calculadora de amostragem disponível em: <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>. Acesso em 25 de abril de 2023.

representatividade de 52,7% (Figura 15). Essa maioria feminina se alinha aos resultados obtidos pelo Datafolha em 2020, o qual delineia o perfil dos evangélicos no Brasil, destacando uma preponderância de mulheres (58%)⁴⁸. Ademais, outra variante encontrada no Twitter foi em relação à faixa etária. Entre aqueles que compartilham suas idades na plataforma, o intervalo de maior frequência compreende internautas entre 14 e 40 anos.

É possível constatar que a análise da composição demográfica dos seguidores do movimento sugere uma convergência com tendências previamente observadas em pesquisas, respaldando a ideia de uma participação feminina proeminente no universo evangélico e especificamente no contexto do Dunamis. A notável presença feminina também ecoa achados de estudos mais amplos sobre a distribuição de gênero entre os adeptos do cristianismo, corroborando a afirmação de que as mulheres desempenham um papel significativo nessa esfera religiosa. A faixa etária identificada, que abarca a adolescência até a juventude adulta, denota a adesão ao movimento por parte de um público jovem, corroborando com o enfoque da mensagem do Dunamis direcionada a essa faixa etária, o que demonstra a compreensão de sua audiência e a articulação de uma estratégia de comunicação efetiva.

Figura 15 – Seguidores do dunamismovement no Twitter por sexo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados obtidos no *Twitter* por meio do *software Twitonomy*

Através da análise desses dados, foi possível discernir não somente o perfil demográfico dos seguidores, mas também mapear a distribuição geográfica da

⁴⁸ Os resultados da pesquisa mostram que o perfil dos evangélicos no Brasil é, além de formado por mulheres em sua maioria, composto por pessoas pardas (43%) e com renda de até 2 salários-mínimos (48%). Disponível em: <https://acesse.one/PKKu0>. Acesso realizado em 16 de novembro de 2022.

audiência. Esse mapeamento atesta a expansão do grupo religioso a nível global, como ilustrado no mapa representativo (Figura 16), observando-se a disseminação de seguidores em países como Portugal, Moçambique, Quênia, Rússia, Estados Unidos, Irlanda, Japão, Chile, Uruguai, Argentina, entre outras. Esse fenômeno confirma a eficácia da estratégia digital adotada pela instituição religiosa, ao estabelecer perfis comunicativos em diferentes línguas, o que parece emular o êxito de outras denominações de cunho global, a exemplo da Igreja Universal, com presenças estabelecidas em diferentes partes do mundo.

Convém salientar, entretanto, que o Dunamis se beneficia em função dos hábitos digitais do presente, pois há uma forte relação entre sua audiência e o uso intensivo da internet, o que potencializa consideravelmente as oportunidades de crescimento e alcance, diferentemente da IURD, por exemplo. É importante acrescentar a esse panorama as missões conduzidas pelo grupo, com a mobilização de jovens missionários para destinos variados ao redor do mundo, como apresentado na Tabela 4, com o programa *Metanoia School - Fire & Fragrance Brasil*. Esse empreendimento missionário reitera a dinâmica expansionista da instituição, tanto virtual quanto fisicamente.

Figura 16 – Distribuição de seguidores do perfil *dunamismovement* no *Twitter*



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados obtidos no *Twitter* por meio do *software Twitonomy*.

Para além dos aspectos demográficos em análise da descrição de perfil dos usuários do *Twitter*, também é possível observar a prevalência política alinhada ao conservadorismo e a favor de Bolsonaro. No campo em que o usuário da plataforma

se descreve, encontram-se 785 menções de palavras como “direita”, “conservador(a)”, “patriota”, “família”, “pátria”, “Bolsonaro”, “bolsonarista”, “22” (referente ao número do partido de Bolsonaro nas urnas em 2022), “antifeminismo”, “antiabortista”, “armamentista”, “mito”, “Lula ladrão”, “anti-pt”, “PTfóbico”, “contra o comunismo” e a bandeira do Brasil, com o símbolo “🇧🇷”. Enquanto a referência a favor do PT ou a Lula aparecem somente 4 vezes. Abaixo alguns exemplos das descrições de perfil com inserção de posicionamento político⁴⁹ (Tabela 6).

Tabela 6 – Exemplos de descrições de perfil de seguidores do dunamismovement com posicionamento político

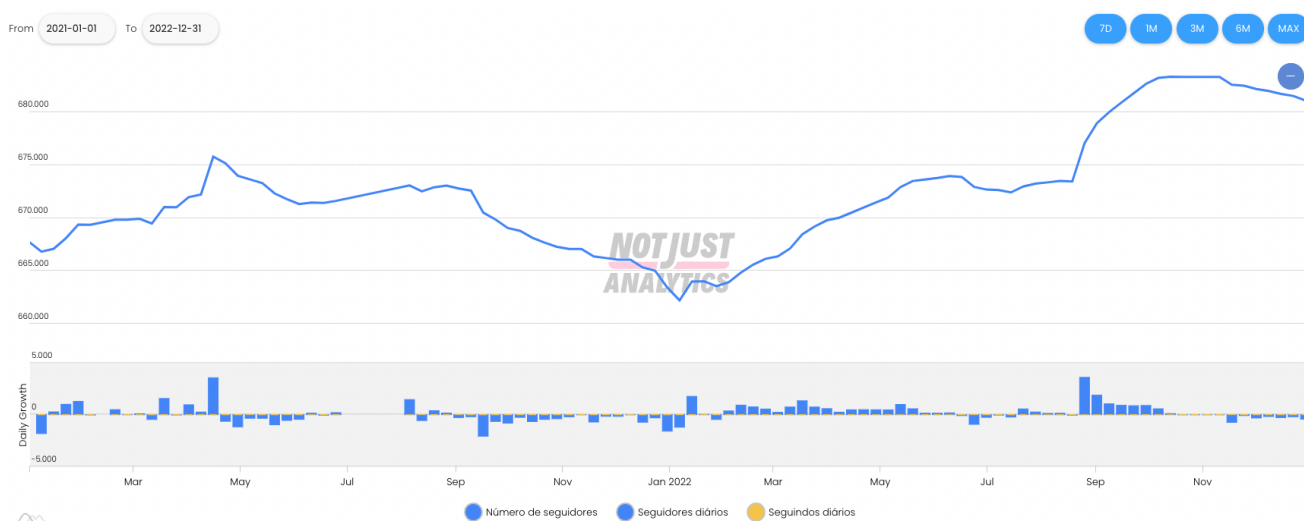
Descrições a favor de Bolsonaro	Descrições a favor de Lula
Sou Pai, Cristão, Conservador, Armamentista, Liberal, Direita até morrer, Deus acima de todos! 100% Bolsonaro.	Lula presidente gostoso demais !
Amo a Deus acima de todas as coisas, armamentista, antifeminista, antiabortista, conservadora.	Petista, radialista, teólogo, escritor, luta contra desigualdade social. Se você for votar no Lula me segue e te seguirei de volta. Vamos nessa!
Anti PT, anti Moro. Deus, Pátria, Família! Bolsonaro raiz.	
22 é Bolsonaro!🇧🇷 #FORALULA	
analista de sistemas, evangelico, de direita, apoio a Bolsonaro. Em oração pelo Brasil se livrar desta esquerda maldita.	
BOLSONARO 2022 BRASIL ACIMA DE TUDO , DEUS ACIMA DE TODOS . O NOSSO PAÍS JÁ ESTA MUDANDO , EM 2022 VAMOS LIMPA TUDO NA POLÍTICA BRASILEIRA .	

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados obtidos no *Twitter* por meio do *software Twitonomy*

Ainda em relação aos seguidores, um dado interessante a ser observado com os dados recolhidos do *Instagram*, é que há certos períodos de declínio na contagem de seguidores, particularmente em janeiro de 2022. No entanto, após essa fase de redução no gráfico, é possível constatar um progresso contínuo até novembro de 2022, com números acima de 680 mil, e um aumento significativo no mês de setembro, conforme ilustrado na Figura 17:

⁴⁹ Foi mantida a grafia inserida pelos internautas na rede social.

Figura 17 – Crescimento de seguidores do perfil *dunamismovement* no *Instagram*, de 2021 a 2022



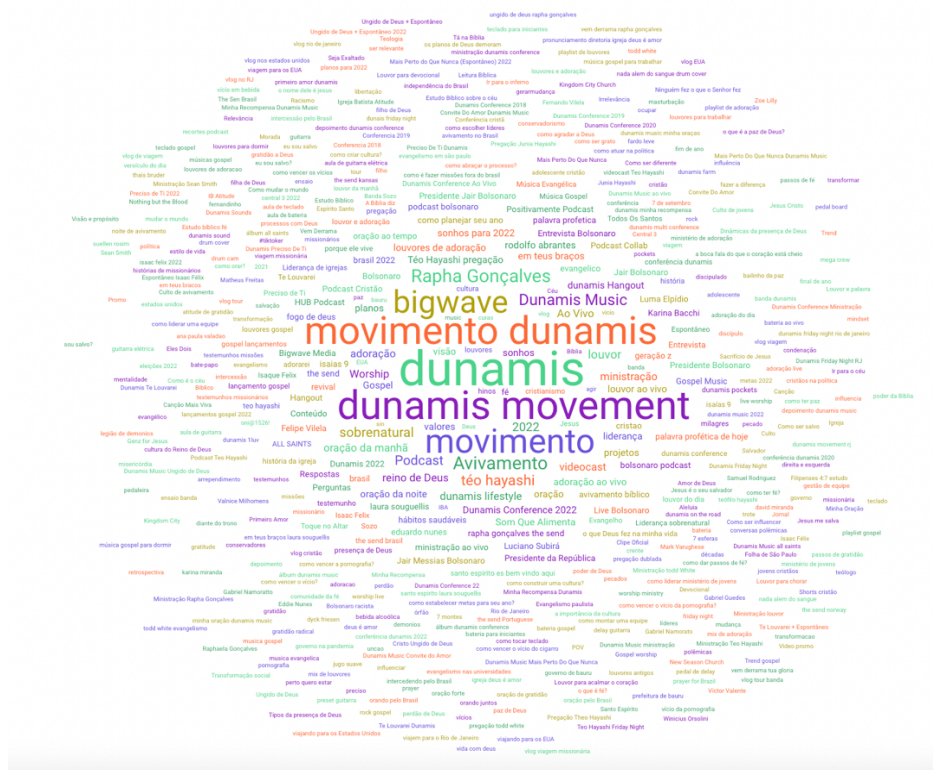
Fonte: *Not Just Analytics*, 03 mar. 2023.

Foi possível verificar-se que algumas publicações foram apagadas da conta *@dunamismovement* nas datas em que algumas pessoas deixaram de seguir o movimento no *Instagram*, sublinhando a estratégia adaptativa em preservar sua base de seguidores e ajustar a diretriz editorial sempre que se identifica declínio no número de seguidores. Cabe ressaltar também que o momento de alta de seguidores pode estar relacionado com vídeos de impulsionamento pago, uma vez que nesse período ocorreu o *Dunamis Conference*, um evento realizado pelo movimento capaz de atrair grandes públicos. Outra hipótese está relacionada a posts que envolvem Jair Bolsonaro, em uma entrevista dada por ele a líderes da juventude cristã, incluindo o *Dunamis*.

Ao realizar a análise de conteúdo das redes selecionadas, outro levantamento feito foi o das *hashtags* inseridas pelo próprio movimento, a fim de investigar as temáticas abordadas. As *hashtags* são as palavras utilizadas nas redes sociais antecedidas pelo símbolo de cerquilha (#), que relacionam as publicações a um termo ou discussão apresentada por aquele termo.

Cada *hashtag* criada se transforma em um hiperlink que leva a pesquisas de outros conteúdos marcados com a mesma *hashtag*, o que facilita tanto a organização de diversos conteúdos sobre um tema específico quanto a pesquisa sobre o tópico desejado (DRUBSCKY, 2019).

Figura 19 – Hashtags utilizadas no perfil *Dunamis Music*, no *YouTube*, em 2022



Fonte: Elaboração da autora. Dados obtidos em 4 mar. 2023 no *YouTube* por meio do software *YouTube Data Tools*.

Neste período, verificou-se *hashtags* semelhantes em destaque, em sua maioria, de autopromoção do ministério, do selo musical, do estudo bíblico e da temática do avivamento em destaque, com termos como *bigwave*, que se refere à grande onda de avivamento cristão, que irá “transformar a nação”, além de ser o nome da agência de marketing ligada ao ministério. No entanto, quando retirados estes termos e as palavras-chave empregadas uma única vez, verifica-se com maior visibilidade os assuntos tratados nos anos analisados.

Esta segunda nuvem de palavras, de 2021 mostra *hashtags* ligadas a vídeos que podem ser divididos nas seguintes temáticas: (1) testemunhos e sermões das lideranças do grupo religioso, com dicas sobre como agir de acordo com a Bíblia, tendo o “namoro cristão” como destaque; (2) teologia das sete áreas de influência; (3) vídeos motivacionais; (4) videogame, no qual um entrevistado e um líder da Dunamis jogam videogame, enquanto conversam; e (5) temática moral, com o feminismo como assunto de destaque.

Já em 2022, as *hashtags* são vinculadas a vídeos mais voltados às seguintes temáticas: (1) gospel, incluindo #Isaías9, nome de uma música interpretada pelo ex-integrante da banda Raimundos Rodolfo Abrantes, bastante popular entre os jovens cristãos; (2) teologia das sete áreas de influência, mantendo a abordagem sobre liderança; (3) videocast e podcast, novo formato de vídeos empregado pelo movimento; e (4) política, com destaque para Jair Bolsonaro.

Dos 96 vídeos publicados em 2022, oito deles são relativos à participação de Bolsonaro no Podcast *Collab*, realizado no dia 13 de setembro de 2022, quando foram filmadas quatro horas de participação do então candidato, em período intenso de campanha do primeiro turno, denotando a relevância dada a esse público por parte da campanha do ex-presidente.

Apesar de se chamar “Podcast *Collab*”, o programa não se resumiu à transmissão de áudio. Também contou com formato de podcast filmado, chamado videocast, cada vez mais comum nas plataformas digitais. O programa em questão reuniu seis *influencers*, que têm como público a juventude evangélica: o líder do Dunamis, Téo Hayashi, o Hub Podcast (303 mil), Felipe Vilela (103 mil), Positivamente Podcast (1,24 milhões), Luma Elpidio (1,87 milhões), Luciano Subirá (1,39 milhões) e Karina Bacchi (757 mil), que juntos somam mais de 7 milhões de inscritos em seus canais no *YouTube*.

As quatro horas de programa foram transmitidas simultaneamente nos canais dos participantes, com interpretação em Libras e, em seguida, foram feitas e publicadas edições com recorte por assunto. No canal do Dunamis há sete trechos, com os seguintes títulos: (1) Lava jato, corrupção entre pastores e acusações; (2) Presidente Bolsonaro fala sobre gestão e falas durante a pandemia!; (3) Presidente Bolsonaro fala sobre a importância do Brasil!; (4) Presidente Bolsonaro fala sobre

encontro com Deus!; (5) Téo Hayashi abre o jogo sobre o voto!; (6) Presidente Bolsonaro fala sobre as mulheres! e (7) Nossa confiança está em Cristo! 🇺🇸🇺🇸⁵⁰

Figura 22 – Trechos com Bolsonaro durante campanha eleitoral de 2022



Fonte: Dunamis Music (YouTube). Acesso em 14 mar. 2023.

A entrevista tratou de certos temas polêmicos, como a condução de Bolsonaro da pandemia, seu trato com público feminino e casos de corrupção entre pastores, a fim de, nas palavras de Hayashi, dar a oportunidade do perdão sobre falas que tenham incomodado alguns espectadores. No vídeo “Presidente Bolsonaro fala sobre as mulheres!”, com a capa “Eu me arrependo do que eu disse”, conforme Figura 22, Bacchi lhe pergunta sobre as falas polêmicas dirigidas às mulheres e se teriam cooperado para a diminuição de políticas voltadas para esse público. Como resposta, o candidato admite ter feito comentários preconceituosos no passado, mas afirma ter mudado de opinião (DUNAMISMUSIC, 13 set. 2023, 3'00") e fala como seu adversário, Lula, ao fazer piadas de mesma natureza, não ganha tanta visibilidade sobre o tema.

A entrevista se articula buscando a obtenção do perdão, a propósito dos erros por Bolsonaro reconhecidos e confessados, uma reconciliação que carrega relevante significado para o público-alvo desse podcast. Em consonância com a narrativa bíblica, o versículo Mateus 6:12 consolida esta perspectiva, no qual Jesus instrui a

⁵⁰ Grafia mantida de acordo com os nomes inseridos pelo Dumanis Moviment em seu canal no YouTube.

oração com a seguinte premissa: “Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores”⁵¹.

O posicionamento do grupo Dunamis, delineado pelo Manual de Transformação Escolar (NAMORATO, s.d.), do programa Dunamis 1Luv, que leva missionários a instituições educacionais, emana uma perspectiva consoante à abordagem do perdão. Esta abordagem se alinha com os princípios cristãos, amplamente disseminados por diversas denominações. Conforme o manual, a abordagem se desdobra da seguinte maneira: “a confissão diante de Deus, o pedido de perdão e o lavar através do sangue de Jesus Cristo, é capaz de restaurar tudo o que foi roubado ou quebrado” (NAMORATO, s.d., p. 46). E reitera ainda que:

Para estarmos saudáveis precisamos ter a alma em ordem, entendermos o que precisamos liberar perdão, o que precisamos deixar no passado e o que podemos fazer diferente na frente. Precisamos sair dos sintomas e realmente entender as razões das nossas emoções e ações (NAMORATO, s.d., p. 25).

É relevante sublinhar que não há unanimidade entre os segmentos evangélicos sobre a avaliação de Bolsonaro, sendo que a articulação de seu governo em relação a pandemia foi um dos tópicos centrais de declínio de sua popularidade.

Sua falta de empatia frente ao sofrimento dos acometidos pela doença reverberou de forma substancial. Esse fato impactou de forma especialmente profunda os estratos sociais mais vulneráveis, que sofreram as consequências mais graves da crise sanitária, expressas por milhares de óbitos no Brasil. A falta de sensibilidade de Bolsonaro foi demonstrada também em vídeo⁵², de ampla circulação, no qual o então presidente imitava uma pessoa com falta de ar, para criticar medidas de Luiz Henrique Mandetta, na época, ministro da saúde.

A fim de recuperar o apoio da base evangélica, Bolsonaro convocou, em abril de 2020, um jejum de apoio ao governo e contra a pandemia, contando com o apoio de aliados, como Marco Feliciano, deputado federal e pastor da igreja neopentecostal Catedral do Avivamento, e Silas Malafaia, da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que ajudaram a reverberar o chamamento nas redes sociais. Feliciano escreveu em sua conta no Twitter: “O Brasil passa por grave crise, e as forças do mal se levantam contra um presidente cristão, temente a Deus e defensor da família!

⁵¹ Passagem bíblica completa pode ser encontrada on-line. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_6_12-18/. Acesso em 2 ago. 2023.

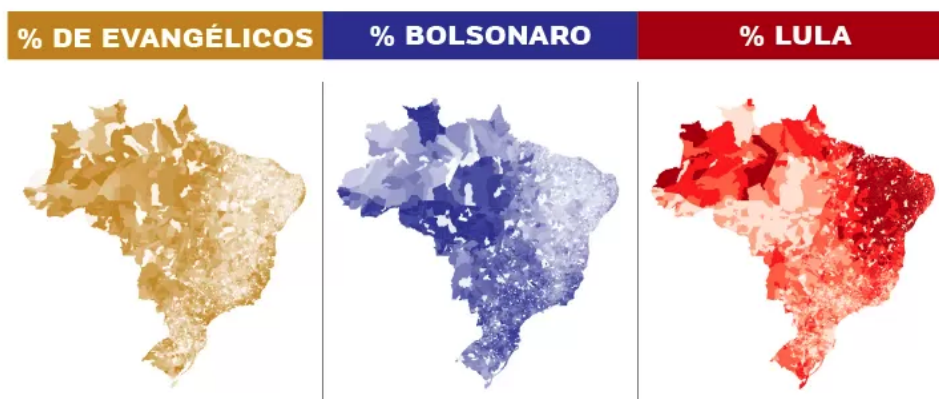
⁵² Vídeo pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=g4K_WlfUhuI. Acesso em 4 ago. 2023.

Domingo é dia de jejum, clamor e glória!!! E toda terra saberá que há Deus nesta Nação!” (PARAGUASSU, 2020).

A convocação também teve repercussão negativa entre líderes religiosos, inclusive que apoiaram seu governo, como o pastor Guilherme de Carvalho, da Igreja Esperança, ex-diretor de Promoção de Educação em Direitos Humanos no ministério de Damares Alves. De acordo com Lima (2020), o pastor protestou contra a violação da soberania entre as esferas, expondo que, para ele, um presidente não pode convocar autoridades religiosas.

O apelo dos líderes no podcast e na campanha, momentos antes do primeiro turno das eleições, possivelmente surtiu algum resultado, uma vez que os votos evangélicos contribuíram com sua chegada ao segundo turno. Melo (2022), aponta que, no primeiro turno, nos municípios predominantemente evangélicos houve maior quantidade de votos em Bolsonaro, enquanto Lula teve destaque entre os católicos e sem religião.

Figura 23 – Evangélicos no Brasil por votos válidos no primeiro turno das eleições presidenciais de 2022



Fonte: Uol – Eleições 2022. Disponível em: <https://1nk.dev/kY6kq>. Acesso em 4 ago. 2023.

Esse episódio não pode ser considerado isoladamente, mas sim como uma das estratégias utilizadas dentro do panorama mais amplo da política brasileira contemporânea. A atuação dos líderes evangélicos, em parceria com a estratégia de comunicação da campanha, reflete a importância crescente do apoio desses grupos no contexto eleitoral do país, em destaque aqui a juventude evangélica. O fenômeno de votos evangélicos favoráveis a Bolsonaro no primeiro turno pode ser interpretado

também pela oposição ao PT e pela percepção de que Bolsonaro e seu governo promoviam valores morais e crenças tradicionais.

De acordo com os dados obtido no YouTube, no período da análise, a entrevista “Presidente Jair Bolsonaro | Podcast *Collab*” é o vídeo que teve maior número de curtidas (91.025 *likes*) e comentários dos internautas (509), evidenciando uma estratégia de comunicação com forte apelo.

Ainda a respeito de estratégias comunicacionais, é possível observar nos dados obtidos na plataforma de vídeo, que a maioria dos conteúdos do canal está dividido por programas, como os de TV, com uma proposta e temática específica. Entre eles estão o “BiblicaMENTE”, o “Dunamis *Hangout*”, o “Fala Galera”, “FAQ do Dunamis Movement”, entre outros listados na Tabela 7:

Tabela 7 – Vídeos publicados em 2021 e 2022 categorizados por programas

Programas	Número de vídeos em 2021 (%)	Programas	Número de vídeos em 2022 (%)
Dunamis <i>Music</i>	25,9%	Dunamis <i>Music</i>	33,7%
Dunamis <i>Hangout</i>	25,9%	Téo Hayashi	15,2%
Téo Hayashi	14,3%	Dunamis <i>Greenhouse // Revival Night</i>	14,1%
Fala Galera	9,8%	Transmissão de eventos	8,7%
BiblicaMENTE	9,8%	Podcast <i>Collab</i>	8,7%
Dunamis <i>Lifestyle</i>	4,5%	Vídeos promocionais	3,3%
Vídeos promocionais	2,7%	Lab de liderança	3,3%
FAQ do Dunamis Movement	2,7%	Tá pago!	3,3%
Perguntas difíceis	1,8%	BiblicaMENTE	2,2%
Transmissão de eventos	0,9%	<i>Masterclass</i>	2,2%
Eddie Nunes	0,9%	Dunamis <i>Hangout</i>	2,2%
<i>Masterclass</i>	0,9%	Dunamis <i>Lifestyle</i>	2,1%
		Testemunhos Dunamis <i>Pockets</i>	1,1%

Fonte: Elaboração da autora. Dados obtidos no *YouTube*, por meio do *software YouTube Data Tools*.

Dentre os programas e *hashtags*, é possível verificar os marcadores simbólicos que ressoam com a identidade evangélica, conforme destacado por Smith (1998, p. 150). Entre esses marcadores, salienta-se a defesa de uma cosmovisão bíblica, o

sentimento de ameaça e a promoção de pautas morais. Tais elementos contribuem para a construção de uma identidade coletiva que simultaneamente une os membros desse grupo e os distingue de conjuntos com valores divergentes. Tal processo também fortalece o vigor institucional dos grupos religiosos que permanecem ativamente engajados na militância religiosa, especialmente quando confrontados com adversários externos (MARIANO, 2016, p. 719).

Em “BiblicaMENTE” o cantor integrante do Dunamis Music, Isaac Félix, responde a questões polêmicas sobre a Bíblia de maneira interativa, com perguntas feitas pelos internautas. No vídeo “Desigrejados! – BiblicaMENTE ft. Isaac Felix”, temos a descrição do programa:

“BiblicaMENTE” é o nosso programa que vai trazer as verdades bíblicas e responder as perguntas que para alguns podem ser polêmicas e difíceis de entender! Neste vídeo explicamos como devemos enxergar a Igreja de acordo com a Bíblia! Tem alguma sugestão de tema? Tem alguma pergunta para o Isaac? Deixe aqui nos comentários!

O programa segue uma estrutura que se inicia com a apresentação de uma problemática, exemplificada por questões como “Você se arrependeu de verdade?”, “A cura é para todos?”, “Como vencer os vícios?”. A partir dessa temática, Felix explora os versículos bíblicos que se correlacionam com o tópico em questão e fornece sugestões, frequentemente organizadas em tópicos, sobre como abordar a problemática de acordo com os princípios bíblicos. As soluções são delineadas como uma série de tarefas a serem cumpridas, lembrando uma estrutura semelhante à “gameficação”⁵³, em que o “vencedor” conseguiria alcançar um verdadeiro arrependimento, recuperação de doenças ou a superação de um vício.

Esse tipo de conteúdo converge com a racionalidade neoliberal, a qual suscita no indivíduo a sensação de incompetência ao não superar, por si só, uma dependência, por exemplo. Esse formato desconsidera deliberadamente fatores socioeconômicos e uma gama de variáveis externas que contribuem para a situação. O resultado é que, ao seguir uma espécie de guia passo a passo, o problema deveria estar resolvido, e caso contrário, a falha recai sobre o indivíduo.

Em relação ao sentimento de constante ameaça apontada por Smith (1998) em análise aos *evangelicals* norte-americanos, no Brasil, essa sensação não é rara. Ainda no que diz respeito à campanha eleitoral de 2022, houve, por exemplo, uma *fake news*

⁵³ Gameficação refere-se a aplicação de mecanismos de jogos a fim de incentivar participação e engajamento em determinada atividade.

de que Lula iria perseguir os evangélicos e fechar suas igrejas. Apesar dessa informação ser rapidamente desmentida por agências de checagem e pela própria campanha do candidato, ela foi rapidamente disseminada com um alcance de 142 milhões de perfis apenas no Twitter (GOMES, 2022).

Essa sensação de crise pode ser encontrada em vídeo nos canais pessoais dos líderes do Dunamis Movement no *Instagram*, Téo Hayashi (@teohayashi) e Henrique Krigner (@krigner), após o resultado destas eleições de 2022, no qual falam que viram discursos na internet em tom apocalíptico: “o mundo tá acabando, a gente vai virar uma Venezuela e a gente vai passar fome. E agora já era”. Os líderes, por sua vez, buscam acalmar o público dizendo que não é o momento para precipitações, “o soldado não pode se precipitar”. Lembram que Deus ao ver o seu próprio filho sendo crucificado, não saiu do trono. Portanto, não seria o momento para o desespero, nem para abaixar a cabeça. Que a vitória de Lula seria uma oportunidade para despertar o jovem a se posicionar, a trabalhar em unidade, pois assim seriam mais fortes para vencer a batalha (HAYASHI, 2022).

Sobre o aspecto político do Dunamis Movement, é relevante ressaltar a candidatura de Krigner à vereança da cidade de São Paulo pelo Progressistas (PP) nas eleições de 2020 (Figura 25). O partido, antigo Partido Progressista, que já teve em seu quadro Bolsonaro e figuras como Celso Russomano e Paulo Maluf, recorrentemente lembrado pela frase “Tá com vontade sexual, estupra, mas não mata!”.

Figura 24 – Publicações de campanha de Henrique Krigner para vereança



Fonte: *Instagram* @krigner. Acesso em 07 jan. 2023

Embora Krigner tenha obtido mais de 16 mil votos nessa tentativa, não se elegeu devido ao quociente eleitoral, que não permitiu a conquista de cadeiras suficientes para o seu partido. É relevante sublinhar que sua candidatura foi amplamente divulgada nas redes sociais pessoais dos integrantes do movimento, porém não foi promovida diretamente nos canais oficiais Dunamis.

Uma interpretação possível para tal fato é o de não estabelecer vínculo tão evidente com instituições político-formais, possivelmente devido ao receio de repercussões negativas e perda de seguidores. O vídeo da entrevista com Bolsonaro se trata de uma exceção, em um momento decisivo para o ministério. Todavia, essa ligação é feita por aspectos ideológicos, com forte postura conservadora em suas diretrizes. Portanto, compreendemos que a identidade religiosa construída pelo Dunamis é flexível conforme a aceitação de seu público-alvo, no caso, jovens que não se identificam com abordagens mais radicais da teologia do domínio e das sete montanhas, ao mesmo tempo que aderem a valores morais conservadores. Retomando a argumentação de Smith:

Essa identidade religiosa é móvel, passível de negociação e de reformulação – não uma essência – e muda conforme, entre outros fatores, os diferentes contextos em que os grupos religiosos atuam, os embates nos quais participam e os adversários que enfrentam e dos quais procuram se distinguir (SMITH, 1998 *apud* MARIANO, 2016, p. 720).

Nas redes sociais do movimento, vemos diversos discursos dentro do ideário da moral cristã, com a família tradicional patriarcal sendo ameaçada pelo aborto, pelo uso de anticoncepcionais, pela comunidade LGBTQIAPN+, pelo feminismo, pelo comunismo etc. Seguindo a lógica dos “manuais de bem viver”, há diversas postagens que ditam como devem ser os comportamentos dos fiéis, entre as quais: “como deve ser a sexualidade na visão bíblica”, “como um solteiro deve se comportar” ou ainda “como deve ser um casamento na visão de Deus”.

O programa *Hangouts* possui formato no qual integrantes do ministério e convidados discorrem sobre algumas temáticas, muitas vezes delicadas para a Igreja, dando o ponto de vista do Dunamis para as questões. Como o vídeo “Contatinho é pecado?”, de setembro de 2021, no qual os participantes discutem sobre a questão dos aplicativos de namoro e sobre o “ficar” entre a juventude cristã, afirmando que são atos de pecado e imorais, de acordo com 1Coríntios, no qual o corpo é colocado como templo do espírito santo e que, portanto, desagradaria as vontades de Deus (8’50”).

No vídeo intitulado "Dunamis Hangout | Feminismo x Cristianismo", ocorre uma discussão acerca da origem do feminismo, onde é sugerido que ele seja "um movimento, assim como o Marxismo, que o Diabo utiliza para minar nossa capacidade de promover transformações na sociedade" (17:30)⁵⁴. No decorrer do vídeo, argumenta-se que é incompatível ser simultaneamente uma mulher cristã e feminista, pois o feminismo coloca as mulheres em posição de destaque, enquanto a prioridade deveria ser Deus. As participantes do vídeo afirmam que o movimento feminista não teria contribuído para a conquista de quaisquer direitos, sendo caracterizado apenas por manifestações tumultuadas.

Ao abordar o contexto em que os homens serviam no exército, enquanto as mulheres obtiveram direitos simplesmente por serem mulheres, as participantes reforçam o argumento. O vídeo também menciona o livro "Feminismo: perversão e submissão" (2019), escrito por Ana Campagnolo, deputada estadual de Santa Catarina pelo Partido Liberal (PL), como uma fonte que revela o que chamam de "falsificações históricas" do feminismo. É relevante notar que essa apresentação foi realizada ao vivo e atraiu a participação de diversas mulheres cristãs que contestaram os argumentos e equívocos históricos apresentados. No entanto, a maioria dos comentários expressava concordância com o conteúdo do vídeo.

No reposicionamento de canais de YouTube do grupo, o perfil @dunamismovement, possui vídeos mais recentes e um novo programa chamado *Contramão*, no qual falam "de assuntos polêmicos e questões da atualidade, porém sempre na contramão do que o mundo impõe. Muita cosmovisão bíblica e pouco politicamente correto 🙄" (DUNAMISMOVEMENT, 13 fev. 2023)⁵⁵. O quadro trata e temas como sexo, aborto, maternidade e criança transgênero, segundo a visão bíblica do movimento. Os vídeos possuem viés conservador, colocando as questões tratadas como pecaminosas. Por exemplo, a maternidade é tida como um ato sacrificial que aproxima as mulheres (e somente as mulheres) do propósito de Deus e, apesar dos desafios, é um papel valioso e recompensador do qual não se deve desistir.

Por fim, destaca-se a relevância da liberdade de expressão e da liberdade de expressão religiosa. Retomando a perspectiva de Brown (2019), observa-se que esses princípios, quando invocados como justificativa para respaldar ações

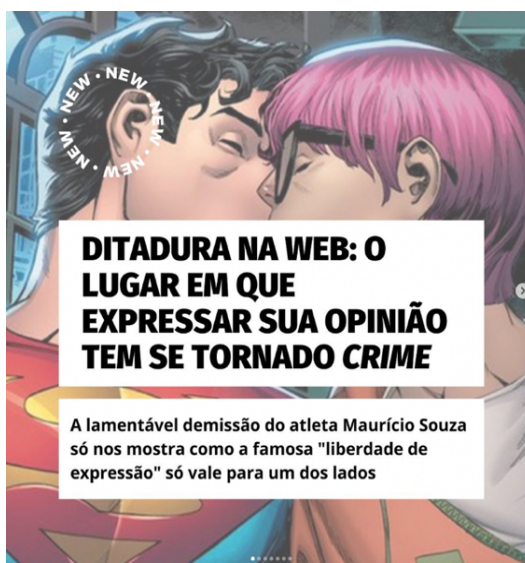
⁵⁴ Vídeo disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=9IZGlyfIWYE&t=2308s>. Acesso em 16 ago 2023.

⁵⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=MQAVmvYw3GM&list=PLFgexMhoSyJweq4FLg3R503m563UKas0y>

criminosas, por exemplo, servem como um mecanismo para perpetuar e resguardar os valores conservadores morais do neoliberalismo. Isso ocorre porque, em situações em que tais ações transgridem limites legais, como nos casos de homofobia ou racismo, frequentemente não são punidos, sob a alegação de estarem amparadas pela liberdade de expressão ou pela expressão religiosa.

O uso dessas justificativas acaba enfraquecendo valores como a democracia e igualdade (BROWN, 2019, p. 198), e, por fim, são instrumentalizados para fins políticos. Verifica-se esse mecanismo no post realizado no *Instagram* pessoal de Krigner, na defesa do jogador de vôlei Maurício Souza, que foi dispensado do clube que jogava por realizar um post homofóbico nas redes sociais e teria sua liberdade de expressão violada (Figura 26).

Figura 25 – Publicação de Henrique Krigner sobre demissão do jogador de vôlei Maurício Souza, em 28 out. 2021



Fonte: Instagram @krigner. Disponível em <<https://bit.ly/3sjlfRo>>. Acesso em 3 mai. 2022.

Esta moral conservadora não é apresentada contra os direitos humanos, mas busca se “apossar desse significante para ajustar a própria moralidade” (DUNKER, 2022, p. 125). As publicações de cunho moral possibilitam fazer a leitura sobre a ideologia política conservadora do grupo, não apenas pela campanha política favorecendo Bolsonaro, mas por outras tantas postagens contra a comunidade LGBTQIAPN+, contra o feminismo (que foi tema recorrente do movimento em 2021), contra o aborto, a favor da pátria e da família tradicional cristã.

Destaca-se ainda o que o estudo chama de “igreja transante”, que, no Dunamis, encontra-se na estratégia comunicacional, com a confecção de peças audiovisuais e

imagéticas divertidas (com referências a memes da internet, por exemplo) e com design gráfico comunicativo e atraente ao público jovem, mesclada a discursos extremistas, retomando as origens fundamentalistas do movimento. Há ainda um elemento importante a ser destacado, que é o Dunamis Music, que quantidade de conteúdo superior aos programas produzidos pelo grupo. A música gospel é para o movimento o que mais atrai público, sendo o vídeo mais visto do canal, nos anos analisados, “O Nome Dele é Jesus | Dunamis Music”⁵⁶, com 1.093.843 visualizações.

Para Cunha (2004) a música gospel é um dos elementos que transformaram a cultura cristã, com mudanças significativas no comportamento dos evangélicos, atenuando a ética puritana restritiva de costumes e reconfigurando a imagem que se destes. Isso ocorre ao incentivar uma maior inserção dos evangélicos nas culturas do mercado e da mídia. Com influências de ídolos da música gospel, que no caso do Dunamis se faz pelos líderes e pelos artistas do selo musical Dunamis Music, com seu estilo *worship* atraem mais seguidores para plataforma, que acabam consumindo produtos além dos musicais, configurando mais um elemento da estratégia comunicativa empregada.

Por fim, cabe enfatizar os discursos encontrados em relação à liderança, umas das temáticas que ganhou visibilidade entre os conteúdos analisados. As peças imagéticas e audiovisuais sobre essa temática são, em sua grande maioria, representadas por Hayashi. Nestas é possível encontrar relações diretas e indiretas com a teologia das sete montanhas, sendo a liderança um destino divino que pode ser obtido por qualquer cristão que siga as dicas apresentadas. E, os que não alcançam essa posição são culpados por seu desengajamento, ou seja, o sucesso e o insucesso dependem (individualmente) de você.

Nos vídeos analisados, Hayashi emprega a estética de vídeos motivacionais, conta experiências pessoais de fracasso e de triunfo, faz citações bíblicas, dá dicas para os jovens correrem atrás da liderança nos espaços que eles já frequentam e que busquem espaços que desejam ocupar. Ganha destaque o vídeo “A política também é um campo missionário! - Téo Hayashi”, de abril de 2022, no qual Hayashi entrevista a Suéllen Rosim⁵⁷ (PSD), prefeita do município de Bauru, no Estado de São Paulo.

⁵⁶ Vídeo pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=y-nxxrQ_BKk. Acesso em: 13 ago 2023.

⁵⁷ Suéllen ficou conhecida na grande mídia por atuar o Mc Donald's de sua cidade pela instalação de banheiros multigêneros. Mais informações podem ser encontradas em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/11/4963173-bolsonarista-prefeita-de-bauru-diz-que-mcdonald-s-foi-autuado-por-banheiros-multigenero.html>. Acesso em: 13 ago. 2023.

Neste, Suéllen fala de suas experiências e como chegou ao cargo político. Afirma não ter medo de mudanças, uma vez que estava em uma carreira estável de jornalista e mudou bruscamente para vida política. Fala ainda que ocupa o cargo como uma missão e que igreja e política devem sim ter relação, convocando cristãos para ocuparem mais lugares na política institucional. Neste discurso nota-se a importância da representatividade dos evangélicos, que é fundamental, mas evidencia-se também a instrumentalização política religiosa, uma vez que a ocupação do cargo é colocada em perspectiva missionária.

Dunker (2022) insere essa lógica no que ele chama de “neopentecostalismo de terceira geração”⁵⁸ (Ibid., p. 127), que opera em uma gramática neoliberal vinculada a Teologia da Prosperidade, com características como:

[...] os interesses políticos e econômicos não são motivo de vergonha ou dessacralização, mas apenas meios pelos quais se realizará a conquista do Paraíso na terra, uma conquista que não é para todos, mas particular e exclusiva para os convertidos; [...] cada um é responsável pela criação de sua própria rede de proteção e redução de sofrimento. Aquele que não se entende como empreendedor da própria felicidade não negocia alianças e investimentos e não entende a nova lógica individualista e contratualista do sacrifício (Ibid., 126).

Esse mecanismo de alta performance, de alcance de liderança é facilmente encontrada em cursos de coaching, agora também pode ser encontrada nas igrejas e nos canais de comunicação, como os dessa pesquisa. De modo que a comunicação digital surge como peça central no reforço da individualidade, de modo que as plataformas digitais se consolidam como espaços de pregação cada vez mais fortalecidos e “personalizados”, a “religiosidade do freguês” (BUCCI, 2021, p. 164).

⁵⁸ Em artigo “Teologia da prosperidade 2.0: neoliberalismo, religião e comunicação digital no Dunamis Movement” chamamos essa relação de Teologia da prosperidade 2.0. DIAS, Emily Hozokawa; ROMANCINI, Richard. [Dossiê] Comunicação, religião e valores contemporâneos. Revista Líbero, São Paulo, v. 25, n. 51, p. 144-164, ISSN 2525-3166. Maio/ago. 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1777>. Acesso em: 17 ago 2023.

NOTAS CONCLUSIVAS

Este trabalho buscou compreender as estratégias de comunicação utilizadas pelo movimento religioso Dunamis nas redes sociais, assim como o funcionamento destas durante a campanha presidencial de Bolsonaro em 2022. Para isso abordou dados entre 2021 e 2022, dos canais *YouTube*, *Instagram* e *Twitter* com maior número de seguidores do ministério, sendo possível afirmar que foram identificadas algumas das estratégias adotadas pelo movimento para se comunicar, mobilizar sua audiência e promover suas mensagens.

Para isso, o estudo recorreu, a partir da avaliação de diferentes possibilidades, a alguns softwares como o *YouTube Data Tools* para o YouTube, *Not Just Analytics* para o Instagram e o *Twitonomy* para o Twitter, para a coleta de dados. Aqui, situa-se uma primeira limitação da pesquisa, relacionada às dificuldades que as plataformas digitais têm colocado para a pesquisa acadêmica. Como discute Bruns (2019), que fala numa situação de “*APIcalypse*”⁵⁹, após o escândalo *Cambridge Analytica*, em 2018, houve uma progressiva restrição sobre os dados – com os quais, por sinal, as plataformas lucram – para a investigação acadêmica. Também existem questões complexas envolvendo a proteção desses dados e a privacidade dos usuários, que impedem a construção de bancos de dados por parte de indivíduos ou instituições externas às empresas digitais. Assim, os dados brutos desta pesquisa não podem ser socializados. Essa proibição é geralmente expressa nos “termos de uso” das plataformas, dificultando o monitoramento de perfis e conteúdos digitais publicados, por parte dos pesquisadores – que devem buscar soluções como as utilizadas nesse trabalho –, bem como, mais importante, prejudica a reprodutibilidade de resultados⁶⁰.

⁵⁹ API é um acrônimo para *Application Programming Interface*, ou Interface de Programação de Aplicação, em português, que designa um conjunto de normas que possibilita a comunicação, inclusive o compartilhamento de dados, por meio de uma série de padrões e protocolos. Daí, o trocadilho do autor.

⁶⁰ Um problema conexo diz respeito ao aprendizado técnico-metodológico e as possibilidades para a coleta de dados digitais que podem ser prejudicados por mudanças repentinas nas políticas de acesso de dados a pesquisadores. Assim, inicialmente, iríamos usar uma ferramenta que o Twitter disponibiliza para pesquisadores cadastrados, entretanto, após a compra da plataforma por Elon Musk, essa ferramenta (<https://developer.twitter.com/apitools/downloader>) ficou indisponível. Quanto ao aprendizado, noto que durante a realização deste trabalho auxiliei alguns colegas do PPGCOM/ECA-USP, com dicas de softwares (gratuitos e pagos) que podem responder a algumas demandas dos pesquisadores, sem que precisem ter conhecimentos de programação. Com o crescente número de influencers digitais, multiplicaram-se também o número de ferramentas de análise de dados de redes sociais, que possuem, porém, a ressalva apontada em relação à comparabilidade e reprodutibilidade de resultados entre investigadores.

No caso desta dissertação, os dados foram coletados entre janeiro e março de 2023 e, devido ao dinamismo das contas do movimento, as publicações entre janeiro e maio de 2021 não foram encontradas. Entretanto, foram encontrados rastros, os quais mostram um possível apagamento de posts devido ao declínio dos números de seguidores do perfil, evidenciando assim, provável adequação do perfil em relação à avaliação do público.

Apesar das dificuldades referidas, foi possível constatar, sobre o funcionamento das redes sociais analisadas: a constante atualização das páginas, a alta frequência e constância de postagens, o alcance global, a expansão multifacetada de perfis e produtos audiovisuais e imagéticos e o alinhamento em relação ao público que se destina.

A contínua reconfiguração estratégica e a diversidade de perfis, inclusive em diferentes idiomas, demonstram uma compreensão, por parte do Dunamis, do alcance global das redes sociais e a habilidade de adaptar sua comunicação ao público, de acordo com as variáveis apresentadas pelo monitoramento das próprias redes. Desse modo, agiu em conformidade com os apontamentos da audiência.

Importante sublinhar o conhecimento que o grupo tem sobre seu público, com linguagem adequada aos canais vinculados e temáticas pertinentes ao jovem evangélico, que muitas vezes tem apenas este espaço na internet para obter informações de forma que o instigue. O que, por sua vez, pode ser preocupante, já que as referências deste serão limitadas a um ponto de vista ideológico, alheio as complexidades de sua realidade. De certa forma, essa questão indica outra limitação do estudo: não é feita análise qualitativa aprofundada da recepção da juventude que participa do Dunamis. Evidentemente, isso se coloca como sugestão para futuros trabalhos, que aprofundem esse ponto.

Por outro lado, fazendo coro aos apontamentos feitos por Solano e Rocha (2022), esta pesquisa sugere a pertinência da juventude ocupar os espaços de produção de conteúdo de comunicação, a fim de fazer frente a movimentos pautados pelo conservadorismo político-religioso. O presente estudo apontou que o Dunamis possui uma agência de mídia associada, a *Big Wave*, o que mostra imensa desvantagem aos grupos de oposição, entretanto, um primeiro e importante passo é a comunicabilidade com os jovens. Conforme verificado pelas pesquisadoras citadas), os jovens não se sentem correspondidos quando, por exemplo, o assunto é política, já que as informações não soam como se fossem para eles, e a questão é essa. As

informações não são para estes jovens. Há poucos comunicadores que se dispõem a produzir conteúdo político direcionado para esse público. Enquanto, entre os conservadores, parece existir maior investimento na realização destes conteúdos mais direcionados.

O uso de linguagem fácil, do humor, da moda direcionada à juventude, dos cenários, bem como a captação adequada de imagens e som, de modo a produzir um produto atraente, faz com que o jovem evangélico seguidor do Dunamis se sinta acolhido e estimulado a consumir tais conteúdos. Na pesquisa verificou-se o direcionamento dos canais também para o que era tendência no momento. Tais como em 2021, quando um dos programas introduziu o videogame durante a entrevista com os convidados, sendo esse formato de vídeo um dos mais populares entre os jovens. Essa popularidade dos games foi vista também por Bolsonaro, que reduziu os impostos de importação de videogames e conquistou o apreço dos gamers (JULIÃO, 2023).

A partir de dados recolhidos no Twitter, foi possível esboçar um perfil dos seguidores do Dunamis, obtendo como resultado um público ligeiramente maior do sexo feminino, jovem e com inclinações políticas conservadoras. Entretanto, o trabalho possui também limitações na delimitação desse perfil, uma vez que cada rede social tem sua peculiaridade, inclusive em relação aos usuários. Segundo Meirelles (2021), o âmago da problemática reside na premissa de uma classificação estritamente delimitada para as mídias sociais, que negligencia a dinâmica intrínseca às arquiteturas dessas plataformas, que estão em um estado contínuo de mudanças e testes de algoritmos, culminando na complexificação das similaridades e disparidades entre elas. Essa complexidade se interliga, por sua vez, a outra questão de significativa relevância: o padrão pelo qual os indivíduos se apropriam e empregam cada uma das plataformas. Ou seja, o que um jovem publica em uma plataforma pode ser totalmente diferente do que ele publica em outra. De novo, a observação sobre a relevância da pesquisa mais qualitativa com esses indivíduos ganha relevo

Nesse contexto, Meirelles (2021) ressalta que é crucial reconhecer que a imbricação entre arquitetura de plataforma e práticas de utilização estabelece um cenário de mútua influência e adaptação. As plataformas se metamorfoseiam em resposta às demandas de seus usuários, enquanto os usuários, por sua vez, modulam suas condutas em consonância com os formatos e as possibilidades oferecidas por cada plataforma. Essa simbiose contribui para a coevolução das mídias sociais e das

práticas comunicativas, traduzindo-se em um entrelaçamento complexo que transcende definições taxonômicas simplistas.

Ainda a respeito da audiência do Dunamis, levanta-se a hipótese de que não seria o público apresentado por algumas pesquisas que colocam os seguidores do movimento como jovens de classe média universitária (FONSECA, 2020; COUTO, 2022). Como trata-se de um movimento que tem a rede social como mecanismo de disseminação de mensagens, a audiência se torna mais ampla e mais complexa do que o público que realiza os cursos pagos ou que participa dos eventos presenciais, talvez correspondendo de maneira mais próxima ao perfil traçado sobre a população evangélica no Brasil, adicionando o fator da juventude e do acesso às redes sociais, conforme exposto no capítulo 2.

Quanto à dinâmica das redes do movimento no período de campanha à presidência de Jair Bolsonaro, o trabalho pode constatar que realmente houve movimentação das plataformas no sentido de apoiar o candidato. Identificou-se no YouTube uma concentração de *hashtags* em menção ao ex-presidente, assim como uma entrevista com o próprio candidato, apresentada pelo estudo. Nota-se ainda vídeos relacionados à liderança e ao Brasil de maneira mais enfática em 2022 do que em 2021.

Pesquisa coordenada por Almeida e colaboradores (2021) analisou 330.925 vídeos postados em 349 canais de direita no Brasil, com o processamento de dados de mais de 72 milhões de comentários e concluíram que os usuários do YouTube migram sistematicamente de conteúdos mais brandos para conteúdos mais extremos. Em outras palavras, os usuários que inicialmente se envolvem com conteúdos políticos mais moderados tendem a se envolver com conteúdos mais extremos à medida que continuam a consumir o conteúdo disponível na plataforma. E que estes canais têm crescimento de suas audiências muito mais rápido do que outros, e pareciam estar influenciando o conteúdo político geral do site.

Outra descoberta importante dos pesquisadores foi o rápido crescimento das audiências dos canais de direita analisados em comparação com outros tipos de conteúdo. Isso sugere que os canais de direita estão conseguindo atrair e reter públicos de maneira eficaz, potencialmente devido à natureza cativante ou polêmica de seu conteúdo.

Neste trabalho com o Dunamis, também se verificou um forte crescimento de seguidores, na plataforma *Instagram*, depois da publicação dos vídeos com

Bolsonaro, talvez em convergência com análises como as de Almeida et al. (2021). Destaca-se ainda que em 2023 foi criado um programa para apresentar conteúdos polêmicos e de diretrizes mais alinhadas com a direita, por vezes, de teor radical, *Contramão*, que, em futuras pesquisas, pode ser analisado tendo como ponto de partida as observações da pesquisa mencionada e da nossa.

Conclui-se que a influência desses canais não se limita apenas ao conteúdo gerado por eles, mas expande-se para as esferas sociais, dada a característica pervasiva que mídia digital possui em relação aos contextos de sociabilidade das pessoas, principalmente jovens. Isso também está relacionado com as teologias apresentadas, sendo esse o principal objetivo do movimento: a ocupação cristã de todas as nações. Saliendo uma visão particular sobre o significado de ser cristão. A rápida expansão das audiências desses canais sugere que suas perspectivas conservadoras podem estar se espalhando mais amplamente, de modo a influenciar a opinião pública. É necessário, portanto, aprofundar a reflexão sobre o significado de movimentos religiosos alicerçados no ambiente digital, em geral, e do próprio Dunamis, em particular. Assim, a discussão e o debate sobre questões complexas, como a eventual radicalização e extremismo religiosos, a responsabilidade e papel das plataformas de mídia social na moderação e promoção de conteúdos, entre outros pontos, poderão ser feitos com maior nível de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, Allan de. Mãos de Damares na violência contra a menina capixaba. **Outras Palavras**, São Paulo, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cFOP9>. Acesso em: 1 mai. 2023.

ABREU, Helen T. S. **A cultura do Reino de Deus nas redes sociais: evangélicos na mídia**, Dunamis Movement e seus influenciadores digitais. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2023.

ALMEIDA, V. A. F.; RIBEIRO, M. H.; OTTONI, R.; WEST, R.; MEIRA, W. **Auditing radicalization pathways on YouTube**. New York: Cornell University, 2019. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3351095.3372879>. Acesso em: nov. 2022.

ALVES, Maria de Fátima Paz. Ser jovem “crente”: a escolha por uma distinção - pensando igreja, família, juventude e “mundo”. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 23, n.1, p. 101-120, 2012.

ARENARI, B. Um esboço de um programa weberiano para compreender o Pentecostalismo. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 36, p. 174-194. Maio./Ago. de 2017.

BANDEIRA, Olívia. Igrejas cristãs no topo da audiência. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 16 abr. 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/vBK19>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. **Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999 a 2006)**. Tese (doutorado). São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

BARÃO, M.; RESEGUE, M.; LEAL, R. (coord.). **Atlas das Juventudes**. [S. l.], [S. ed.], 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Organização: Luiz Roberto Benedetti; tradução: José Carlos Barcellos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-24, 2000.

BERNARDES, Júlio. Ansiedade, insônia, estresse, depressão: estudo mostra como saúde mental evoluiu na pandemia. **Jornal da USP**, Especial ELSA Brasil, São Paulo. 23 jun. 2022. Disponível em: <https://l1nq.com/T7pII>. Acesso em: 21 maio 2023.

BOAS, Taylor C. Expanding the public square: Evangelicals and electoral politics in Latin America. In: KAPISZEWSKI, Diana; LEVITSKY, Steven R.; YASHAR, Deborah J. (Orgs.). **The inclusionary turn: democracy and citizenship in contemporary Latin America**. New York: Cambridge University Press, 2020. p. 362-398.

BONINI, Lara; MEZZOMO, Frank; PÁTARO, Cristina. Representações político-religiosas de jovens sem religião. In: MEZZOMO, Frank Antônio Mezzomo (Org.). **Religião, Cultura e Espaço Público**. São Paulo: Olho D'Água, Campo Mourão: Fecilcam, 2016. p. 9-30.

BORDA, Guillermo Flores. A construção de uma 'Nação Cristã' na América Latina. In: PÉREZ GUADALUPE, José Luis; CARRANZA, Brenda (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 131-153.

BOULOS, Guilherme. A esquerda e os evangélicos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 abr. 2021. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/ilQsX>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude (SNJ). **Agenda juventude Brasil: pesquisa sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013**. Brasília, nov. 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **População jovem no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/qxB47>>. Acesso em: 19 mar. 2023.

BRASIL. **Redes Sociais, Notícias Falsas e Privacidade de Dados na Internet**. Brasília: DataSenado, 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/rxMQ9>. Acesso em: 13 nov. 2022.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Politeia, 2019.

BRUNS, Axel. After the “APIcalypse”: social media platforms and their fight against critical scholarly research. **Information, Communication & Society**, Londres, v. 22, n. 11, p. 1544-1566, 2019.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BURITY, Joanildo. ¿Ola conservadora y surgimiento de la nueva derecha cristiana brasileña? la coyuntura postimpeachment en Brasil. **Ciencias Sociales y Religión**, Campinas, SP, v. 22, p. e020015, 2020.

BURITY, Joanildo. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. In: PÉREZ GUADALUPE, José Luis; CARRANZA, Brenda (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 195-215.

CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. de 2005.

CASANOVA, José. The secular and secularisms. **Social Research: An International Quarterly**, New York, v. 76, n. 4, p. 1049-1066, 2009.

CENTRÃO. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fkBC5>. Acesso em: 22 jun. 2023.

COOPER, Melinda. **Family values: between Neoliberalism and the New Social Conservatism**. New York: Zone Books, 2017. Kindle Edition.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://ury1.com/R8qz2>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CUNHA, C. V. Pentecostal cultures in urban peripheries: a socio-anthropological analysis of Pentecostalism in arts, grammars, crime and morality. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 15, n. 1, p. e151401, 2018.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religião e política: ressonância do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. **Rev. Perseu**, São Paulo, ano 7, n. 11, p. 147-166, 2016.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais**. Evangélicos na política e ativismo digital. Curitiba: Appris, 2019.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação**. Salvador: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2020.

CUNNINGHAM, Lorem. Alcançando as 7 áreas de influência. **Jocum Brasil**, [S. l.], 2012. Disponível em: <https://jocum.org.br/as-7-areas-de-influencia/>. Acesso em: 7 mai. 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Emily Hozokawa; ROMANCINI, Richard. [Dossiê] Comunicação, religião e valores contemporâneos. **Revista Líbero**, São Paulo, v. 25, n. 51, p. 144-164, ISSN 2525-3166. Maio/ago. 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1777>. Acesso em: 17 ago 2023.

DIGINOMY. **Twitonomy**. [S. l.]. 2022. Software. Disponível em: <https://www.twitonomy.com/>. Acesso em: 12 mai. 2023.

DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo; CAMPOS, Breno Martins. Sacerdócio, mercadoria e espetáculo: uma perspectiva teórica do consumo de música evangélica no Brasil. **Revista Pandora Brasil**, [S. l.], n. 25, p. 1-21, dez. 2010.

DRUBSCKY, Luiza. Entenda o que é hashtag (#) para que elas servem e como utilizá-las. **Rock Content**, [S. l.], 13 ago. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-hashtag>. Acesso em: 14 maio 2023.

DUNAMISMOVEMENT. **COMO GERAR AVIVAMENTO SUSTENTÁVEL #18** feat. Eduardo Nunes - Dunamis Sprint. YouTube, 8 mar. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/H1pwNDTMRUY>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DUNAMISMUSIC. **Dunamis Hangout #26 - As 7 Esferas da Sociedade**. YouTube, 15 ago. 2017. Disponível em: <https://l1nq.com/TZC9m>. Acesso em: 14 maio 2023.

DUNAMISMUSIC. **Tudo ou Nada - TESTEMUNHO // Téo Hayashi – MOVE**. YouTube, 23 jun. 2017. Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=EvQ1lpX9QNo>. Acesso em: 15 jul. 2023.

DUNKER, Christian. **Lacan e a democracia: clínica e crítica em tempos sombrios**. São Paulo: Boitempo, 2022.

FELLET, João. Governo inclui ONG missionária próxima a Damares em viagem até indígenas recém-contatados na Amazônia. **BBC Brasil**, São Paulo, 11 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51422570>. Acesso em 7 mai. 2023.

FERREIRA, Eli Couto. **Chegou a nossa hora Brasil! A influência político/religiosa do movimento “The Send” na juventude evangélica brasileira**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, p. 183, 2022.

FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. Tradução de Erico Assis. São Paulo: Todavia Editora, 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. Bispo comprou Record em 89. São Paulo, 14 jan. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/14/brasil/27.html>. Acesso em: 12 jul. 2023.

FONSECA, Alexandre Brasil. Mídias, religiões e política no Brasil de Bolsonaro. In: PÉREZ GUADALUPE, J. L.; CARRANZA, B. (orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 309-27.

FONSECA, Nathallia. As igrejas que dominam a nova ala evangélica na Câmara. **Agência Pública**, [S. l.], fevereiro 7, 2023. Disponível em: <https://l1nq.com/wFbGZ>. Acesso em: 21 maio 2023.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. 307f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993.

GOMES, Bianca. Notícia falsa de que Lula vai fechar igrejas evangélicas atingiu 142 milhões de perfis do Twitter. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 ago 2022. Seção Pulso. Disponível em: <http://glo.bo/3MhJ8U2>. Acesso em 1 abr 2023.

HACK, Magno. **Not Just Analytics**. [S. l.], 2022. Software. Disponível em: <https://www.notjustanalytics.com/>. Acesso em: 12 mai. 2023.

HAYASHI, Teófilo. O Brasil continua avançando, temos uma missão de estabelecer o Reino de Deus aqui na Terra e é um momento do despertar da Igreja!!! São Paulo, 1 nov. 2022. **Instagram**: @teohayashi e @krigner. Disponível em: <https://bit.ly/3IXRQMz>. Acesso em: 31 mar 2023.

HAYASHI, Teófilo. **O reino inabalável**. Editora Quatro Ventos, 2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Individualism, the validation of faith, and the social nature of religion in modernity. In: FENN, Richard K. (Ed.). **The Blackwell companion to sociology of religion**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2001. p. 161-175.

HOOVER, Stewart. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, p. 41-68, 2014.

IYENGAR, Shanto; WESTWOOD, Sean J. Fear and loathing across party lines: new evidence on group polarization. **American Journal of Political Science**, Bloomington, v. 59, n. 3, p. 690-707, 2015.

JULIÃO, Fabrício. Bolsonaro anuncia corte em Imposto de Importação de videogames e acessórios a partir de 1º de julho. **CNN Brasil Business**, São Paulo, 16 jun. 2022. Disponível em: <https://l1nq.com/GobXG>. Acesso em: 13 ago. 2023.

JÚNIOR, Janary. Lei permite que emissoras de rádio e TV comercializem toda programação com terceiros. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília, 13 jul. 2022. Disponível em: <https://urx1.com/8YLyK>. Acesso em: 21 maio 2023.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LACERDA, Marina. Contra o comunismo demoníaco: o apoio evangélico ao regime militar brasileiro e seu paralelo com o endosso da direita cristã ao governo Bolsonaro. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 153-176, 2022.

LIMA, Helder. Pastores criticam jejum convocado por Bolsonaro contra a covid-19. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 4 abr. 2020. Disponível em: <https://urx1.com/Xpil9>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LOPES, Guilherme Esteves Galvão. **Evangélicos, mídia e poder: análise da atuação parlamentar na Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

LOPES, Maria Immacolata V., ROMANCINI, Richard. Epistemologia da comunicação. In: CITELLI, Adilson; BERGER Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata V.; FRANÇA, Vera (Orgs.). **Dicionário de comunicação**. Escolas, teorias, autores. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

LUCENA, André. Com emenda da bancada evangélica, reforma tributária amplia isenção a entidades ligadas a igrejas. **Carta Capital**, São Paulo, 7 jul. 2023. Disponível em: <https://encr.pw/6ul97>. Acesso em: 21 maio 2023.

MAFRA, C. Números e narrativas. **Debates do NER**, [S.l.], v. 2, n. 24, p. 13-25, 2013.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2014.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos na disputa pela esfera pública. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, maio-ago. 2011.

MARIANO, Ricardo. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores, secularização e pluralismo em debate. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 710-728, 2016.

MARIANO, R. & GERARDI, D. A. Apoio evangélico a Bolsonaro: sacralização da extrema direita e antipetismo. In: PÉREZ GUADALUPE, J. L.; CARRANZA, B. (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

MARIANO, Ricardo. Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema direita. In: INÁCIO, M. & OLIVEIRA, V. E. (Orgs.). **Democracia e eleições no Brasil: para onde vamos?** São Paulo: Hucitec, 2022.

MEIRELLES, Pedro. Pesquisa acadêmica com dados de mídias sociais: por onde começar? **insightee**, [S. l.] 23 mai. 2021. Disponível em: <https://urx1.com/nm3Og>. Acesso em: 13 ago. 2023.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Uma aventura epistemológica. Entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Revista MATRIZES**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009.

MELLO, Igor. Bolsonaro teve maior votação em cidades com mais evangélicos. **UOL**, Rio de Janeiro, 15 out. 2022. Disponível em: <https://acesse.one/kY6kq>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MICHELLE BOLSONARO ataca Lula com vídeo que associa umbanda às trevas: 'Isso pode?'. **Estadão**, São Paulo, 9 ago 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3YGevu4>>. Acesso em: 11 mar 2023.

MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião**. 2010. 145 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

NAMORATO, Gabriel. **Manual de Transformação Escolar do programa Dunamis 1Luv**. [s.d.]. Disponível em: <https://dunamismovement.com/1luv/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. São Paulo: Zahar, 2020.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. Sellers or buyers in religious markets? The supply and demand of religion. **The Hedgehog Review**, Charlottesville, v. 8, n. 1/2, pp. 69-92, 2006.

NOVAES, Regina. Juventude, religiosidade, territórios e redes: reflexões sobre resultados de pesquisas. In: PINHEIRO, Diógenes (org.) et al. **Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: Unirio, p. 233-265, 2016.

NUNES, Eduardo. 7 Esferas da sociedade. **Escola Dunamis**. [s.d.].

PARAGUASSU, Lisandra. Com rejeição crescente por atuação na epidemia, Bolsonaro apela a evangélicos ao convocar jejum. **Reuters**, Brasília, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://ury1.com/Tfg5m>. Acesso em: 4 ago. 2023.

PEÑA, Gonzalo. **La construcción de la hegemonía en redes y prensa: la disputa del relato 15M** (Tesis doctoral). Universidad Complutense de Madrid, 2017.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico política com o bolsonarismo. **Projeto História**, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, jan./abr. 2023.

PEREIRA, R. S. G.. “Juventude é curtição, o problema é se Jesus voltar”: cultura funk, pentecostalismo e juventudes nas camadas populares. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 41-62, set. 2018.

PÉREZ GUADALUPE, José Luis. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. In: PÉREZ GUADALUPE, José Luis; CARRANZA, Brenda (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 17-109.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: a contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 43-73, 1998.

PROVEZANO, Mérian. Qual a frequência ideal de postagem nas redes sociais? Descubra agora mesmo e engaje ainda mais sua audiência! **Rock Content**, [S. l.], 29 nov. 2017. Disponível em: <https://l1nq.com/6W3gR> Acesso em: 12 mai. 2023.

REVERBEL, P. Um dos fundadores e líderes do MBL também é cantor do Bonde do Rolê. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 7 out. 2016. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/noLP8>>. Acesso em 17 ago. 2023.

RIEDER, Bernhard. **YouTube Data Tools** (Version 1.31), [S. l.], 2015. Software. Disponível em: <https://urx1.com/cLKvW>. Acesso em: 12 mai. 2023.

ROBERTS, Sam. Gary North, apostle of Bible-based economics, dies at 80. **New York Times**, New York, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://ury1.com/1uxCD>. Acesso em: 1 mai. 2023.

ROCHA, Daniel. **Fim dos tempos nos Estados Unidos: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsey e Tim LaHaye (1970-1980)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

RODRIGUES, Kleber Fernando. **“Vida e vida com abundância” - teologia da prosperidade, sagrado e mercado: um estudo de afinidade eletiva entre a TP, o mercado e a ética de consumo na Igreja Universal do Reino de Deus**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

RODRIGUES, Rafael. O recuo estratégico dos evangélicos. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 26 jun. 2023. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-recuo-estrategico-dos-evangelicos>. Acesso em: 4 jul. 2023.

ROMANCINI, Richard. Do “kit gay” ao “monitor da doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 2, p. 87-108, 2018.

ROSA, G. A. M. E . et al.. Percepção de jovens brasileiros sobre as repercussões das redes sociais na subjetividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 37, p. e37349, 2021.

ROSADO, L. A. DA S.; TOMÉ, V. M. N. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, jan. 2015.

RUDNITZKI, Ethel; SCOFIELD, Laura. Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos patrocinou anúncios em canais religiosos, desinformativos e investigados pela Justiça. **Agência Pública**, [S. l.], 28 set. 2020. Disponível em: <https://ury1.com/0Y854>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SAFATLE, Vladimir. A ditadura do sr. Guedes. **El País**, 5 dez. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3LBwb4j>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANCHIS, Pierre. Pentecostalismo e cultura brasileira. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 18(2): 123-126, 1997.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTOS, Lyndon de Araújo. Terrivelmente evangélicos: religião e mídia no Brasil. **Esquerda online**, [S. l.], 21 nov. 2019. Disponível em: <https://ury1.com/FGNQc>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SECULAR. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/secular>. Acesso em: 7 jan. 2023.

SEMÁN, Pablo (Org.). **Religiões e política em tempos de mudança**. São Paulo: Baioneta Editora, 2018.

SMITH, Christian S. (Org.). **American evangelicalism**: embattled and thriving. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila. **Juventudes e democracia na América Latina**. London: Luminare, 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cuJ45>. Acesso em: 04 jan. 2023.

SWATOS Jr., William H.; CHRISTIANO, Kevin J. Secularization theory: the course of a concept. **Sociology of Religion**, Oxford, v. 60, n. 3, p. 209-228, 1999.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

SYLVESTRE, Josué. **Os evangélicos, a constituinte, e as eleições municipais**. Brasília: Editora Papiro, 1988.

VILLARREAL, Daniel. Pastor Johnny Enlow says 'vision' of Donald Trump with 'golden scepter' proves he's president. **Newsweek**, [on-line], 5 jul. 2021. Disponível em: <https://ury1.com/rscam>. Acesso em: 20 mai. 2023.

VON BÜLOW, Marisa; CARVALHO, Priscila Delgado de. O que está em jogo: religião, valores e política. **Nexo**, São Paulo, 23 out. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ayV47>. Acesso em: 28 jun. 2023.

WILCOX, W. Bradford. Reviewed work: American Evangelicalism: embattled and thriving by Christian Smith. **Review of Religious Research**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 281-283, dez. 1999.

WILLIAMS, M. L.; BURNAP, P.; SLOAN, L. Towards an ethical framework for publishing Twitter data in social research: taking into account users' views, online context and algorithmic estimation. **Sociology**, Londres, v. 51, n. 6, p. 1149-1168.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2a ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO 1 - Deputados Evangélicos Eleitos - 57ª Legislatura

NOME DE URNA	ESTADO	PARTIDO	IDEOLOGIA	RAÇA	GÊNERO	CONFESSIONALIDADE	VINCULAÇÃO	FORMA DE CLASSIFICAÇÃO	SITUAÇÃO
FELIPE FRANCISCHINI	PR	UNIÃO	Direita	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus	heteroidentificação	Reeleito
FERNANDO RODOLFO	PE	PL	Direita	Parda	H	Cristã	Igreja Evangélica não identificada	autoidentificação	Reeleito
FILIFE BARROS	PR	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Presbiteriana do Brasil	autoidentificação	Reeleito
FILIFE MARTINS	TO	PL	Direita	Parda	H	Evangélica	Assembleia de Deus Madureira	autoidentificação	
FRANCIANE BAYER	RS	REPUBLICANOS	Direita	Branca	M	Cristã	Igreja Internacional da Graça de Deus	autoidentificação	
GILBERTO ABRAMO	MG	REPUBLICANOS	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito
GILBERTO NASCIMENTO	SP	PSC	Direita	Branca	H	Cristã	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
GILVAN MAXIMO	DF	REPUBLICANOS	Direita	Parda	M	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	
GILVAN O FEDERAL DA DIREITA	ES	PL	Direita	Parda	H	Cristã	Igreja Evangélica não Identificada	heteroidentificação	
GLAUSTIN DA FOKUS	GO	PSC	Direita	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus	heteroidentificação	Reeleito
GUTEMBERG REIS	RJ	MDB	Centro	Branca	H	Evangélica	Igreja Evangélica não identificada	autoidentificação	Reeleito
HELIO FERNANDO BARBOSA LC	RJ	PL	Direita	Preta	H	Evangélica	Igreja Batista	autoidentificação	Reeleito
ISMAEL	SC	PSD	Centro	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus	autoidentificação	
JEFERSON RODRIGUES	GO	REPUBLICANOS	Direita	Parda	H	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	
JEFFERSON CAMPOS	SP	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja do Evangelho Quadrangular	autoidentificação	Reeleito
JORGE BRAZ	RJ	REPUBLICANOS	Direita	Parda	H	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito
JOSÉ MEDEIROS	MT	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Presbiteriana do Brasil	heteroidentificação	Reeleito
JOSIVALDO JP	MA	PSD	Centro	Preta	H	Evangélica	Assembleia de Deus	heteroidentificação	Reeleito
JULIO CESAR	DF	REPUBLICANOS	Direita	Branca	H	Cristã	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito
JUNIO AMARAL	MG	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Evangélica Não Identificada	autoidentificação	Reeleito
KIM KATAGUIRI	SP	UNIÃO	Direita	Amarela	H	Evangélica	Igreja Anglicana	autoidentificação	Reeleito
LINCOLN PORTELA	MG	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Batista Solidária	autoidentificação	Reeleito
LUCAS REDECKER	RS	PSDB	Centro	Branca	H	Evangélica	Igreja Evangélica de Confissão Luterana	autoidentificação	Reeleito
LUCIO MOSQUINI	RO	MDB	Centro	Branca	H	Cristã	Igreja Batista	autoidentificação	Reeleito
MARCEL VAN HATTEM	RS	NOVO	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Evangélica Luterana do Brasil	autoidentificação	Reeleito
MARCELO ÁLVARO ANTÔNIO	MG	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Maranata	autoidentificação	Reeleito
MARCELO CRIVELLA	RJ	REPUBLICANOS	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	
MARCIO MARINHO	BA	REPUBLICANOS	Direita	Preta	H	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito
MARCOS PEREIRA	SP	REPUBLICANOS	Direita	Parda	H	Cristã	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito
MARCOS RR SOARES	RJ	UNIÃO	Direita	Branca	H	Evangélica	Internacional da Graça de Deus	autoidentificação	Reeleito
MARCOS TAVARES	RJ	PDT	Esquerda	Branca	H	Evangélica	Igreja Evangélica não identificada	heteroidentificação	Reeleito
MARIA ROSAS	SP	REPUBLICANOS	Direita	Parda	M	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito
MARINA SILVA	SP	REDE	Esquerda	Preta	M	Evangélica	Assembleia de Deus do Novo Dia	autoidentificação	
MESSIAS DONATO	ES	REPUBLICANOS	Direita	Parda	H	Evangélica	Igreja do Evangelho Quadrangular	autoidentificação	
MILTON VIEIRA	SP	REPUBLICANOS	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito

NOME DE URNA	ESTADO	PARTIDO	IDEOLOGIA	RAÇA	GÊNERO	CONFESSIONALIDADE	VINCULAÇÃO	FORMA DE CLASSIFICAÇÃO	SITUAÇÃO
ABÍLIO	MT	PL	Direita	Branca	H	Cristã	Igreja Evangélica Não Identificada	heteroidentificação	
AGUINALDO RIBEIRO	PB	PP	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Batista	autoidentificação	Reeleito
ALEX SANTANA	BA	REPUBLICANOS	Direita	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
AMARO NETO	ES	REPUBLICANOS	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Evangélica Não Identificada	autoidentificação	Reeleito
ANDRÉ FERNANDES	CE	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Não identificadafica	autoidentificação	
ANDRÉ FERREIRA	PE	PL	Direita	Parda	H	Evangélica	Igreja Verbo da Vida	autoidentificação	Reeleito
ANDRÉ JANONES	MG	AVANTE	Centro	Branca	H	Evangélica	Igreja Batista da Lagoinha	autoidentificação	Reeleito
ANTÔNIA LUCIA	AC	REPUBLICANOS	Direita	Parda	M	Evangélica	Assembleia de Deus Ministério de Madureira	autoidentificação	
AUREO RIBEIRO	RJ	SOLIDARIEDADE	Centro	Branca	H	Evangélica	Igreja Metodista	autoidentificação	Reeleito
BENEDITA DA SILVA	RJ	PT	Esquerda	Preta	M	Evangélica	Igreja Presbiteriana do Brasil	autoidentificação	Reeleito
CAPITÃO ALBERTO NETO	AM	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Sem denominação	autoidentificação	Reeleito
CAPITÃO ALDEN	BA	PL	Direita	Parda	H	Evangélica	Igreja Evangélica Não Identificada	heteroidentificação	
CARLOS GOMES	RS	REPUBLICANOS	Direita	Parda	H	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito
CELO SABINO	PA	UNIÃO	Direita	Branca	H	Cristã	Igreja Evangélica Não Identificada	heteroidentificação	Reeleito
CEZINHA DE MADUREIRA	SP	PSD	Centro	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus do Brás	autoidentificação	Reeleito
CLARISSA TÉRCIO	PE	PP	Direita	Branca	M	Evangélica	Assembleia de Deus Ministério Novas de Paz	autoidentificação	
CORONEL FERNANDA	MT	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus	heteroidentificação	
CORONEL ULYSSES	AC	UNIÃO	Direita	Preta	H	Evangélica	Comunidade Batista Vida	autoidentificação	
CRISTIANE LOPES	RO	UNIÃO	Direita	Parda	M	Evangélica	Igreja Santa Geração	autoidentificação	
DANI CUNHA	RJ	UNIÃO	Direita	Branca	M	Evangélica	Igreja Evangélica não identificada	autoidentificação	
DANIEL AGROBOM	GO	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Mundial do Poder de Deus	heteroidentificação	
DANIELA DO WAGUINHO	RJ	UNIÃO	Direita	Branca	M	Evangélica	Igreja de Nova Vida	autoidentificação	Reeleito
DAVID SOARES	SP	UNIÃO	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Internacional da Graça de Deus	autoidentificação	Reeleito
DAYANY DO CAPITÃO	CE	UNIÃO	Direita	Preta	M	Cristã	Igreja Evangélica Não Identificada	heteroidentificação	
DELEGADA IONE BARBOSA	MG	AVANTE	Centro	Parda	M	Cristã	Igreja Batista	autoidentificação	
DELTAN DALLAGNOL	PR	PODE	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Batista	heteroidentificação	
DETINHA	MA	PL	Direita	Parda	M	Evangélica	Igreja Mundial do Poder de Deus	autoidentificação	
DR FERNANDO MÁXIMO	RO	UNIÃO	Direita	Branca	H	Cristã	Igreja evangélica não identificada	autoidentificação	
DR JAZIEL	CE	PL	Direita	Branca	H	Cristã	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
DR. LUIZ OVANDO	MS	PP	Direita	Branca	H	Cristã	Igreja Batista Kairós	autoidentificação	Reeleito
DR. VICTOR	ES	PODE	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Evangélica não Identificada	heteroidentificação	
EDUARDO BOLSONARO	SP	PL	Direita	Branca	H	Cristã	Comunidade Batista do Rio de Janeiro	autoidentificação	Reeleito
ELI BORGES	TO	PL	Direita	Parda	H	Evangélica	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
FAUSTO PINATO	SP	PP	Direita	Branca	H	Evangélica	Sem denominação	autoidentificação	Reeleito
FAUSTO SANTOS JR	AM	UNIÃO	Direita	Branca	H	Cristã	Igreja Evangélica Não Identificada	autoidentificação	

NOME DE URNA	ESTADO	PARTIDO	IDEOLOGIA	RAÇA	GÊNERO	CONFESSIONALIDADE	VINCULAÇÃO	FORMA DE CLASSIFICAÇÃO	SITUAÇÃO
NELY AQUINO	MG	PODE	Direita	Parda	M	Evangélica	Igreja Batista da Lagoinha	heteroidentificação	
NIKOLAS FERREIRA	MG	PL	Direita	Branca	H	Cristã	Igreja Comunidade Evangélica Graça e Paz	heteroidentificação	
OLIVAL MARQUES	PA	MDB	Centro	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus	heteroidentificação	Reeleito
OTONI DE PAULA	RJ	MDB	Centro	Preta	H	Evangélica	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
PASTOR GIL	MA	PL	Direita	Preta	H	Evangélica	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
PASTOR DINIZ	RR	UNIÃO	Direita	Parda	H	Evangélica	Assembleia de Deus	autoidentificação	
PASTOR EURICO	PE	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
PASTOR HENRIQUE VIEIRA	RJ	PSOL	Esquerda	Preta	H	Evangélica	Igreja Batista do Caminho	autoidentificação	
PASTOR MARCO FELICIANO	SP	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus Catedral do Avivamento	autoidentificação	Reeleito
PASTOR SARGENTO ISIDÓRIO	BA	AVANTE	Centro	Preta	H	Evangélica	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
PAULO FREIRE DA COSTA	SP	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus Ministério Belém	autoidentificação	Reeleito
RAIMUNDO SANTOS	PA	PSD	Centro	Parda	H	Evangélica	Igreja Evangélica não identificada	autoidentificação	
REJANE DIAS	PI	PT	Esquerda	Branca	M	Evangélica	Igreja Batista	autoidentificação	Reeleito
RENILCE NICODEMOS	PA	MDB	Centro	Parda	M	Evangélica	Igreja Evangélica Não identificada	heteroidentificação	
RODRIGO VALADARES	SE	UNIÃO	Direita	Branca	H	Evangélica	Não identificadafica	autoidentificação	
ROGERIA SANTOS	BA	REPUBLICANOS	Direita	Branca	M	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	heteroidentificação	
ROSANGELA GOMES	RJ	REPUBLICANOS	Direita	Preta	M	Cristã	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito
SARGENTO GONÇALVES	RN	PL	Direita	Branca	H	Cristã	Igreja Batista	autoidentificação	
SÉRGIO BRITO	BA	PSD	Centro	Parda	H	Evangélica	Igreja Batista	heteroidentificação	Reeleito
SILAS CÂMARA	AM	REPUBLICANOS	Direita	Parda	H	Evangélica	Assembleia de Deus em Belém	autoidentificação	Reeleito
SILVIA WAIÃPI	AP	PL	Direita	Indígena	M	Evangélica	Igreja Evangélica Não identificada	heteroidentificação	
SONIZE BARBOSA	AP	PL	Direita	Branca	M	Cristã	Igreja Evangélica Não Identificada	autoidentificação	
SÓSTENES CAVALCANTE	RJ	PL	Direita	Branca	H	Evangélica	Assembleia de Deus Vitória em Cristo	autoidentificação	Reeleito
STEFANO AGUIAR	MG	PSD	Centro	Branca	H	Evangélica	Igreja do Evangelho Quadrangular	autoidentificação	Reeleito
TONINHO WANDSCHEER	PR	PROS	Centro	Branca	H	Cristã	Assembleia de Deus	autoidentificação	Reeleito
VINICIUS CARVALHO	SP	REPUBLICANOS	Direita	Branca	H	Evangélica	Igreja Universal do Reino de Deus	autoidentificação	Reeleito